

UNIVERSIDADE ABERTA



„Em Busca do Paraíso“:
Memórias, Dificuldades de Adaptação e Projetos de Vida
de Jovens Requerentes de Asilo na Alemanha

Teresa Ratão Vasconcelos Miranda Skubowius

Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais

Orientadora: Professora Doutora Natália Ramos

2019

*Aos meus alunos das turmas
SPRINT e SPRINT-Dual.*

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
ZUSAMMENFASSUNG	8
SIGLAS UTILIZADAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	12
1.1. Problemática da pesquisa	12
1.1.1. Objetivos da pesquisa	13
1.1.2. Estado da arte.....	13
1.1.3. Metodologia da pesquisa.....	14
1.2. Etapas da pesquisa	15
1.2.1. Pesquisa bibliográfica e contactos exploratórios.....	16
1.2.2. Trabalho de campo	16
1.2.2.1. Seleção dos participantes.....	17
1.2.2.2. Entrevistas com os jovens	19
1.2.3. Análise dos dados recolhidos.....	20
1.3. Dificuldades da pesquisa	20
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1. Clarificação dos conceitos de <i>migrante, refugiado e requerente de asilo</i>	24
2.1.1. Migrante.....	24
2.1.2. Refugiado.....	25
2.1.3. Requerente de asilo	28
2.2. Género, migração, exílio e Islão	29
2.2.1. Género, migração e exílio.....	29
2.2.2. Migração e empoderamento	31
2.2.3. Mulher muçulmana e imigração: a questão do uso do <i>hiyab</i>	32
2.3. Migração e exílio da perspetiva intercultural, psicopatológica e da saúde	34
2.3.1. Efeitos da violência e da guerra na população infantil e juvenil.....	34
2.3.2. Migração, aculturação e adaptação	36
2.3.2.1. O processo migratório e mudança	36
2.3.2.2. Estratégias de adaptação e aculturação	38
2.3.3. Dificuldades nas interações interculturais	42
2.3.3.1. Stresse de aculturação	42
2.3.3.2. Desvinculação.....	43
2.3.3.3. Estereótipos	44
2.3.3.4. Viés nas atribuições	45
2.3.3.5. Etnocentrismo	45
2.3.3.6. Discriminação percecionada.....	47
2.3.4. Resiliência e adaptação	48
2.3.4.1. Fatores de proteção.....	49
2.3.5. Competências interculturais.....	50
2.3.5.1. Estratégias interculturais e políticas educativas de integração	52
3. MIGRANTES, REQUERENTES DE ASILO E REFUGIADOS NA ALEMANHA.....	54
3.1. Movimentos migratórios para a Alemanha na última década (2010-2016)	54
3.2. A crise migratória e humanitária de 2015 e 2016	54
3.2.1. Origem dos pedidos de asilo na Alemanha e na Baixa-Saxónia.....	55
3.2.1.1. Situação na Síria.....	56

3.2.1.2.	Situação no Afeganistão.....	56
3.2.1.3.	Situação no Iraque.....	57
3.2.2.	O processo de pedido de asilo na Alemanha (Baixa-Saxónia)	57
3.2.3.	Estatutos concedidos na Alemanha.....	59
3.2.3.1.	Direito a asilo.....	59
3.2.3.2.	Refugiado	60
3.2.3.3.	Proteção subsidiária.....	61
3.2.3.4.	Recusas de asilo: tolerados e repatriamento (Baixa-Saxónia).....	62
3.3.	Resumo das atuais políticas de integração de migrantes e refugiados.....	63
3.4.	Medidas de “apoio” à integração de requerentes de asilo e refugiados.....	65
3.4.1.	<i>SPRINT</i> : um projeto piloto da Baixa-Saxónia para a integração de jovens requerentes de asilo e refugiados	66
3.5.	A situação atual de integração dos refugiados na Alemanha.....	67
3.5.1.	A situação das mulheres refugiadas na Alemanha.....	69
3.6.	A sociedade alemã face à crise migratória e humanitária de 2015-2016: entre “cultura de boas-vindas”, extrema-direita, islamofobia, racismo e xenofobia... ..	70
4.	MEMÓRIAS, DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO E PROJETOS DE VIDA DE SEIS JOVENS REQUERENTES DE ASILO.....	74
4.1.	Apresentação e análise dos casos.....	74
4.1.1.	Entrevista S1 (jovem síria, 19 anos)	75
4.1.2.	Entrevista S2 (jovem sírio, 20 anos)	82
4.1.3.	Entrevista A1 (jovem afegã, 18 anos)	88
4.1.4.	Entrevista A2 (jovem afegão, 18 anos)	97
4.1.5.	Entrevista I1 (jovem iraquiana, 18 anos)	105
4.1.6.	Entrevista I2 (jovem iraquiano, 21 anos)	118
4.2.	Análise global.....	125
4.2.1.	Caracterização dos jovens.....	126
4.2.2.	Situação anterior ao exílio.....	127
4.2.2.1.	Vida familiar	128
4.2.2.2.	Ocupações e rotinas	128
4.2.2.3.	Dificuldades no país de origem	129
4.2.2.4.	Plano de fuga/ exílio.....	130
4.2.3.	Situação durante a fuga	131
4.2.3.1.	Duração da viagem.....	132
4.2.3.2.	Experiências marcantes.....	132
4.2.3.3.	Sentimentos dominantes.....	133
4.2.4.	Situação na Alemanha.....	134
4.2.4.1.	Redes de apoio à chegada.....	134
4.2.4.2.	Vida familiar	134
4.2.4.3.	Situação escolar	135
4.2.4.4.	Ocupações e rotinas	135
4.2.4.5.	Dificuldades de adaptação na Alemanha	136
4.2.4.6.	Apoios recebidos na Alemanha.....	136
4.2.4.7.	Relação com os alemães.....	137
4.2.4.8.	Contacto/ relação com outros refugiados.....	137
4.2.4.9.	Estratégias de integração na sociedade alemã.....	138
4.2.5.	Projetos de vida	138
4.3.	Análise de questões de género	139
4.3.1.	Raparigas.....	139
4.3.2.	Rapazes	143

5. CONCLUSÕES.....	144
6. RECOMENDAÇÕES PARA A POLÍTICA PÚBLICA ALEMÃ.....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	153
ANEXO I – Guião de entrevista aos jovens requerentes de asilo.....	160
ANEXO II – Tradução dos tópicos e subtemas do guião de entrevista.....	163
ANEXO III – Declaração de consentimento dos participantes	165

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente ao Alexander, que me incentivou, no final de 2015, a candidatar-me ao projeto de integração de jovens refugiados *SPRINT*; à Guida, minha irmã-gêmea, que apesar da distância está sempre presente e me transmitiu “o bichinho” da Psicologia; à minha mãe, que sempre se interessou pelo meu mestrado e pelo meu trabalho com os jovens requerentes de asilo e refugiados.

Um grande obrigado à minha orientadora, Prof. Doutora Natália Ramos, pela inteira disponibilidade, pelo apoio prestado, pelo interesse e incentivo, ao longo destes dois anos.

Quero agradecer também aos seis jovens entrevistados, no âmbito desta dissertação, pela generosidade demonstrada na partilha dos seus sentimentos e experiências mais difíceis.

Por último, quero exprimir a minha gratidão à coordenadora do projeto *SPRINT* na escola *BBS-me*, Helga Hülsmann, pela boa-vontade com que desde o ano letivo de 2018/19 me possibilitou ter um dia livre por semana, de maneira a poder finalizar esta investigação.

RESUMO

A presente investigação insere-se no campo dos estudos sobre migrações, mais concretamente das migrações forçadas, na temática das experiências de fuga e exílio de jovens requerentes de asilo.

Recorreu-se aos relatos autobiográficos de seis jovens participantes (três rapazes e três raparigas) dos três países com mais pedidos de asilo na Alemanha, nos anos de 2015 e 2016 – a Síria, o Afeganistão e o Iraque – para uma melhor compreensão das memórias, trajetórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida destes jovens.

Este estudo pretende conhecer, através do contacto com experiências bastante concretas de seis jovens, as circunstâncias, as dificuldades e a realidade psicossocial, cultural e política vivida por este grupo de jovens, antes e depois do pedido de asilo na Alemanha.

Escapando-se à perspetiva homogeneizadora dos estudos quantitativos, pretende-se obter um conhecimento mais aprofundado e diversificado das dificuldades e dos contextos de inserção dos jovens requerentes de asilo e refugiados, na Alemanha, nomeadamente, mostrar que as biografias, as memórias e as dificuldades de integração destes jovens são constituídas por uma pluralidade de vivências e “facetadas”, estando algumas delas relacionadas com questões de género.

No final, são delineadas algumas estratégias e caminhos que contribuam para práticas e políticas promotoras de uma integração plena e participativa deste grupo, na sociedade alemã.

Palavras chave: relatos autobiográficos; migração forçada; requerentes de asilo; refugiados; adaptação; integração; projetos de vida.

ABSTRACT

The present research is about migration studies, more specifically concerning the experiences of escape and exile of young asylum seekers.

Six autobiographical stories of six young participants (three boys and three girls) from Syria, Afghanistan and Iraq were used - countries with most asylum applications in Germany during 2015 and 2016. These stories were used for a better understanding of memories, paths of life, adaptation difficulties and life projects of these young people.

Having contact with the very real life experiences this study aims to find out about the circumstances, the difficulties and the psychosocial, cultural and political reality lived by this group, before and after the application for asylum in Germany.

Being different from the homogenizing perspective of quantitative studies, it is hoped that this study shows a detailed and diversified understanding of the difficulties and contexts of insertion of young asylum seekers and refugees in Germany. In particular, it is shown that biographies, memories and difficulties in integration of these young people are made up of a plurality of experiences and "facets", some of them related to gender issues.

In the end, some strategies and paths that contribute to practices and policies that promote a full and participative integration of this group in German society are outlined.

Keywords: autobiographical accounts; forced migration; asylum seekers; refugees; adaptation; integration; life projects.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Forschungsarbeit aus dem Bereich Migrationsstudien befasst sich mit der Thematik von Flucht- und Exilerfahrungen von Jugendlichen, die in Deutschland Asyl beantragt haben. Die Studie basiert auf autobiographischen Berichten / Interviews von sechs Jugendlichen (jeweils drei weibliche und männliche Personen) aus den drei Staaten, die in den Jahren 2015 und 2016 die meisten Asylantragstellenden auf sich vereinen (Syrien, Afghanistan, Irak) und hat zum Ziel, ein besseres Verständnis für die kollektiven Erfahrungen, ihre bisherigen Lebenswege und Anpassungsherausforderungen sowie die zukünftige Lebensplanungen der Jugendlichen zu gewinnen.

Im Rahmen der Fallstudien werden die konkreten Erfahrungen der Jugendlichen im Hinblick auf die jeweiligen Lebensumstände und Schwierigkeiten sowie die psychosozialen, kulturellen und politischen Realitäten nachgezeichnet, und zwar in einer bewussten Gegenüberstellung der beiden Lebensphasen vor der Flucht und nach der Asylantragsstellung in Deutschland.

Die Arbeit setzt sich damit methodisch von quantitativen und systematisch-verallgemeinernden Analysen ab, um ein tieferes und vielfältigeres Verständnis der spezifischen Facetten von Lebenskontexten und Anpassungsschwierigkeiten zu gewinnen, mit den sich die Jugendlichen konfrontiert sehen. Ein Schwerpunkt der Analyse liegt dabei auch auf genderrelevanten Aspekten.

Abschließend werden exemplarisch strategische Handlungsempfehlungen für verbesserte integrationspolitische Maßnahmen abgeleitet, die an verschiedene politisch-institutionelle Stakeholdergruppen gerichtet sind.

Schlagerworte: autobiographische Interviews, Zwangsmigration, Asylantragstellende, Flüchtlinge, Adaption, Integration, Lebensprojekte.

SIGLAS UTILIZADAS

ACNUR	<i>Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados</i>
AfD	<i>Alternative für Deutschland</i> [Alternativa para a Alemanha, Partido alemão populista de extrema-direita]
AWO	<i>Arbeiterwohlfahrt</i> [Associação caritativa alemã descentralizada]
BAMF	<i>Bundesamt für Migration und Flüchtlinge</i> [Agência Federal para a Migração e para os Refugiados]
BES	<i>Berufseinstiegsschule</i> [Ramo (preparatório) do sistema de ensino profissional]
ERODAC	[Base de dados europeia de impressões digitais]
GG	<i>Grundgesetz</i> [Constituição fundamental alemã]
IAB	<i>Instituto für Arbeitsmarkt- und Berufsforschung</i> [Instituto para o Mercado de Trabalho e Investigação Laboral]
IS	<i>Estado Islâmico</i>
MIPEX	<i>Migrant Integration Policy Index</i>
PNUD	<i>Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento</i>
QECRL	<i>Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas</i>
SPRINT	[Projeto-piloto de integração de jovens requerentes de asilo e refugiados, a decorrer na Baixa Saxónia, Alemanha]
UE	<i>União Europeia</i>
UNDP	<i>United Nations, Development Programme</i>
UNHCR	<i>United Nations High Commissioner for Refugees</i>

INTRODUÇÃO

No momento em que finalizávamos a frequência do primeiro semestre do Mestrado de Relações Interculturais, em meados de 2015, os meios de comunicação chamavam a nossa atenção para a triste realidade das migrações forçadas e clandestinas, transmitindo regularmente imagens de embarcações sobrelotadas, na travessia do Mar Mediterrâneo, ou de centenas de pessoas tentando alcançar a pé, diariamente, as fronteiras de países membros da União Europeia. Até ao final do mesmo ano, haveriam de entrar na Alemanha – qual espaço ansiado e idealizado por muitos – quase novecentas mil pessoas em busca de proteção, segurança e melhores condições de vida, sendo que cerca de metade destes indivíduos tinha menos de vinte e cinco anos e entre os quais se encontravam maioritariamente jovens rapazes provenientes da Síria, do Afeganistão e do Iraque.

Para além do interesse académico e científico que justifica a elaboração desta dissertação, existem igualmente motivações de ordem profissional, uma vez que, desde janeiro de 2016, tenho estado envolvida como professora de Alemão num projeto de integração de jovens requerentes de asilo e refugiados, *SPRINT*, a decorrer em diversas escolas profissionais da Baixa Saxónia, Alemanha. A rapidez com a qual este projeto piloto foi criado pelo Ministério da Educação deste estado federal implicou o aumento de profissionais de índoles diversas (pedagogos, professores de educação especial, assistentes sociais e terapeutas) com a formação adequada e a experiência necessária para trabalharem com estes jovens migrantes, não raras as vezes, doentes, traumatizados e pouco socializados com valores, hábitos e regras “ocidentais”. Neste contexto, o nosso trabalho e envolvimento com muitos dos jovens das turmas de integração ultrapassou, frequentemente, o contexto estrito da sala de aula, pois as necessidades, as dificuldades e os problemas eram muitos. Assim, foi também devido ao trabalho realizado nas duas equipas em que tenho estado envolvida e ao intenso contacto com os alunos, dentro e fora da sala de aula, e ainda graças ao grande incentivo e constante interesse da professora Doutora Natália Ramos pelo meu trabalho com estes jovens, que surgiu a vontade de realizar um estudo de caso centrado nas experiências de jovens requerentes de asilo, que abrangesse três momentos biográficos – as suas memórias, as suas dificuldades atuais e os seus projetos futuros – e, simultaneamente focasse algumas questões de género.

No que diz respeito à sua organização, a presente dissertação é composta por seis capítulos. No primeiro, são apresentadas a problemática e a metodologia do estudo. No segundo, é feito um enquadramento teórico, no qual são tratados conceitos e teorias

relacionadas com os fenómenos da migração, do exílio, também de uma perspectiva de género, para depois nos centrarmos nas perspectivas da Psicologia Clínica e da Saúde e da Psicologia Intercultural, abordagens tão importantes para a compreensão da temática proposta. No terceiro capítulo, ocupamo-nos dos movimentos migratórios para a Alemanha da última década, da crise migratória e humanitária de 2015-2016, dos estatutos de proteção concedidos neste país, das linhas políticas de integração de migrantes e refugiados, de algumas das medidas políticas de apoio à integração de requerentes de asilo e refugiados, da atual situação de integração desde grupo e abordaremos também alguns debates políticos atuais e problemas na sociedade, em torno destas questões, na Alemanha. No quarto capítulo, apresentamos os resultados das entrevistas aos seis jovens – primeiro, a análise individual dos casos, seguindo-se a análise global e, por último, a análise de uma perspectiva de género. No quinto capítulo, teceremos conclusões e no sexto são delineadas algumas estratégias e caminhos possíveis para as práticas e políticas alemãs, no sentido da promoção de uma integração plena e participativa deste grupo, na sociedade alemã. Finalizaremos o trabalho com a apresentação da Bibliografia e dos Anexos.

1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1.1. Problemática da pesquisa

Nas últimas décadas, os fluxos de migração forçada têm vindo a aumentar, abrangendo todos os continentes e os diversos sectores da vida pública. Segundo dados das *Nações Unidas*, o número de pessoas forçadas a abandonar os seus países de origem em busca de asilo disparou de cerca de 11 milhões, no final de 2013, para 16,1 milhões, no final de 2015. Esta situação fica a dever-se a conflitos armados, perseguições étnicas e religiosas, incumprimento de direitos humanos, pobreza extrema ou mudanças climáticas, em diversas regiões do Médio Oriente, da Ásia Central, da África Oriental e Equatorial (UNHCR, 2016).

O número crescente de populações em busca de asilo disparou também em diversos países da *União Europeia (UE)*, nomeadamente na Alemanha. Estatísticas governamentais informam-nos que, só no ano de 2015, este país acolheu oitocentas e noventa mil pessoas (BAMF, 2016a, p. 9), das quais um terço eram indivíduos provenientes da Síria, a grande maioria do sexo masculino e cerca de metade tinha idade inferior a 25 anos (Fratzscher & Junker, 2015, p. 1083).

Este facto coloca a sociedade e os seus diferentes sectores sociais, em particular, a instância educativa e a escolar, perante um enorme desafio (Ramos, 2013b, p. 117), nomeadamente o de dar apoio e formação a este grupo etário, para uma plena integração desta população no país de acolhimento – neste caso, na Alemanha.

Como o próprio título indica, esta investigação pretende associar as noções de “memória”, “dificuldades de integração” e “projetos de vida” de um pequeno número de jovens requerentes de asilo. Assim, trata-se de analisar e relacionar três eixos da história de vida migratória de cada jovem. Em primeiro lugar, trata-se de conhecer, compreender e descrever, de forma sistemática, as memórias do passado, as diversas dificuldades de adaptação do presente, na sociedade de acolhimento, assim como os planos de futuro dos seis jovens entrevistados. Tentaremos, para isso, identificar algumas características transversais aos seis estudos de caso. Numa segunda fase, é nosso propósito elaborar uma análise numa perspetiva de género, que permita entender, sem generalizações, quais são os problemas, dificuldades e mudanças específicos dos três jovens homens e das três jovens mulheres. Posteriormente, tentaremos definir algumas estratégias e orientações para melhorar a situação de integração e de cidadania destes jovens, de forma a que estes possam participar, de forma plena, na sociedade alemã.

1.1.1. Objetivos da pesquisa

O presente estudo pretende alcançar, através da recolha de seis testemunhos autobiográficos de seis jovens requerentes de asilo, os seguintes objetivos:

1) conhecer, compreender e descrever as memórias do passado, as diversas dificuldades de adaptação do presente (de carácter escolar, comunicacional, social, cultural, a nível da saúde, do alojamento, da sua situação familiar, do seu estatuto político) na sociedade de acolhimento, assim como os planos de futuro dos seis jovens;

2) elaborar uma análise numa perspetiva intercultural e de género, que permita conhecer as dificuldades específicas, estratégias e trajetórias de integração de cada um dos seis jovens migrantes, para melhor compreensão deste grupo. Tentaremos, para além disso, identificar algumas características transversais aos seis estudos de caso.

3) definir algumas estratégias e orientações para melhorar a situação de integração destes jovens, de forma a que este possam participar, de forma plena, na sociedade alemã.

Este estudo tem relevância por permitir entrarmos em contacto com experiências bastante concretas e possibilitar identificar e compreender circunstâncias, dificuldades e a realidade psicossocial, cultural e política vivida por este grupo de jovens, antes e depois do pedido de asilo na Alemanha. Assim, será possível obter um conhecimento mais aprofundado e diversificado das dificuldades e dos contextos de inserção dos jovens requerentes de asilo e refugiados na Alemanha, escapando à perspetiva homogeneizadora dos estudos quantitativos.

Espera-se que esta investigação contribua para identificar e compreender que as biografias, as memórias e as dificuldades de integração de jovens requerentes de asilo têm diversas “facetas” e particularidades e relacionar, entre a pluralidade de vivências dos jovens, aquelas que poderão estar relacionadas com questões de género. Apesar de os entrevistados não serem representativos da comunidade de requerentes de asilo e refugiados na Alemanha, as suas histórias e vivências permitirão compreender essa realidade de uma forma mais aprofundada e multifacetada, ajudando-nos, no final, a delinear algumas estratégias que contribuam para práticas e políticas promotoras de uma integração plena e participativa destes jovens, na sociedade alemã.

1.1.2. Estado da arte

Desde o início da crise migratória e humanitária de 2015-2016 foram publicadas na Alemanha diversas investigações exploratórias com requerentes de asilo e refugiados. Na sua maioria, os estudos realizados usaram métodos quantitativos para analisar aspetos como a

escolarização/formação, a situação atual a nível de alojamento, o uso dos média digitais e o estado de saúde física, psicológica e ainda sobre o bem-estar de pessoas em situação de asilo (Johansson *et al.*, 2016; Gambaro *et. al.*, 2018).

Os autores de uma investigação abrangente sobre a situação dos refugiados na Alemanha, publicada em 2016, chamavam a atenção para a necessidade de estudos que usem e/ ou combinem métodos de análise, de forma a conhecer de forma menos fechada, mas também mais profunda e detalhada, a situação dos refugiados neste país (Johansson *et al.*, 2016).

Em 2017, foi publicado pelo *Centro de Investigação em Migração, Integração e Asilo da Agência Federal para a Migração e para os Refugiados (BAMF)* um estudo abrangente sobre mulheres refugiadas na Alemanha entre os anos de 2012 e 2016. Contudo, o referido estudo centrou-se apenas em questões como a aquisição de conhecimentos linguísticos, a formação e a situação no mercado de trabalho deste grupo (Worbs & Baraulina, 2017).

Hanewinkel (2018) alerta para uma certa „invisibilidade“ das mulheres migrantes e refugiadas, pois este grupo ainda permanece excluído das investigações sobre migração.

No início de 2019, o *Instituto para o Mercado de Trabalho e Investigação Laboral (IAB)* publicou um relatório relativamente à evolução da situação da integração de refugiados na Alemanha. Este estudo baseou-se em dados de um inquérito representativo de longa duração, a decorrer desde 2016. O inquérito recolheu informações sobre os conhecimentos linguísticos, dos problemas de saúde física e psíquica, a frequência de cursos de integração, escolas profissionais e universidades e ainda a taxa de emprego de homens e mulheres refugiados (Brücker *et al.*, 2019). Tal como no caso dos estudos anteriores, trata-se de uma publicação que foca a situação deste grupo numa perspetiva socioeconómica.

Neste contexto, o presente estudo de caso, com seis jovens requerentes de asilo – que se centra em três eixos biográficos (memórias, dificuldades de integração e projetos de vida) e tem em conta também questões de género – permite proporcionar uma nova perspetiva sobre a situação de vida (problemas, dificuldades, necessidades e planos de vida) e sobre a integração de jovens homens e jovens mulheres em busca de asilo e refúgio, na Alemanha.

1.1.3. Metodologia da pesquisa

Ainda que sejam dominantes, na Alemanha, na área de estudo com requerentes de asilo e refugiados, os estudos exploratórios quantitativos, a presente pesquisa é desenvolvida numa metodologia exploratória de cariz qualitativo, recorrendo aos relatos autobiográficos. Este

estudo faz uso da metodologia das histórias de vida (de tipo temático), ou seja, de «testemunhos biográficos que contêm a experiência pessoal de indivíduos concretos» (Pardal & Lopes, 2011, p. 42) – neste caso específico, de seis jovens requerentes de asilo, provenientes da Síria, do Afeganistão e do Iraque.

O uso do método das histórias de vida justifica-se por este permitir evidenciar as especificidades e diversidades internas de um grupo que, frequentemente, é tomado como homogéneo, mas que não o é, como salienta Melissa Fleming¹:

Um dos nossos maiores erros quando olhamos para a „crise dos refugiados“ é pensar em multidões em marcha, numa massa uniforme, onde só se percebe ruído e se teme uma invasão. As massas apagam as pessoas, tiram-lhes a alma. Na verdade, devíamos ser capazes de parar em cada uma destas pessoas, sem desviar o olhar, nem acelerar o tempo (UNHCR, 2016).

Para além disso, este método possibilita revelar múltiplas “facetas” das dificuldades e dos problemas de adaptação de jovens em busca de asilo, que se interrelacionam devido a múltiplos fatores distintos e alguns interdependentes.

Como técnica de recolha da informação, foi usada a entrevista aprofundada com perguntas abertas. Recorrendo-se a um guião de entrevista, os jovens responderam a quatro questões centrais:

- 1) Como era a sua vida antes de abandonarem os seus países / regiões de origem?
- 2) Quais as principais memórias da experiência de migração/ fuga/ pedido de asilo / exílio?
- 3) Que dificuldades e problemas de adaptação experimentaram na Alemanha?
- 4) Que planos têm estes jovens para o futuro?

As respostas a estas questões foram anotadas individualmente, durante e no final das entrevistas. Posteriormente, estas foram resumidas e analisadas pela investigadora na terceira pessoa, recorrendo-se à análise de conteúdo das mesmas.

1.2. Etapas da pesquisa

O presente estudo desenvolve-se em quatro etapas, que passamos a definir:

1ª etapa: pesquisa bibliográfica e contactos exploratórios com os jovens;

2ª etapa: trabalho de campo (entrevistas aos jovens);

3ª etapa: análise individual e global das histórias de vida e a análise de uma perspetiva de género;

4ª etapa: definição de estratégias e orientações para melhorar a situação de vida e de

¹ Alta Funcionária do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas (ACNUR).

integração destes jovens.

As quatro fases em que decorreu a pesquisa não corresponderam sempre exatamente a uma sucessão linear, uma vez que entre a primeira (pesquisa bibliográfica) e as restantes etapas se deu uma sobreposição, resultante de momentos de reapreciação do trabalho efetuado e de reorganização do estudo, que foi desenvolvido em cerca de dois anos, paralelamente à intensa atividade profissional e ao trabalho de voluntariado da investigadora neste âmbito.

1.2.1. Pesquisa bibliográfica e contactos exploratórios

A pesquisa bibliográfica permitiu-nos organizar e fundamentar teoricamente esta investigação. Realizámos, numa primeira fase, uma abordagem aos problemas, dificuldades e vulnerabilidades de jovens migrantes e de jovens requerentes de asilo e exilados, no país de acolhimento, o que nos ajudou a estruturar o guião da entrevista e, simultaneamente, a preparar-nos para as mesmas. Paralelamente, fizemos diversas leituras sobre fenómeno das migrações forçadas, estudámos os dados estatísticos referentes ao fenómeno das migrações forçadas, em geral, aos pedidos de asilo, ao estatuto dos requerentes de asilo e refugiados e ainda à situação de integração de migrantes e refugiados, na Alemanha e na Baixa-Saxónia, em particular.

Fizemos também algumas pesquisas relacionadas com género e migração, nomeadamente, a problemática em torno do uso do lenço islâmico – temática tão atual quanto complexa.

Os contactos exploratórios que permitiram a entrada no terreno de estudo foram sendo realizados diariamente, na função de professora e de diretora de turma, em diversas turmas *SPRINT*, sem que nunca tenha havido necessidade de explicar ou justificar a nossa presença, nem tivesse sido necessário criar primeiro um ambiente de confiança, pois este já existia. Estes contactos permitiram-nos ir equacionando os aspectos a investigar e ainda que jovens teriam condições emocionais e linguísticas² para serem convidados a participar na pesquisa.

1.2.2. Trabalho de campo

O trabalho de campo foi um prolongamento dos contactos exploratórios, uma vez que

² Estipulámos que seria necessário, por parte dos jovens, um domínio da língua alemã de nível B1, isto é, de utilizador intermédio, segundo o Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas (QECRL).

estes decorreram em contexto de sala de aula e fora dela, à medida que o nosso trabalho e envolvimento no projeto de integração ia decorrendo, no papel de professora, diretora de turma e de investigadora. Assim, e conforme já referimos, atuámos de forma oculta, pois encontrávamo-nos no papel de professora e diretora de turma. O trabalho de campo constou da observação, da escuta, do diálogo, da colaboração em diversos projetos (atividades educativas, desportivas e lúdicas, dentro e fora da escola) e também da assistência e apoio, em situações problemáticas para os jovens. Sem esta presença de perto, teria sido difícil elaborar um guião de entrevista com uma diversidade de âmbitos, centrados nas situações de vida dos jovens refugiados.

Há que referir ainda que o facto de termos assumido, ao longo do tempo, no trabalho na escola e fora dela, o papel de "assistente social" dos jovens se revelou de grande importância para a organização deste estudo e, num segundo plano, para a abertura e confiança que os jovens depositaram na investigadora, muito embora nem sempre tenha sido fácil gerir os três papéis – de professora, de „assistente social“ e de investigadora –, pois à data do convite de participação alguns dos jovens ainda eram nossos alunos e havia da nossa parte algum receio de serem confundidos os papéis.

1.2.2.1. Seleção dos participantes

Como já foi referido anteriormente, este estudo foi limitado a seis jovens – três rapazes e três raparigas. Apesar de os seis entrevistados não serem representativos da comunidade de requerentes de asilo ou de refugiados na Alemanha, as suas histórias permitem compreender de uma forma mais profunda essa realidade, ajudando-nos a definir possíveis caminhos e estratégias para uma integração plena e participativa na sociedade alemã. Os critérios de seleção dos entrevistados foram os seguintes:

- a) ser proveniente de um dos três dos países com mais pedidos de asilo, na Alemanha, em 2015 e 2016, ou seja, ser oriundo da Síria, do Afeganistão ou do Iraque;
- b) ter um estatuto de proteção ou ter requerido asilo, na Alemanha;
- c) ter idade compreendida entre os 16 e os 21 anos;
- d) possuir uma competência linguística do Alemão falado de nível B1 segundo o Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas (QECRL)³.

Relativamente aos critérios que fundamentam esta escolha, em primeiro lugar, optámos por seleccionar três jovens do sexo masculino e três jovens do sexo feminino para

³ Nível de “utilizador independente” de acordo com o QECRL.

podermos realizar uma análise que tivesse em conta também questões de género. Se alguns dos outros critérios se prenderam com o contexto de intervenção profissional da investigadora (idade, já que o projeto de integração *SPRINT* foi criado para dar apoio a jovens entre os 16 e os 21 anos), outros têm um carácter legal, nomeadamente o facto de esta amostra incluir jovens com e sem um estatuto de proteção. Esta escolha foi feita de forma consciente para não excluir, à data do início do estudo e das entrevistas, em maio de 2017, a grande maioria dos jovens inscritos em programas de integração, uma vez que os processos de asilo são, em muitos casos, processos muito demorados, devido ao grande número de pedidos, à falta de pessoal e à complexidade dos processos. Neste contexto, proceder a uma seleção exclusiva de jovens com o estudo oficial de ‘refugiado’ ou outro estatuto de proteção significaria ter usado uma amostra bastante homogénea de jovens provenientes de uma mesma região/ país quando, na realidade, os jovens sírios correspondiam a uma das três nacionalidades mais frequentes no que diz respeito aos pedidos de asilo em 2015 e 2016, na Alemanha (BAMF, 2016b).

Por outro lado, todos os jovens que participaram neste estudo, independentemente do estatuto legal no momento do estudo, consideravam-se como ‘refugiados’, isto é, tinham abandonado os seus países por motivos de insegurança, devido a ameaças dirigidas a si ou a familiares diretos ou, como no caso de uma das raparigas entrevistada, por não ver ser respeitados os seus direitos humanos enquanto jovem mulher – nomeadamente, o direito a não querer casar e o direito à educação. No entanto, reconhecemos que selecionar apenas jovens a quem já tinha sido concedido um estatuto de proteção nos levaria a uma análise distinta, onde se poderia ter focado e comparado a situação de vida e as mudanças verificadas antes e depois de adquirirem proteção internacional.

Para conseguirmos a participação de seis jovens, entrámos em contacto com alunos de diversas turmas de integração do projeto *SPRINTe SPRINT-Dual* de uma escola profissional da cidade de Hanôver onde lecionávamos Alemão, em turmas de língua e integração. Os seis jovens foram abordados na escola, durante os intervalos ou no final das aulas. Para facilitar a comunicação com os jovens e a sua decisão de participarem ou não no estudo, pedimos a dois tradutores que elaborassem uma tradução das quatro temáticas principais da entrevista, do Alemão para os dois idiomas falados pelos jovens, o Árabe e o Dari/ Persa. Todos os seis jovens abordados mostraram de imediato interesse e vontade em participar no estudo. Os encontros foram marcados individualmente e tiveram lugar entre os dias 12 de maio e 23 de junho de 2017.

1.2.2.2. Entrevistas com os jovens

As entrevistas realizadas com os jovens tinham como objetivo reconstruir as suas trajetórias pessoais, do país de origem ao país de acolhimento, neste caso a Alemanha, e ainda analisar os seus planos futuros.

Como técnica de recolha da informação, realizámos entrevistas aprofundadas e semi-estruturadas. Nestas, recorremos a perguntas abertas, centradas em situações objetivas relacionadas com a vida dos jovens refugiados, embora dando espaço para a subjetividade e diversidade de experiências vividas pelos mesmos. O guião de entrevista elaborado centrou-se nas quatro temáticas centrais deste estudo:

- 1) a vida antes de abandonarem os seus países /regiões de origem;
- 2) as principais memórias que guardam da experiência de migração/fuga/exílio;
- 3) as dificuldades e problemas de adaptação, no país de acolhimento;
- 4) os planos para o futuro;

As respostas a estas questões foram registadas individualmente, durante e no final das entrevistas. Posteriormente, estas foram resumidas na terceira pessoa pela investigadora e analisado o seu conteúdo.

Na situação de entrevista com os jovens que entrevistámos, a motivação, os objetivos do estudo e o nosso papel de investigadora foi sempre esclarecido no início da entrevista e, nalguns casos, lembrado durante a situação de entrevista, em momentos em que as temáticas abordadas pelos jovens se relacionavam com a sua experiência na escola ou na turma de integração que frequentavam, de forma a lhes transmitirmos confiança para falarem abertamente, nomeadamente, para mencionarem as suas vivências e exprimirem críticas sem medo de qualquer género de represálias.

Os pressupostos éticos que enquadraram o presente estudo, sobretudo na fase das entrevistas, foram:

- total clarificação sobre a razão e objetivos do estudo;
- a participação voluntária por parte da/o jovem em qualquer fase da entrevista;
- gravação das entrevistas apenas com consentimento;
- respeito pela recusa de partilhar informações dolorosas;
- respeito pelo direito à privacidade (nomes dos participantes só seriam divulgados por desejo expresso dos jovens) com consentimento oral e escrito;
- a confidencialidade dos jovens e das informações;

- o uso da informação e da publicação da mesma com consentimento oral e escrito dos jovens;

1.2.3. Análise dos dados recolhidos

Visto tratar-se de um estudo descritivo e qualitativo, as informações fornecidas pelas entrevistas aos jovens foram analisadas recorrendo-se à análise de conteúdo dos dados recolhidos, uma vez que no presente estudo não se trata de generalizar, mas antes de descrever e compreender as suas vidas antes do exílio, a complexidade e vivências da situação de fuga, exílio, a(s) problemática(s) relacionadas com a integração, no país de acolhimento e os seus planos e projetos futuros.

No entanto, reconhecemos que este tipo de pesquisa implica algumas limitações. Uma delas prende-se com a questão da subjetividade dos relatos, pois a história de vida é relatada por um narrador e, posteriormente, escrita pela investigadora a partir da voz do narrador, estando assim sujeita a múltiplas leituras e interpretações. A “qualidade” dos testemunhos recolhidos depende sempre, primeiramente, de dois aspetos: por um lado, da capacidade de expressão e de articulação de ideias do informante, na língua estrangeira, assim como da sua disposição para narrar a sua vida e situação no exílio e capacidade de reflexão sobre as questões colocadas; por outro, da atitude e da capacidade, por parte da investigadora, de saber escutar e direcionar a conversa e da qualidade da relação que consegue estabelecer com os participantes. Outro aspeto que convém referir é a questão da objetividade da investigadora, que deve evitar julgamentos e estereótipos em relação aos testemunhos dos participantes. Visto se tratarem de relatos autobiográficos, existia ainda um certo risco de desistência dos participantes, o que não se verificou em nenhum dos seis casos.

1.3. Dificuldades da pesquisa

Uma das dificuldades da pesquisa que queremos salientar prende-se com o facto de existir consciência de que a nossa amostra de jovens tem algumas implicações para este estudo. Por um lado, o facto de termos convidado alunos que frequentaram o projeto de integração *SPRINT* ou *SPRINT-Dual* onde trabalhávamos, o que requeri, durante a situação da entrevista, que estes conseguissem separar a antiga professora da investigadora. Ao mesmo tempo, este mesmo facto facilitou o processo da entrevista, pois apesar da situação de entrevista ser invulgar para os jovens, já havia confiança e bastante “à vontade” de ambas as

partes. Assim, as diferenças socioculturais, embora presentes, não representaram um obstáculo maior por ter havido um contacto prévio e continuado com os participantes.

Outra dificuldade que tivemos está relacionada com o estatuto dos participantes, o que teve consequências para a própria investigação e se refletiu na escolha do título deste estudo. Inicialmente, no projeto de dissertação, pretendíamos fazer um estudo com jovens refugiados. No entanto, não havia nessa altura noção de que a maioria dos jovens que entraram na Alemanha entre 2015 e 2016 não tinham obtido ou não iriam obter este estatuto jurídico. Assim, decidimos que a nossa seleção teria de contemplar jovens independentemente do estatuto oficial de ‘refugiado’, pois a realidade encontrada nas diversas turmas de integração onde lecionávamos mostrava-nos que este estatuto legal não tinha representatividade. Neste contexto, o título inicial do estudo deixou de se enquadrar, de forma que, para evitarmos fazer um uso inadequado do termo “refugiado”, foi necessário posteriormente mudarmos o título inicial desta investigação, na qual constava o termo “jovens refugiados”, para “jovens requerentes de asilo”.

O facto de todos os jovens terem participado no mesmo projeto de integração da mesma escola profissional levou a que, por vezes, as respostas dos jovens fossem semelhantes, ou seja, apesar das devidas diferenças na situação de vida e nas problemáticas específicas a cada jovem, o facto de estarem a frequentar turmas de integração com objetivos muito concretos (preparação de jovens para reunirem as condições necessárias para entrarem em formação profissional) os levou certamente a fazer determinadas associações e a darem determinadas respostas. No entanto, e muito embora este aspeto não deva ser ignorado, achamos que não devemos nem podemos desvalorizar as respostas que refiram a situação escolar ou mesmo a relação com as professoras, pois estas informações fazem parte do contexto em que estão inseridos os jovens participantes deste estudo.

Outra questão “problemática” desta pesquisa, numa primeira fase, prendeu-se com a escolha de jovens com uma razoável competência do idioma alemão, única língua comum a entrevistados e entrevistadora. Embora a experiência profissional tenha sido de grande utilidade para selecionar os jovens e para comunicar com eles, uma vez que sabíamos que estruturas gramaticais, expressões idiomáticas e vocabulário seriam adequados aos participantes, houve algumas situações em que constatámos obstáculos na comunicação. Assim, ainda que se tenha tido em conta estas “limitações linguísticas” e, durante a situação de entrevista, tenha havido um esforço, da nossa parte, de reformular as perguntas de forma a facilitar a compreensão, constatámos que um dos três rapazes revelou maior dificuldade e que estas se prendiam com uma competência linguística mais limitada, e que todas as raparigas,

linguisticamente falando, se revelaram mais “desenvoltas” e ainda mais empenhadas em se fazerem entender, o que eventualmente também se fica a dever ao facto de a sua competência linguística ser ligeiramente superior.

Durante as entrevistas, constatou-se, por vezes, uma certa dificuldade por parte dos participantes em compreenderem e responderem a questões colocadas, o que os levou a darem respostas muito breves e pouco aprofundadas. Mesmo quando se tentou reformular as questões, pensando que a dificuldade seria também linguística, nem sempre as respostas foram aprofundadas. Importa salientar ainda a “omissão”, por parte de alguns dos participantes, de informações que a investigadora conhecia *à priori* devido ao contacto com os jovens enquanto sua antiga professora, diretora de turma e, por vezes, também devido ao apoio dado, em regime de voluntariado. Este facto leva-nos a pensar que a capacidade de alguns dos jovens para conseguirem falar, sentir e refletir sobre o vivido em contexto de refúgio, nomeadamente sobre experiências muito difíceis, traumáticas e problemas de saúde (dores de cabeça, insónias, problemas gástricos, problemas dermatológicos) era limitada, eventualmente por falta de hábito ou por ser demasiado doloroso fazer este “exercício”. Atendendo ao número de vezes que as perguntas foram reformuladas, à própria duração das entrevistas (as entrevistas dos três jovens duraram uma média de sessenta minutos, as das raparigas, praticamente o dobro) e à “qualidade” das respostas, constatámos que estas dificuldades foram bastante mais acentuadas nos três rapazes. Assim, é possível que para os jovens tenha sido a primeira ou uma das poucas vezes que foram levados a refletir sobre a sua situação no país de acolhimento, sobre algumas das questões importantes relacionadas com as experiências vividas no passado e a partida para o exílio e, sobretudo, sobre os sentimentos provocados por situações dolorosas e traumáticas vividas.

O nosso plano de trabalho contemplava realizar as entrevistas aos seis jovens no decorrer do mês de maio, ou seja, um mês antes do final do ano letivo no Estado Federal da Baixa Saxónia. Como tínhamos conhecimento de que cinco dos seis jovens iriam entrar em jejum durante o dia, a partir de dia 26 de maio de 2017, achámos que seria preferível tentar marcar os encontros antes do Ramadão. No entanto, só no caso de três dos cinco participantes muçulmanos conseguimos efetivamente marcar e realizar as entrevistas antes desta data, o que se ficou a dever tanto à falta de disponibilidade dos jovens como da investigadora. No caso de um dos dois jovens rapazes muçulmanos que foi entrevistado durante o Ramadão, marcámos a entrevista para o início da manhã, altura em que sabíamos que os jovens ainda estavam suficientemente hidratados, sem fome e menos cansados. No caso deste jovem, não

constatámos menor abertura ou disponibilidade para responder às questões da entrevista, embora tenha sido esse o jovem com maior dificuldade em se exprimir em Alemão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Clarificação dos conceitos de *migrante*, *refugiado* e *requerente de asilo*

Durante a realização deste estudo, verificámos que os conceitos de *migrante*, de *refugiado* e de *requerente de asilo* surgiam frequentemente confundidos, tanto no discurso dos meios de comunicação como no discurso do público em geral, como aliás sublinhava o *Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)* em 2015 (ACNUR, 2015). Por essa razão, é nosso propósito começar por explicitar o que os une e o que os distingue.

2.1.1. Migrante

O termo *migrante* deriva do latim *migrare*, isto é, ‘passar de um lugar para o outro’, ‘deslocar-se para outro lugar, país ou região’ (DPLP, 2017). Esta deslocação pode ser provisória (num mínimo de seis meses a um ano) ou permanente (Castles, 2005, p. 17).

Migrante é um indivíduo que se desloca não devido a uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas em busca de melhores condições de vida, nomeadamente, em busca de trabalho, de educação, por motivos de reunião familiar, etc.

O ACNUR sublinha que, em oposição aos refugiados, os migrantes continuam a receber proteção dos seus governos. Simultaneamente, estes estão sujeitos às leis de migração dos países para onde imigram, sendo esta distinção importante, pois as nações tratam os migrantes de acordo com a sua legislação e os seus procedimentos em matéria de imigração, aspeto que trataremos mais à frente, ao apresentarmos o caso alemão, no capítulo 3 (ACNUR, 2015). No entanto, e de acordo com Castles (2005, p. 19), embora as organizações de refugiados, especialmente o ACNUR, tentem fazer uma distinção clara entre imigrantes e refugiados, «na realidade estas duas categorias partilham muitas características no que respeita às necessidades sociais e aos impactes culturais nos locais de fixação».

Considerada um dos maiores desafios sociais e políticos da atualidade, a migração possui muitas facetas – sociais, culturais, económicas e políticas (Butterwegge, 2007; Ramos 2008).

Segundo um relatório do *Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da Organização das Nações Unidas*, em 2017, 258 milhões de pessoas, ou seja, 3,4% da população mundial, vivia fora do seu país natal, o que representa um aumento de 49% face ao ano 2000. Este relatório especifica ainda que mais de 60% de todos os migrantes internacionais estão na Ásia (80 milhões) e na Europa (78 milhões). Os migrantes que procuram países de alto rendimento subiram de 9,6%, em 2000, para 14%, em 2017, sendo que dois terços de todos

estes migrantes vivem em apenas 20 países. Os países com as maiores comunidades de migrantes são os Estados Unidos (50 milhões de migrantes), seguindo-se a Arábia Saudita, a Alemanha, a Rússia (cada um com cerca de 12 milhões) e o Reino Unido (nove milhões), (*United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2017*).

Os migrantes encontram-se entre as populações mais vulneráveis a uma série de riscos, vulnerabilidades e obstáculos. Em países desenvolvidos e em desenvolvimento, os trabalhadores migrantes, especialmente aqueles que não possuem documentos, encontram-se em situação de grande vulnerabilidade, podendo ser vítimas de exploração e ainda de discriminação cultural, étnica e religiosa e de exclusão social, pois o próprio processo de migração tem muitos riscos (PNUD, 2014, p. 116).

Neste contexto, é de grande importância o trabalho do ACNUR, que propôs em novembro de 2018 à *Assembleia Geral das Nações Unidas* a versão final da *Declaração de Nova Iorque para Refugiados e Migrantes de 2016*, na qual os Países-membros das *Nações Unidas* acordaram «o encaminhamento de um processo separado e contínuo para a negociação do pacto global de migração, visando uma migração segura, regular e ordenada» (ACNUR, 2018).

2.1.2. Refugiado

Da perspectiva sociológica, *refugiado* é uma pessoa que foi forçada a abandonar o seu país, escapando a conflitos armados, a perseguições étnicas, religiosas ou ao tratamento desumano. No caso de muitas mulheres, a razão para fugir prende-se com a violência no matrimónio, com ameaças da própria família ou do próprio marido, para evitarem um casamento forçado ou mutilações genitais – formas de violência a que, normalmente, os homens não estão expostos. Em qualquer dos casos, a situação destes indivíduos é tão insustentável e perigosa que é necessário cruzarem fronteiras internacionais e procurar abrigo e segurança noutros países (Ramos, 2004, 2009; ACNUR, 2015).

Da perspectiva jurídica, *refugiado* é a denominação para alguém que passou por um processo de pedido de asilo individual e foi reconhecido como tal, ou seja, tem acesso à assistência dos Estados, da *Organização das Nações Unidas* e de outras organizações (ACNUR, 2015). Em 1948, ficou estipulado na *Declaração dos Direitos Humanos* (Artigo 14) o *direito a asilo*:

1. Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países.
2. Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por actividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas (UNESCO, 1998).

Chave da atual proteção atribuída aos refugiados foi definida na *Convenção da Organização das Nações Unidas* de 1951 (ACNUR, s/ data), na qual foi elaborado o *Estatuto dos Refugiados* (definição e direitos básicos) e no seu protocolo de 1967. Os países signatários da Convenção assumiram um compromisso de proteger os refugiados, autorizando-os a entrar no país e garantindo-lhes o estatuto de residente temporário ou permanente (Castles, 2005, p. 19).

O ACNUR (2015) salienta que as nações tratam os refugiados aplicando normas sobre o asilo e sobre a proteção dos refugiados, definidas tanto em leis nacionais como também no direito internacional. Um dos princípios fundamentais estabelecidos no direito internacional é o de que um refugiado não deve ser expulso ou devolvido a países nos quais a sua vida ou liberdade possa estar em perigo.

Na Alemanha, o direito a asilo foi introduzido na constituição fundamental alemã (*Grundgesetz*, GG) depois da Segunda Guerra Mundial como direito fundamental (*Grundrecht*). No entanto, a partir dos anos noventa, com o aumento de pedidos de asilo, uma alteração da GG limitou este direito. Atualmente, o artigo 16a da GG que define este direito tem um papel subordinado, uma vez que a Agência Federal para a Migração e Refugiados (BAMF) se baseia nos critérios estipulados pela Convenção da Organização das Nações Unidas de 1951, que aprofundaremos mais à frente, no cap. 3.2.3, e ainda pela Convenção Europeia dos Direitos do Homem, que define o chamado *estatuto subsidiário*, ou seja, um estatuto em situações em que os indivíduos correm o risco de que não sejam respeitados os direitos humanos, no país de origem (BAMF *apud* Flüchtlingsrat, 2017).

Como sublinha o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2014 das Nações Unidas (PNUD), ser refugiado corresponde a uma «categoria especial de migração», na qual as pessoas se encontram numa situação particularmente vulnerável, causada por conflitos armados, e nas quais as populações fogem de situações de perigo e de perseguição (PNUD, 2014).

A proteção de pessoas com o estatuto de refugiado tem diversas facetas: proteção contra a devolução aos perigos dos quais estas fugiram; acesso a um processo justo e eficiente de asilo; garantia de que os seus direitos básicos sejam respeitados e que lhes seja permitido viverem em condições dignas e seguras que os ajudem a encontrar uma solução a longo prazo (ACNUR, 2015).

Assinalam as *Nações Unidas* que o número de pessoas deslocadas devido a conflitos tem aumentado, tendo atingido o valor mais elevado em quase duas décadas. Para além da vulnerabilidade que afeta os migrantes em situação irregular, os refugiados enfrentam muitas

vezes o desafio adicional de não lhes ser permitido trabalhar na maioria dos países de acolhimento e de, frequentemente, serem alojados em acampamentos temporários e sem segurança (PNUD, 2014, p. 116).

Estatísticas do *ACNUR* revelam que, no ano de 2015, se estimava existirem mais de 65 milhões de pessoas forçadas a fugir dos seus países ou regiões, sendo que cerca de metade eram mulheres e crianças (UNHCR, 2016). Em 2017, o valor já ascendia os 68,5 milhões de pessoas (UNHCR, 2018). A mesma fonte indica que, até finais de 2017, a Turquia tinha sido o país que tinha acolhido mais pessoas (3,5 milhões) obrigadas a procurar abrigo e segurança fora dos seus países, seguindo-se o Paquistão (1,4 milhões), o Uganda (1,4 milhões), o Líbano (998,900), o Irão (979,400) e a Alemanha (970,400). Até finais do mesmo ano, cerca de 3,1 milhões de pessoas aguardavam a decisão do pedido de asilo, sendo que cerca de metade dos pedidos foi feito em regiões/ países desenvolvidos (UNHCR, 2018).

Uma investigação da UE de 2016, sobre o acolhimento de mulheres refugiadas, indicava algumas das dificuldades, no acolhimento deste grupo, na Bélgica e na Alemanha. As entrevistas revelaram, nos centros de acolhimento, a existência de falta de privacidade nos alojamentos de refugiados, nomeadamente a falta de espaços separados para mulheres e famílias, grandes limitações no acesso ao sistema de saúde, a falta de cursos de língua para requerentes de asilo e ainda a falta de espaços para ocupação das crianças (Bekyol & Bendel, 2016, p. 47-49).

Na *Declaração de Nova Iorque para Refugiados e Migrantes* de 2016, cuja versão final do texto foi proposta em novembro de 2018 pelo *ACNUR* à *Assembleia Geral das Nações Unidas*, os 193 Países-membros das *Nações Unidas* concordaram que proteger pessoas forçadas a fugir e apoiar os países que as acolhem são responsabilidades internacionais compartilhadas que devem ser apoiadas de forma mais igualitária e previsível. De acordo com o *ACNUR* (2018), o pacto global sobre refugiados quer «fortalecer a resposta internacional a grandes movimentos de refugiados e às situações prolongadas de refugiados». São quatro os seus objetivos principais: diminuir a pressão nos países de acolhimento; aumentar a auto-suficiência dos refugiados; alargar o acesso à soluções de países terceiros; apoiar as condições nos países de origem para um retorno em segurança e com dignidade.

A mesma fonte informa que, num programa de ação baseado no *Marco Integral de Resposta aos Refugiados*, acordado pelos Estados-membros na *Declaração de Nova Iorque*, são estabelecidas medidas para os Estados e outras partes interessadas na resposta aos movimentos de refugiados em grande escala e às situações prolongadas de exílio. Este programa contempla um plano para apoiar países e comunidades nos países de acolhimento,

de forma a se garantir, entre outras medidas, que os refugiados tenham melhor acesso a saúde, educação e a meios de subsistência, e que se possam integrar na comunidades de acolhimento desde o início (ACNUR, 2018).

2.1.3. Requerente de asilo

Requerente de asilo é a denominação dada a uma pessoa que cruzou as fronteiras em busca de proteção, que fez um pedido individual para receber proteção internacional, mas que não cumpre rigorosamente os critérios estabelecidos pela *Convenção de Genebra* de 1951 (Castles, 2005, p. 19). No entanto, e como salienta Zolberg *et al.*, não é fácil fazer uma distinção clara entre *refugiado* e *requerente de asilo*:

Em muitas situações actuais, de conflito em países menos desenvolvidos torna-se difícil distinguir entre a fuga motivada por perseguições e a partida causada pela destruição das infraestruturas económicas e sociais necessárias à sobrevivência. As motivações para emigrar, sejam elas políticas ou económicas, estão associadas à violência generalizada e persistente que resultou dos acelerados processos emergentes de descolonizações e da globalização, sob condições determinadas pelos países desenvolvidos (Zolberg *et al.*, 1989 *apud* Castles, 2005, p. 19).

Importa referir que, na Alemanha, *requerente de asilo* (*Asylbewerber*) é, na linguagem jurídica e administrativa, a denominação atribuída a um indivíduo que pediu proteção internacional, mas ainda não foi chamado a prestar declarações ou que já foi entrevistado, mas que aguarda a resposta (afirmativa ou negativa) por parte da Agência Federal para a Migração e os Refugiados (BAMF).

Como salienta Hanewinkel (2018), na *União Europeia*, a Alemanha é o país com mais pedidos de asilo (oito em cada mil habitantes). Apesar do elevado número de pedidos de asilo, nem todos os indivíduos recebem um estatuto de proteção, aspeto que trataremos no cap. 3.2.3. deste trabalho.

Embora se trate de uma “condição provisória”, esta situação está prevista na legislação alemã, tem consequências a nível dos direitos, nomeadamente a nível da permissão de residência e do acesso a medidas de apoio à integração e relativamente ao acesso ao mercado de trabalho.

2.2. Género, migração, exílio e Islão

2.2.1. Género, migração e exílio

Embora a emigração fosse, tradicionalmente, um fenómeno “masculino”, a emergência das migrações no feminino é já uma realidade em muitas regiões do mundo (Hanewinkel, 2018).

Dados das Nações Unidas indicam que, no ano de 2017, existiam 258 milhões de migrantes, o que corresponde a 3,4% da população mundial e dos quais metade são mulheres. Na Europa, as mulheres representam 52% dos migrantes, ou seja, uma taxa mais elevada em relação a outros continentes (United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2017). Assim, e como salienta Ramos (2010, p. 1), «a feminização das migrações internacionais é uma das facetas da nova era das migrações, seja em contexto de reagrupamento familiar, seja como migrantes autónomas».

As Nações Unidas sublinham a dupla vulnerabilidade estrutural da mulher migrante (PNUD, 2014, p. 55-57). Com efeito, e segundo Ramos (2013a, p. 77), «ser mulher e ser migrante é frequentemente sinónimo de estar mais exposto a discriminação, desigualdade de oportunidades, exploração e violência». Esta autora fala, por isso, de uma «tripla desvantagem em ser mulher, migrante e trabalhadora, pela tripla desvantagem do sexo, da nacionalidade e da classe social» (Ramos, 2013a, p. 77).

Como refere Ramos (2013a, p. 76), «a globalização levou à internacionalização do trabalho feminino, integrando-se as mulheres migrantes, na atualidade, tanto em sectores de trabalho pouco qualificado como altamente qualificado». Este facto representa uma crescente autonomia das mulheres migrantes, uma vez que mulheres economicamente independentes tendem a ser menos vulneráveis do que as que dependem de outros para o seu sustento (PNUD, 2014, p. 23). Com efeito, e segundo a mesma autora (2010, p. 2), «a mobilidade feminina e a feminização das migrações traduz-se tanto em oportunidades e desafios para a mulher ao nível identitário, social, familiar e económico, como implica igualmente problemas, riscos e vulnerabilidades – de saúde, familiares, particularmente para as mães e crianças».

De acordo com Hanewinkel (2018), as razões que levam as mulheres a emigrar são diversas e, em regra, não se distinguem muito das motivações dos homens: algumas procuram no estrangeiro trabalho ou melhores oportunidades de fazer carreira; outras juntam-se a familiares (marido, filhos, etc.); muitas permanecem no estrangeiro devido a razões pessoais (por terem formado família) ou porque têm melhores oportunidades no mercado de trabalho do que no país de origem. Ao mesmo tempo, cada vez mais mulheres emigram sozinhas,

consequência de uma gradual melhoria do acesso a formação, participação no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no acesso das mulheres ao mercado de trabalho, melhorando a sua situação e independência financeira. Em todos os casos, há que sublinhar que o processo de migração feminino é, como o masculino, um processo aberto e influenciado por diversos fatores (Hanewinkel, 2018).

Estudos sobre a entrada de migrantes e refugiados na União Europeia através da Grécia revelam que, até junho de 2015, 27% das pessoas que entraram por via marítima, em condições muito precárias, eram mulheres e crianças e que, até ao final de dezembro de 2016, este grupo já correspondia a 55%. A maioria destas mulheres que vinham acampanhadas de crianças indicou pretender seguir para um país europeu onde já tinha familiares. Importa mencionar que a entrada pela Grécia de tantas pessoas em busca de asilo se deu na sequência do encerramento das fronteiras da chamada *rota dos países balcãs* e das restrições impostas por diversos países europeus relativamente ao reagrupamento familiar (Hanewinkel, 2018).

Um estudo da União Europeia relativo ao ano de 2016 informava que 60% das pessoas que requeriram asilo na UE nesse ano eram mulheres e crianças (Bekyol & Bendel, 2016, p. 8). Hanewinkel (2018) refere que uma das razões para o aumento dos pedidos de asilo na UE por parte das mulheres se prendeu com o facto de importantes países de acolhimento (como a Suécia ou a Alemanha) terem limitado, desde 2015, o reagrupamento familiar a refugiados, o que teve como consequência que muito mais mulheres (e também crianças) partissem sozinhas rumo à Europa, correndo para isso enormes riscos e em condições muito precárias.

Estatísticas do ACNUR revelam que, no final de 2017, existiam no mundo 19,9 milhões de refugiados reconhecidos como tal pelas Nações Unidas e dos quais metade eram mulheres. A percentagem de mulheres varia em função das regiões de mundo: em África, mais de metade dos refugiados eram mulheres (51%), na Europa este grupo correspondia a 39% das pessoas exiladas (*United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population and Division, 2017*).

Muitas mulheres fogem sem acompanhamento de familiares do sexo masculino, correndo o risco acrescentado de serem vítimas de violência ou escravatura sexual, sendo este perigo agravado para aquelas que fogem para a Europa através da rota do mediterrâneo central, uma vez que atravessam países assolados por guerras civis, como é o caso da Líbia. A impossibilidade de entrarem legalmente na Europa para fazerem um pedido de asilo aumenta a vulnerabilidade de todos os indivíduos em busca de asilo, pois estes dependem de organizações clandestinas para atravessar o mar mediterrâneo e poder pedir asilo na União Europeia. No caso de pessoas que fogem a conflitos armados e a perseguições, os riscos de

serem vítimas de redes de tráfico humano são elevados e redobrados se se tratarem de mulheres (Hanewinkel, 2018).

Estima-se que três quartos das vítimas de tráfico humano são mulheres e crianças Hanewinkel (2018). Esta autora salienta que a «sobreposição de fatores» – “mulher”, “migrante irregular”, “em busca de asilo” – torna este grupo particularmente vulnerável. Esta autora refere que enquanto os homens que fogem em busca de asilo correm sobretudo o risco de violência psíquica e de serem vítimas de raptos, escravatura ou prisão (sobretudo quando viajam sozinhos), no caso das mulheres em busca de asilo existe um risco elevado de serem vítimas de violência sexual (Hanewinkel, 2018).

Ainda segundo Hanewinkel (2018), «as mulheres migrantes e refugiadas permanecem frequentemente “invisíveis” nas estatísticas⁴» – tanto aos olhos da opinião pública como nos estudos sobre migração. A mesma autora explica que, embora as mulheres tenham um papel ativo no processo migratório e no passado já estivessem diretamente envolvidas na situação migratória dos homens, têm sido constantemente esquecidas porque as investigações se interessam principalmente pela migração masculina, nomeadamente pelas questões relacionadas com a migração laboral. Esta „invisibilidade“ prende-se, entre outros aspetos, com a situação laboral de muitas mulheres no país de acolhimento, pois este grupo exerce frequentemente trabalhos de prestação de serviços domésticos ou de limpeza, muitas vezes, em situação de grande precaridade (contratos informais e irregulares de trabalho), aspetos que reforçam a falta de visibilidade nas estatísticas de diversos estudos migratórios (Ramos, 2014; Hanewinkel, 2018).

2.2.2. Migração e empoderamento

Ainda de acordo com Hanewinkel (2018), «a migração pode contribuir para o empoderamento das mulheres», uma vez que as mulheres migrantes podem atingir, através da experiência migratória, um maior grau de autonomia e de poder de decisão. A mobilidade para além fronteiras destas mulheres pode facilitar ainda mudanças de papéis e contribuir para a sua estabilização (Hanewinkel, 2018).

Por outro lado, e como salientam Marques & Góis (2012, p. 70-71), o empoderamento só pode conduzir a efeitos positivos para as migrantes se possibilitar «a criação de um conjunto de competências sociais, pessoais e de autovalorização que possa produzir efeitos positivos na sua vida pessoal e profissional e na melhoria do nível de vida das suas famílias».

⁴ Tradução nossa do Alemão.

Isto porque a migração pode funcionar de forma inversa, ou seja, poderá igualmente contribuir para conflitos familiares ou sociais relacionados com a dificuldade de conciliação entre a vida profissional e pessoal ou ainda com as diferenças entre estilos de vida no país de acolhimento e os estilos de vida no país de origem (Marques & Góis, 2012, p. 70-71).

Hanewinkel (2018) recorda que, embora cada vez mais mulheres participem no seu próprio projeto de migração, muitas delas não são vistas como figuras ativas na construção das suas biografias porque, e como já referimos anteriormente, a migração feminina é encarada – a começar pelo próprio meio científico – como uma exceção ou consequência da migração masculina, pois as mulheres acompanham apenas os seus maridos/ parceiros migrantes ou se juntam a estes.

Neste contexto, e sempre que se encara a migração de muitas mulheres como dependente da decisão e do estatuto migratório de terceiros, nomeadamente dos homens, estas mulheres são tidas, de forma mais ou menos generalizada, como mulheres “passivas” e ou “vítimas”. Em países ocidentais, esta temática em torno das mulheres migrantes é recorrente em debates sobre estruturas patriarcais, sendo comum associá-la às mulheres muçulmanas imigradas (Hanewinkel, 2018).

Ainda a mesma autora refere que, no que diz respeito à Alemanha, país de acolhimento dos seis jovens entrevistados neste estudo, os meios de comunicação deste país apresentam frequentemente a mulher imigrante no papel de mulher “exótica”, “subjugada” ou “fundamentalista”. No entanto, e como salienta a autora, estes estereótipos limitam a nossa perceção relativamente a este grupo, não permitindo ver a diversidade de biografias destas mulheres (Hanewinkel, 2018).

2.2.3. Mulher muçulmana e imigração: a questão do uso do *hiyab*

A participação, neste estudo, de três jovens muçulmanas, provenientes da Síria, do Afeganistão e do Iraque, torna necessário abordarmos uma questão feminina complexa, relacionada com a mulher muçulmana e que é alvo de um aceso debate no mundo ocidental: a da sua indumentária, em especial, a do uso do *hiyab*.

De acordo com Castien Maestro (2014, p. 127), «a problemática da mulher muçulmana, tanto no seu país de origem como no país de emigração, é diversa e polifacetada». No entanto existe a tendência para todo o debate em torno deste grupo se centrar demasiado na questão da indumentária, nomeadamente, no uso do véu islâmico ou *hiyab*, ignorando-se outros aspetos de maior dimensão, como é o caso das «leis do divórcio, de herança e as

oportunidades concedidas às mulheres de participarem em decisões que afetam as suas vidas» (Castien Maestro, 2014, p. 127).

Segundo o mesmo autor, o *hiyab* é alvo de uma visão reducionista, embora se trate de uma peça que «ostenta uma pluralidade de funções sociais e de significados culturais». As razões para o adotar não são só subjetivas e diversificadas como os perfis sociológicos das mulheres que o usam também o são. Por outro lado, e como salienta Castien Maestro (2014, p. 127), o uso do *hiyab* não reflete diferenças quanto às posições ideológicas, ao estilo de vida e às aspirações pessoais das mulheres que o usam e das que não fazem uso dele: «o seu uso é perfeitamente compatível com os estudos, o trabalho remunerado, a escolha livre do cônjuge e as relações matrimoniais igualitárias, sem que tenha de ser forçosamente associado a qualquer submissão ou reclusão doméstica».

Castien Maestro (2014, p. 127) refere que o *hiyab* pode funcionar como uma espécie de «salvo-conduto social», já que permite a muitas mulheres terem acesso a espaços públicos que lhes são tradicionalmente vedados, conservando uma «boa reputação». Assim, se o véu islâmico pode ser entendido como um ato de submissão pessoal à vontade de Deus, da submissão das mulheres muçulmanas aos homens do próprio meio cultural, adicionalmente, convém salientar que o seu uso pode ser igualmente resultado de uma escolha livre, o que permite que este seja contemplado como um ato de afirmação pessoal destas mulheres, como ato de “individualização” comum nas sociedades modernas (Castien Maestro, 2014, p. 128).

Apesar dos aspetos acima destacados, o uso do *hiyab* revela, antes de mais, na maioria dos casos, aquilo a que Castien Maestro (2014, p. 127) chama de «a exigência de um maior pudor por parte da mulher», que pode (ou não) ser remetido para mandamentos religiosos. No caso de que exista uma conotação religiosa, o lenço islâmico adquire a função adicional de acentuar, de forma pública e expressa, a ligação ao Islão. Paralelamente, este acentua a afirmação de uma determinada identidade – não só religiosa como também cultural, em termos mais amplos, o que poderá ser secundário e derivado.

Como salienta Castien Maestro (2014, p. 128), embora existam atualmente outras funções adicionais, a função principal é a de preservar e de proclamar o pudor feminino, o que constitui o fundamento principal do *hiyab* e que contrasta com os valores predominantes, na sociedade ocidental:

A sua presença revela uma diferença fundamental entre os níveis de pudor predominantes hoje em dia nas sociedades ocidentais e os valores assumidos por uma grande parte da população muçulmana mundial, incluindo a fração da mesma que tem vindo a instalar-se no Ocidente há já muito tempo. Esta diferença específica constitui um dos fundamentos da alta alteridade que muitos ocidentais atribuem à mulher muçulmana, sobretudo à que reside entre os mesmos.

Embora a condição da mulher muçulmana aparente ser uma inversão quase absoluta do ideal de igualdade de género defendido no ocidente e a sua indumentária, sobretudo o véu islâmico, seja encarado como um “estandarte da desigualdade”, implicando o seu uso um desafio contra este ideal de libertação e, num sentido mais amplo, como um “ataque” à modernidade e à democracia, convém travar esta argumentação (Castien Maestro, 2014, p. 131). Resumindo, e como refere o autor, há graus muito diferentes de pudor em distintas sociedades, alertando, por isso, para a necessidade de conceber o pudor «de uma forma mais individualizada e moderna», como profunda autoafirmação individual, e encarar o puritanismo «como fundamento de uma identidade pessoal mais valorizada da mulher muçulmana» (Castien Maestro, 2014, p. 132-135).

2.3. Migração e exílio da perspetiva intercultural, psicopatológica e da saúde

2.3.1. Efeitos da violência e da guerra na população infantil e juvenil

Diversas investigações indicam que as crianças e os jovens imigrantes fogem, muitas vezes, de violência e conflitos armados, étnicos e religiosos. Estes conflitos têm afetado grandemente a saúde, o desenvolvimento, a escolarização, a adaptação social e cultural das crianças e dos jovens (Ramos, 2004, p. 75, 79; Ramos, 2013b, p. 117). Com efeito, e como salienta Ramos (2004, p. 75), a experiência da guerra expõe a família e a criança a graves fontes de violência, de stresse e ansiedade (vivências de morte, prisão, tortura, ferimentos seus ou de familiares, tiroteios e bombardeamentos, lares destruídos, fome e privação, fuga e exílio), o que conduz a profundos e duradouros traumatismos, de natureza física e psicológica.

De acordo com Ramos (2004, p. 75), são sobretudo as crianças e as jovens mulheres as mais ameaçadas pelas situações de guerra: as crianças são frequentemente privadas de educação, de toda a espécie de rotinas no seu quotidiano e na sua vida familiar, escolar e social; as jovens mulheres são, muitas vezes, vítimas de violência e exploração sexual, nomeadamente, de violação, torturas, mutilações genitais e escravatura sexual.

Estudos realizados sobre os efeitos da guerra nas crianças indicam numerosos traumatismos e problemas – emocionais, sociais, escolares, morais e comportamentais. Muitas manifestam ansiedade generalizada, depressão, problemas de sono, enurese noturna, medos e terrores noturnos, problemas cognitivos, fobias, perturbações de memória, dificuldades de concentração, comportamentos de oposição, de agressividade e de regressão, isolamento e dificuldades em realizar tarefas diárias. Uma das manifestações mais importantes é o *stresse pós-traumático*, que se caracteriza pela lembrança e reviver persistente do acontecimento

traumático, por uma diminuição dos interesses e das atividades, por situações de ansiedade (medo intenso, reações de pânico, hipervigilância, pesadelos e problemas de sono)(Ramos, 2004, p. 79). Estes problemas e traumatismos poderão levar a dificuldades de aprendizagem permanentes, a insucesso escolar, a pessimismo em relação ao futuro, a comportamentos anti-sociais e auto-destrutivos, como, por exemplo, os atos de violência e ao abuso de substâncias (Ramos, 2004, p. 79). As crianças e jovens que convivem com a violência e a guerra podem apresentar ainda problemas de desenvolvimento geral, mudanças de personalidade, manifestar uma maturidade e um envelhecimento precoces, pouca capacidade em confiar e em manter relações (Ramos, 2004, p. 79, 83).

Estudos efetuados na Polónia sobre o efeito da guerra revelaram que as perturbações escolares e as neuroses aumentaram, estando o crescimento dessas dificuldades associado aos problemas económicos e sociais, provocados pela guerra (Szymanska *et al.*, 1949 *apud* Ramos, 2004, p. 81).

Segundo Solomon (1995, *apud* Ramos, 2004, p. 82), outros estudos realizados com crianças israelitas, nas quais as crianças em situação de guerra tiveram uma consciência prematura da morte, demonstraram que estas envelhecem mais cedo e possuem uma maturidade precoce, em comparação às que vivem em ambientes não perturbados.

Os adolescentes que migram sem a companhia de adultos, sobretudo aqueles que se encontram em situação de clandestinidade, são particularmente vulneráveis à exploração, à violência, a abusos sexuais, tráfico e drogas. Estes jovens têm de lidar, especialmente na primeira fase de adaptação, com o isolamento e desenraizamento, a falta de redes de apoio e de proteção, o que pode conduzir a problemas sociais, culturais, psicológicos e de discriminação e exclusão (Ramos, 2013b, p. 115).

Strzenecka (1949, *apud* Ramos, 2004, p. 80) refere que são de dois tipos as atitudes características dos jovens relativamente à guerra: atitudes positivas e negativas, e atitudes de força e de fraqueza. Segundo este investigador, estudos confirmaram que são numerosas as atitudes negativas de força (vingança e ódio) e as atitudes de fraqueza (amargura, humilhação, desgosto, medo, desespero, dúvida, indiferença, ânimo e depressão), (Ramos, 2004, p. 80).

De acordo ainda com Ramos (2013b, p. 117), «os adolescentes originários de famílias migrantes são, simultaneamente, agentes e expressão de mudanças sociais e culturais». A necessidade de inserção na cultura e língua do país de acolhimento, através do sistema de ensino e de contactos sociais, e o contacto diário com a cultura e língua de origem, no seio familiar, podem originar algumas dificuldades e conflitos. Estes jovens apresentam, por isso,

um maior risco e vulnerabilidade relativamente a problemas de saúde mental e de adaptação escolar, pois a adaptação a duas culturas distintas – a de origem e a do país de acolhimento – não raramente muito diferentes e por vezes contraditórias, corresponde a um desafio para os jovens migrantes (Ramos, 2013b, p. 117).

2.3.2. Migração, aculturação e adaptação

2.3.2.1. O processo migratório e mudança

Como já foi mencionado anteriormente, *migrar* implica sempre uma deslocação espacial, o passar de um local para outro. Segundo Ramos (2004, p. 255), a experiência migratória «não é simplesmente sinónimo de encontro cultural», mas sim de «um processo complexo, contraditório, bipolar, uma experiência de perda, rutura, mudança». Os recursos psicológicos e sociais dos indivíduo, de que falaremos mais adiante (cap. 2.3.5), as características da sociedade dominante, as condições de acolhimento e as políticas do país recetor são variáveis que vão influenciar a forma como o indivíduo vive esta experiência, que poderá ser mais ou menos traumatizante ou harmoniosa (Ramos, 2004, p. 255).

De acordo com Ramos (1993, *apud* 2008, p. 147), o processo migratório implica uma adaptação social e psicológica à cultura de acolhimento, sendo esta nova, desconhecida ou hostil. O processo de adaptação vai depender de diversos fatores, estando estes relacionados com aspetos específicos da aculturação, que abordaremos no próximo capítulo.

Na sociedade de acolhimento, os migrantes são, muitas vezes, obrigados a viver sem as suas famílias e sem os seus amigos, portanto, a enfrentar a solidão e o isolamento. Adicionalmente, estes são obrigados a lidar com uma nova língua e cultura, com novos hábitos culturais e religiosos, mas igualmente com a hostilidade, a insegurança e a indiferença da população (Eittinger, 1960 *apud* Ramos, 2004, 2008, 2009).

Segundo Ramos (1993, *apud* Ramos, 2008, p. 147), «o processo migratório implica uma experiência bipolar», pertencendo ambos os pólos ao funcionamento do indivíduo migrante: um país de origem e um país de acolhimento; uma língua inicial e uma língua estrangeira; uma cultura de origem e uma cultura de adoção. Neste sentido e de acordo com a mesma autora, «o migrante situa-se entre dois países, duas línguas, duas culturas», tornando-se «portador e agente de cultura, mediador entre dois universos sociais e culturais distintos» (1993, *apud* Ramos, 2008, p. 147).

Neste contexto, e como explica a mesma autora, o migrante terá de gerir dois pólos: por um lado, no primeiro, este indivíduo terá de “emigrar” (sair, abandonar, perder o “envelope”

protetor e tranquilizante dos lugares, das sensações, dos hábitos, primeiras marcas e elementos nos quais se estruturou o funcionamento psíquico e cultural); por outro lado, trata-se de “imigrar” (elaborar, reconstruir individualmente e num espaço curto de tempo aquilo que diferentes gerações elaboraram e transmitiram lentamente), (Ramos, 2004, p. 255).

Desta forma, a vivência migratória implica não só a capacidade de lidar com a mudança originada pela decisão de abandonar o seu país ou região de origem, mas também a capacidade de gerir os sentimentos difíceis (de abandono, angústia e perda) originados pela separação física, afetiva e cultural (Ramos, 2004, p. 256), o que torna necessário elaborar os lutos dessas mesmas várias perdas.

Ramos (2008, p. 148) fala de uma «mudança psicossocial profunda», sendo esta semelhante a um luto ou a uma incapacidade. Este “luto cultural” (Eisenbruch, 1988 *apud* Ramos, 2008, p. 148) implica stresse e sofrimento, que poderão ser mais ou menos significativos, segundo os diferentes tipos de migração, e envolvendo reações de pesar e luto que podem ser patológicas e atípicas. Esta designação aplica-se sobretudo a emigrantes involuntários, ou seja, a refugiados e exilados, desenraizados devido a guerras ou perseguições de cariz religioso ou político (Ramos, 2008, p. 148).

O processo migratório é acompanhado de clivagens e mudanças diversas – *mudanças temporais* (antes e depois da emigração) e *mudanças espaciais* (cá e lá, fora e dentro, o mesmo e o outro), *mudanças físicas* (novo meio, nova habitação, novos hábitos de vida etc); *mudanças biológicas* (nova alimentação, novas doenças); *mudanças sociais* (novas relações interindividuais e intergrupais, novos padrões de atividade e de relações sociais); *mudanças culturais* (a língua, a educação e a religião são, muitas vezes, modificadas pela sociedade de acolhimento); *mudanças psicológicas* (ao nível das motivações, das aptidões, da identidade individual e cultural) e *mudanças políticas* (perda de autonomia), (Nathan, 1986, *apud* Ramos, 1993 *apud* Ramos, 2008, p. 148-149).

Neto (2002, p. 250) salienta que o processo de adaptação à nova cultura não segue um padrão linear, mas sim curvilíneo (como um “U”), no qual surge, numa primeira fase, um elevado nível de adaptação à nova cultura, resultante do entusiasmo inicial e da novidade associada à entrada numa nova cultura. Numa segunda etapa, a pessoa passa por aquilo a que o autor chama «uma adaptação fraca», na qual muito do entusiasmo e idealização associados às novas experiências foram substituídos por frustração e ansiedade. Nesta fase, o indivíduo recém-chegado poderá sentir os efeitos da desvinculação real ou imaginada por parte dos membros da sociedade recetora. Normalmente, este estágio passa e a pessoa vai obtendo gradualmente um nível mais alto e estável de funcionamento na nova cultura.

O padrão de adaptação curvilínea em forma de U suscitou críticas, uma vez que as diferenças no padrão de adaptação poderão suplantar as semelhanças. No entanto, e de acordo com Neto (2002, p. 250), «este padrão de adaptação descrito pela forma da curva do U pode ser heurísticamente útil para se compreender o processo de adaptação a uma nova cultura com que não se estava familiarizado».

Segundo Ramos (1993, *apud* Ramos, 2008, p. 149), «algumas das mudanças poderão manifestar-se em consequências positivas para o migrante, nomeadamente no que diz respeito à melhoria das condições de vida (socioeconómicas, de educação, saúde, etc.); outras mudanças poderão ter consequências negativas, sob a forma de dificuldades de adaptação, problemas psicológicos e stress de aculturação, isto é, no que se refere às relações culturais entre a sociedade de acolhimento e a sua cultura de origem».

2.3.2.2. Estratégias de adaptação e aculturação

Como já se referiu anteriormente, a decisão de migrar implica a capacidade de fazer face à mudança e de gerir novas relações culturais. A experiência migratória envolve, portanto, a capacidade de reconstrução e de adaptação que permitam ao migrante resolver as dificuldades relacionadas com a condição de imigrante e de incorporação de elementos do novo meio (Ramos, 2004, p. 257). Paralelamente, os países recetores têm de encontrar uma forma de incorporar os migrantes e saber gerir as diferenças culturais, religiosas e de organização social que as pessoas estrangeiras trazem consigo (Ziobina & Páez, 2008, p. 37).

Para designar os vários fenómenos (de transformação) suscitados pelos contactos culturais diretos e contínuos entre dois ou mais grupos culturais independentes foi usado, pela primeira vez, pela Antropologia, em 1936, o conceito de *aculturação* (Ramos, 2004, p. 257). Nos anos sessenta, este conceito seria alargado pela Psicologia também ao indivíduo, isto é, perspetiva-se então a forma como este reage ao contacto com outra cultura e o modo como participa no processo de aculturação de grupos (Ramos, 2004, p. 258). Atualmente, trata-se de um conceito importante no âmbito da Psicologia intercultural (Neto, 2002, p. 245).

Para Neto (2002, p. 246), a distinção entre aculturação e aculturação psicológica é importante por duas razões:

Por um lado, os fenómenos são diferentes, pois ao nível populacional ocorrem frequentemente mudanças na estrutura social, na economia, na organização política, enquanto que ao nível individual as mudanças surgem no comportamento, na identidade, nos valores e nas atitudes. Por outro lado, nem todos os indivíduos em aculturação participam das mudanças colectivas em ação no grupo no mesmo grau ou do mesmo modo.

Neste sentido, o processo de aculturação psicológica dá-se a nível individual e a nível psicológico, implicando transformações culturais, espaciais e temporais mútuas e envolvendo os grupos em contacto, ou seja, os grupos não-dominantes e dominantes, o que conduz a mudanças (à perda, à aquisição, à transformação, à substituição, à reinterpretação de traços culturais) e à necessidade de adaptação nos dois sentidos (Berry, 1997; Bourhis *et al.*, 1997 *apud* Ramos, 2008, p. 149, Ramos, 2001 *apud* Ramos, 2004, p. 259).

Como salienta Neto (2002, p. 245), «[o]s estudos psicológicos da aculturação revestem-se hoje em dia de uma grande importância em muitas culturas tocadas pela migração internacional, pela descolonização, pelo exílio de refugiados, pelo turismo e pelas telecomunicações».

De acordo com Berry (1989 *apud* Ramos, 2004, p. 258), existem dois tipos de respostas psicológicas à aculturação, ou seja, as mudanças comportamentais (nas atitudes, na linguagem, na identidade) e o stresse de aculturação, aspeto que trataremos no próximo capítulo.

Para Berry (1989 *apud* Ramos, 2004, p. 258), são quatro os tipos de estratégias de adaptação de que resultam quatro formas de aculturação – *assimilação*, *integração*, *separação* e *marginalização*:

Assimilação – Processo unilateral, através do qual um grupo social, geralmente minoritário, se adapta e outro grupo apropriando-se dos elementos culturais do mesmo grupo, normalmente maioritário, em detrimento da sua identidade e dos seus padrões culturais, para poder lidar com as exigências de uma situação desigual de encontro entre grupos.

Integração – Estratégia de manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico-cultural de origem e participação, mais ou menos ativa, dos indivíduos na sociedade de acolhimento.

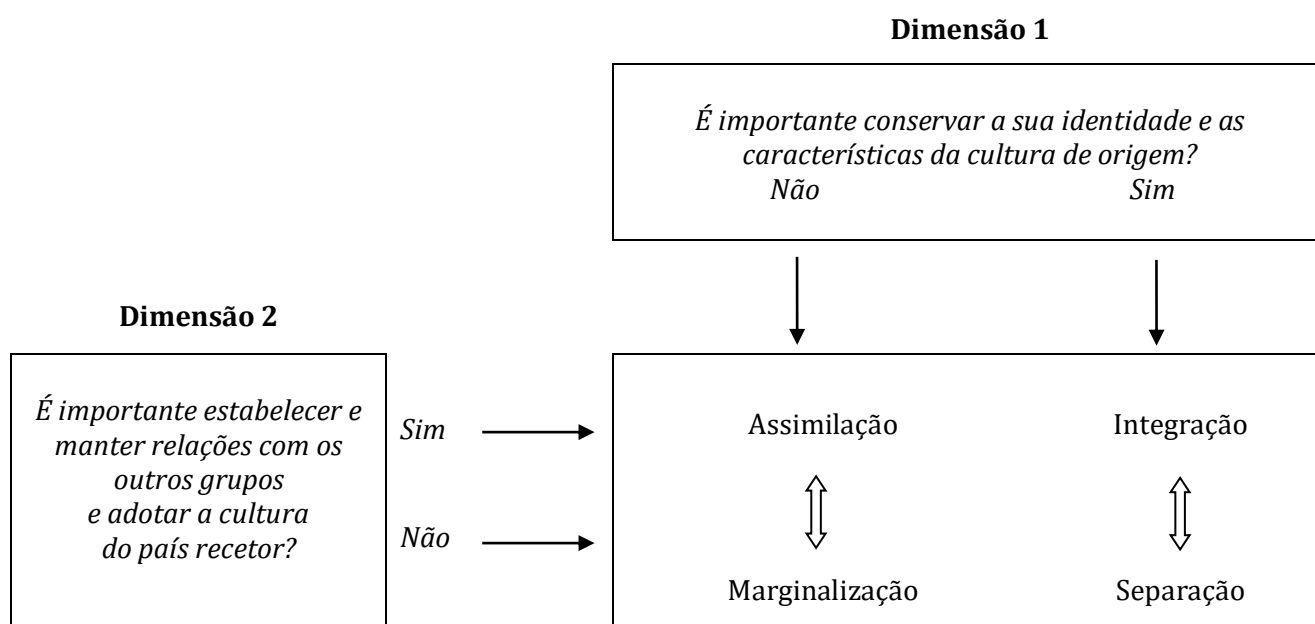
Separação – O migrante tenta preservar a sua identidade cultural, não procurando estabelecer relações com a comunidade dominante. Quando existe um impedimento, por parte do grupo dominante, ou este obriga o indivíduo ou grupo não dominante a manter as suas características culturais, estamos perante segregação. A diferença entre separação e segregação reside no desejo e no poder que o grupo minoritário tem de decidir a sua orientação.

Marginalização – O grupo dominante impede a participação do indivíduo no funcionamento das instituições e na vida social da comunidade maioritária, recorrendo a práticas discriminatórias. Muitas vezes, esta situação é acompanhada de

stress e desorganização mental, uma vez que o indivíduo do grupo minoritário perdeu a sua identidade cultural, geralmente na sequência de políticas assimilacionistas. Simultaneamente, não lhe dão o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida da sociedade de acolhimento.

Este modelo proposto por Berry valoriza duas dimensões no que diz respeito às estratégias de inserção dos indivíduos imigrados, dando importância à herança cultural do grupo de origem (dimensão 1) e à adaptação da sociedade em que os indivíduos se inserem (dimensão 2), (Berry, 1989 *apud* Ramos, 2004, p. 258). O modelo levanta duas questões, que passamos a representar no quadro 1: É importante conservar a sua identidade e as suas características culturais e é importante procurar estabelecer e manter relações com os outros grupos da sociedade e adotar a cultura do país recetor? (Neto, 2002, p. 262).

Quadro 1: Modelo das estratégias de aculturação⁵



Neto (2002, p. 262) salienta que, embora estas duas questões sejam tratadas de forma dicotómica, sendo a resposta a elas *sim* e *não*, na realidade pode-se responder a estas numa escala contínua, oscilando o pólo positivo e negativo. Neste sentido, o quadro 1 representa um modelo ideal, baseado em respostas a questões muito concretas, já que estes quatro protótipos (assimilação, integração, separação e marginalização) não se encontram de uma forma pura em qualquer situação do relacionamento cultural.

Numerosas investigações evidenciam que, tanto no caso dos adultos como dos adolescentes, seja em sociedades multiculturais como até mesmo em sociedades bastante

⁵ Inspirado no modelo de Ziobina & Páez (2008, p. 40).

mais homogêneas, existe uma forte preferência pela integração enquanto modo de aculturação (Ziobina & Páez, 2008, p. 45; Neto, 2002, p. 262). Neste contexto, e como referem Ziobina & Páez (2008, p. 45), este facto «confirma que as pessoas estrangeiras manifestam um forte desejo de se integrar na sociedade repetora sem perder as suas raízes⁶». Relativamente aos jovens, Neto (2002, p. 263) afirma que «a principal dinâmica na experiência de aculturação dos jovens passa pelo desejo de estar em duas culturas numa sociedade pluralista e não de viver entre duas culturas».

Uma das exceções frequentemente citada, no que se refere a modos de aculturação, é o caso dos imigrantes turcos que vivem na Alemanha, pois estes preferem a separação (Piontkowski et al., 2000 *apud* Ziobina & Páez, 2008, p. 45). Por outro lado, análises mais aprofundadas e detalhadas mostram que a segunda estratégia de aculturação mais escolhida é a da separação (Ziobina & Páez, 2008, p. 45).

Segundo Neto (2002, p. 243), «o problema das relações interculturais só pode ser resolvido quando se reconhece explicitamente não só que os grupos humanos diferem nas suas identidades culturais, mas também que têm o direito de manter as suas características identitárias se o pretendem». Este autor chama a atenção para o facto de existir uma tendência a considerar *integração* e *assimilação* como sendo termos sinónimos, muito embora se tratem de processos muito diferentes: «[a] integração refere-se à acomodação que advém quando diferentes grupos mantêm o núcleo das suas respectivas identidades culturais e ao mesmo tempo aderem ao outro grupo dominante em outros aspectos de igual importância» (Neto, 2002, p. 243).

Ramos (2004, p. 259) salienta que a integração do imigrante nas estruturas sociais, económicas e políticas do país de acolhimento depende de um conjunto de variáveis (das características psicológicas do indivíduo, das estratégias de adaptação, das condições materiais, das políticas de integração da sociedade de acolhimento). Neste sentido, e ainda de acordo com Ramos (2008, p. 153), «a adaptação do indivíduo migrante coloca em jogo várias estratégias, diferentes modalidades de aculturação, múltiplos fatores individuais e coletivos, os quais podem facilitar ou dificultar a sua integração na nova sociedade».

Em relação aos modos de aculturação e à adaptação social, diversas investigações revelam que os adolescentes com “identidade integrada” ou bicultural mantêm uma identidade étnica forte, identificando-se simultaneamente com a sociedade de acolhimento e apresentando valores mais elevados de adaptação social. Contrariamente, nos adolescentes

⁶ Tradução nossa do Espanhol.

com “identidades marginalizadas”, na sequência de recusa de identidade, tanto com o grupo étnico como com o grupo maioritário, verificou-se um nível mais baixo de adaptação social (Ramos, 2004, p. 259).

2.3.3. Dificuldades nas interações interculturais

De acordo com Neto (2002, p. 259), «[o] contacto intercultural pode despoletar uma vasta gama de dificuldades». Antes de abordarmos algumas das principais dificuldades na experiência de aculturação, é necessário ter presente que estas se inscrevem no tempo e se podem manifestar de diferentes formas (Neto, 2002, p. 250).

2.3.3.1. Stresse de aculturação

Uma das consequências da culturação poderá ser o stresse de aculturação, pois segundo Ramos (2004, p. 275) «a migração corresponde a uma experiência traumática que pode originar stresse psicológico e social mais ou menos significativo». O processo de aculturação leva os migrantes a serem confrontados com dois códigos culturais distintos, por vezes, contraditórios e incompreensíveis, encontrando-se divididos entre manter as tradições e os hábitos de origem ou abandoná-los para integrar os elementos da cultura do país de acolhimento (Ramos, 1993 *apud* Ramos, 2004, p. 275). Trata-se, portanto, de uma situação de conflito, na qual a impossibilidade em estabelecer mediações entre dois mundos diferentes, a incapacidade em lidar com determinadas experiências do ambiente poderão estar na origem de stresse de aculturação, de dificuldades de adaptação ou de distúrbios psicopatológicos (Ramos, 2004, p. 275).

Neto (2002, p. 251) refere que, para além dos problemas de saúde mental, (confusão, depressão, angústia, solidão, etc.) o migrante poderá manifestar sentimentos de marginalidade e de alienação e dificuldades identificatórias.

De acordo com Grinberg (1986 *apud* Ramos, 2004, p. 276), a reação mais comum face à experiência de migração é a angústia, sendo as mães e as crianças as mais vulneráveis (Ramos 1993 *apud* Ramos, 2004, p. 276). Se na infância do indivíduo houve situações de carência e de separação, a consequência será stresse, angústia e sofrimento. Por outro lado, um vínculo estabelecido na infância com um objeto interno, seguro e estável e um sentimento de identidade sólido ajudam a criança e o indivíduo a ultrapassar as perdas relacionadas com o processo de migração, fortalecendo a capacidade de elaborar as mudanças externas e internas e de se enriquecer com elas (Ramos, 2004, p. 276). Neste sentido, e como salienta Mahler

(1982, apud Ramos, 2004, p. 276), o processo migratório é um processo que tanto é capaz de provocar a inadaptação, o disfuncionamento, a doença, como é igualmente capaz de favorecer o desenvolvimento, o dinamismo e a criatividade dos indivíduos e dos grupos (Ramos, 1993 apud Ramos 2004, p. 277).

Segundo Berry (1989 apud Ramos, 2009), fatores como as características sócio-demográficas (idade, sexo, nível socio-económico, estatuto social) e psicológicas do indivíduo ou as características da sociedade dominante, os tipos de aculturação e modos de aculturação vão influenciar as relações entre aculturação e stress. Certas experiências, nomeadamente, a miséria, a tortura, a exclusão e a xenofobia podem igualmente influenciar o nível de stress (Ramos, 2004, p. 277). Dificuldades como as saudades, o alojamento, a dificuldade de fazer amigos, a língua, a saúde, a alimentação e o racismo contribuem igualmente para o stress de aculturação, sendo a solidão e a dificuldade em fazer amigos as dificuldades com correlações mais elevadas de stress (Neto, 2002, p. 251).

De acordo com Berry, a probabilidade de um nível de stress elevado é maior em sociedades monoculturais e assimilacionistas do que em sociedades tolerantes e pluralistas. Verificou-se igualmente uma taxa de stress mais baixa nos indivíduos que procuram a integração, um nível intermédio de stress nos sujeitos com atitudes favoráveis à assimilação e um nível mais elevado de stress, nos grupos marginalizados ou nos indivíduos que vivem situações de conflito, nas suas tentativas de separação (Berry, 1989 apud Ramos, 2009, p. 6; Neto, 2002, p. 263.) Para estes autores, dos diferentes modos de aculturação, a situação de marginalização é a que mais contribui para valores elevados de stress (Neto, 2002, p. 263).

2.3.3.2. Desvinculação

Neto (2002, p. 250) refere que «as dificuldades na aculturação podem ser resultado da desvinculação (do sentido da perda) da cultura de origem» – da privação repentina de amigos, de família, do seu estatuto ou posição, eventualmente das suas posses, de um não se sentir “em casa” – estando a intensidade da desvinculação relacionada com a motivação para se mover para a nova cultura.

Deaux (1976 apud Neto, 2002, p. 250) salienta que a desvinculação implica um corte no processo de socialização primária mediante o qual as pessoas adquirem na infância todo um conjunto de valores que refletem a realidade. Neste sentido, diferentes culturas podem proporcionar diferentes influências específicas, o que poderá levar a potenciais conflitos no momento em que dois grupos e culturas entram em contacto (Ramos, 2014b). Neto (2002, p.

251) menciona, a título de exemplo, o contraste entre o estatuto das mulheres em países muçulmanos, por um lado, e nas sociedades ocidentais, por outro.

2.3.3.3. Estereótipos

Como relembra Neto (2002, p. 252), «os estereótipos são um conjunto de crenças que se associam a grupos sociais», correspondendo a «um conjunto importante e usual de expectativas acerca dos outros». O mesmo autor salienta que se trata de «crenças geralmente simples, muitas vezes generalizadas de modo excessivo e frequentemente erradas». No entanto, outros investigadores defendem que os estereótipos não são necessariamente incorretos, ilógicos ou rígidos, mas sim generalizações acerca dos atributos de categorias de pessoas (Neto, 2002, p. 253).

Na origem do desenvolvimento de estereótipos está a homogeneidade do exogrupo, ou seja, a tendência para assumirmos que há maior semelhança entre membros de um exogrupo do que dentro de um endogrupo. Isto fica a dever-se ao facto de as pessoas estarem conscientes das diferenças, muitas vezes subtis, entre pessoas dentro dos seus próprios grupos, enquanto que os membros de exogrupos são “todos iguais” (Neto, 2002, p. 253).

De acordo com Neto (2002, p. 253), em muitos casos, «os estereótipos surgem e mantêm-se mediante a operação da correlação ilusória que consiste em percepcionar uma relação que não existe realmente entre pertença a um grupo e o facto de possuir traços inusitados». Neste contexto, dá-se um viés no processamento de informação, sendo que a associação entre as características ou acontecimento é sobrevaliada. Assim, os sujeitos de um grupo sobreavaliam a frequência com que pessoas do grupo minoritário se comportam de modo indesejável e julgam este grupo de forma mais severa. Depois de efetuada a associação entre um grupo e o seu comportamento, a informação subsequente será enviesada na mesma direção.

O mesmo autor considera este fenómeno perturbante, pois «os mecanismos cognitivos que levam a correlações ilusórias podem colocar inevitavelmente minorias em desvantagem em termos de como são retratadas nos nossos estereótipos» (Neto, 2002, p. 253). Por outro lado, desconfirmações de estereótipos são aprendidas mais devagar e/ ou esquecidas mais depressa que informação neutra ou confirmatória (Hamilton e Rose, 1980 *apud* Neto, 2002, p. 254).

Neto (2002, p. 254) salienta que os meios de comunicação social podem refletir e fomentar este fenómeno.

2.3.3.4. Viés nas atribuições

A atribuição é um importante domínio da investigação na Psicologia Social das últimas décadas, pretendendo explicar porque é que um determinado acontecimento ocorreu ou tentando determinar as disposições de uma pessoa. Tanto se pode colocar a questão do *porquê* sobre os nossos próprios comportamentos como sobre os dos outros (Neto 1998a *apud* Neto 2002, p. 254).

Ao tentar explicar-se um acontecimento negativo ou surpreendente, o pensamento estereotipado pode distorcê-lo, o que pode ter duas consequências importantes: *a rotulagem enviesada* e o *erro irrevogável da atribuição*. No caso da primeira, um comportamento de membros do exogrupo pode ser semelhante ao do endogrupo, contudo este é considerado como sendo diferente. Assim, embora se trate de duas ações semelhantes, estas são consideradas distintas (ação favorável para o endogrupo e desfavorável para o exogrupo). Quando de uma forma geral, as pessoas subestimam a importância de fatores situacionais no momento em que tentam explicar um comportamento e se dá um exagero na importância de fatores pessoais, estamos perante um *erro irrevogável* (Neto 2002, p. 254-255).

Pettigrew (*apud* Neto, 2002, p. 255) sugere quatro modos para explicar as ações positivas de membros do exogrupo: a vantagem especial ou sorte; os fatores situacionais que estão fora do seu controlo; alta motivação para o sucesso e esforço extraordinário. Estas quatro atribuições deixam transparecer que uma ação positiva de um membro do exogrupo ela não é atribuída a disposições internas.

Como refere Neto (2002, p. 255), «o erro irrevogável de atribuição coloca, pois, a pessoa alvo de preconceito numa situação que não é vitoriosa, não podendo fazer nada para alterar a percepção do observador».

2.3.3.5. Etnocentrismo

O nível de etnocentrismo é considerado um dos principais fatores que determinam o impacto psicológico de um novo meio num indivíduo (Church, 1982 *apud* Neto, 2002, p. 256).

Na sua forma mais simples, o etnocentrismo consiste no pressuposto inquestionável de que os valores culturais do nosso próprio grupo refletem a realidade objetiva, sendo característico das pessoas etnocêntricas não serem capazes de reconhecer que é possível ter outro conjunto de valores e de crenças, utilizando os seus próprios valores para julgar todos os objetos e acontecimentos. Na sua forma mais complexa, existe consciência, por parte dos indivíduos, de que há outras perspetivas culturais, no entanto estas são julgadas e

consideradas “inferiores”, “incorretas” ou “imorais” quando comparadas com as suas (Triandis, 1990 *apud* Neto, 2002, p. 256).

Todorov (1989 *apud* Rodrigo Alsina, 2012, p. 82) esclarece que o etnocentrismo tem duas pretensões: uma universalista e outra particular. Para este autor, o etnocentrismo tem a pretensão do universalismo através de uma posição pluralista de uma cultura que se generaliza. Neste contexto, os valores de uma cultura particular convertem-se nos valores de toda a humanidade, reduzindo-se a humanidade aos limites da própria cultura.

De acordo com Neto (2002, p. 256), a intensidade do etnocentrismo varia em função de diversos fatores – das culturas, do tempo, da situação e das pessoas da mesma cultura –, culminando «na manutenção de distância social, de afeto negativo, de ódio, de desconfiança, de medo, e de censura do exogrupo por problemas do endogrupo».

Ainda segundo Neto (2002, p. 256-257), as atitudes etnocêntricas (de falta de respeito pelas crenças e valores culturais) dos membros da sociedade recetora podem ter como consequência o preconceito e a discriminação em relação aos recém-chegados, o que está entre as principais causas de dificuldades de adaptação deste grupo nas sociedades de acolhimento.

Rodrigo Alsina (2012, p. 83) salienta que o etnocentrismo é transmitido em todo o processo de socialização do indivíduo – na educação, nos meios de comunicação social e até na própria língua, que se formou historicamente. Este autor dá como exemplo o fenómeno do eurocentrismo, no qual se dá «um sentimento fictício de superioridade inata às culturas e povos europeus⁷» e teve início há muitos séculos, na Grécia clássica, e se prolongou no tempo, através de séculos de domínio colonial europeu.

O mesmo autor chama a atenção para o facto de o etnocentrismo significar a negação da comunicação (intercultural), pois estamos perante um conceito relacional que se baseia na comparação, no qual dominam generalizações simplistas e estereótipos que impedem o (re)conhecimento do *Outro* (Rodrigo Alsina, 2012, p. 82-83). Este autor (2012, p. 84-85) evidencia que o etnocentrismo das informações dos meios de comunicação é, até certo ponto, algo de inevitável, uma vez que «toda a informação é feita a partir de uma determinada perspectiva», pois os meios de comunicação adaptam os materiais informativos aos padrões culturais das suas audiências. Para além disso, os meios de comunicação estabelecem fronteiras entre “nós” e um “eles”.

⁷ Tradução nossa do Espanhol.

Contudo, e apesar de um certo etnocentrismo poder ser inevitável, é necessário intervir no caso de um tipo de etnocentrismo, nomeadamente como são tratados “os outros” na informação, dado que para os jornalistas é fácil recorrer a estereótipos para se fazerem compreender pelas suas audiências e, ao descreverem *o outro* de forma negativa, estão a preparar caminho para a sua exclusão e até para a sua perseguição (Rodrigo Alsina, 2012, p. 89).

2.3.3.6. Discriminação percebida

Em todo o mundo, a discriminação, o racismo e o preconceito estão na origem de diversos problemas e conflitos de minorias étnicas e religiosas. Tal como no caso do etnocentrismo, trata-se de fenómenos históricos e, portanto, questões bastante complexas (Neto, 2002, p. 257).

Neto (2002, p. 258) define a *discriminação* como «actos intencionais que esboçam distinções injustas ou injuriosas, que assentam unicamente em bases raciais ou étnicas e que têm efeitos favoráveis nos endogrupos e desfavoráveis nos exogrupos». O mesmo autor refere que «é importante distinguir a discriminação enquanto acontecimentos que se podem medir objectivamente, de discriminação percebida enquanto interpretação individual de acontecimentos discriminatórios». No entanto, os estudos efetuados nas sociedades ocidentais centram-se na discriminação percebida, uma vez que a discriminação étnica é muito mais subtil e, por isso, difícil de documentar, a não ser pelos olhos das vítimas. Consequentemente, a discriminação pode ocorrer e não ser percebida, ao contrário, esta pode ser percebida em casos em que não ocorreu (Neto 2002, p. 258).

De acordo com Phynney *et al.* (1998 *apud* Neto, 2002, p. 258), são duas as abordagens teóricas relativamente às características individuais que afetam as percepções da discriminação, nomeadamente, a discriminação étnica – a perspectiva sociocultural e a perspectiva atribucional. Na perspectiva sociocultural, são fatores chave da discriminação percebida os seguintes: o nível de aculturação, a competência linguística, o estatuto socioeconómico, o lugar de nascimento, a idade e o sexo. Por seu lado, na perspectiva atribucional, valorizam-se as características estáveis da personalidade do indivíduo que determinam em parte se as experiências são interpretadas como/ou atribuídas à discriminação.

Neto (2002, p. 258-259) salienta a importância de variáveis socioculturais e caracterológicas na percepção da discriminação, assim como a compreensão dos fatores que

contribuem para a discriminação para podermos explicar porque é que algumas pessoas percebem maior discriminação do que outras, independentemente de fatores externos.

Neto (2002, p. 259) conclui que, independentemente das dificuldades originadas pelo contacto intercultural, «a diversidade cultural é altamente desejável». Este autor acredita que, no futuro, esta será uma condição fundamental para a sobrevivência da humanidade.

2.3.4. Resiliência e adaptação

Segundo Ramos (2004, p. 133), «a resiliência consiste na capacidade do indivíduo para resistir, adotar um funcionamento positivo ou competência face a uma situação de adversidade, face a riscos e a ameaças externas e internas, para ultrapassar de modo favorável um acontecimento negativo». Para além disso, é ainda «a capacidade de reconstrução na sequência de uma experiência traumática».

Assim, trata-se de um processo complexo de reconstrução psíquica e de adaptação, segundo o qual se dão interações entre as características do indivíduo e dos contextos ao longo das trajetórias de desenvolvimento. Neste processo, é de salientar a capacidade de adaptação a condições biológicas e psicossociais adversas, através do desenvolvimento de recursos intrapsíquicos, afetivos e sociais (Ramos, 2004, p. 133).

Cyrułnik (1999 *apud* Ramos, 2004, p. 134) apresenta a resiliência como a capacidade de viver, de ser bem sucedido e de se desenvolver de uma forma positiva, apesar de situações adversas ou de stresse, que poderão indicar o risco de uma saída negativa.

Para Werner (1992, 1993 *apud* Ramos, 2004, p. 134), a *resiliência* é o resultado de um equilíbrio evolutivo entre o confronto de elementos adversos (fatores de risco e de vulnerabilidade), fatores de protecção internos do indivíduo (personalidade, auto-estima, competências cognitivas) e fatores externos (família alargada, redes sociais, suporte comunitário).

A resiliência implica a capacidade de um indivíduo se desenvolver adequadamente, de continuar a projetar-se no futuro apesar de acontecimentos destabilizadores, condições de vida difíceis ou traumas graves. Todavia, esta capacidade tem de ser encarada enquanto processo dinâmico e evolutivo, podendo variar dependendo das circunstâncias e das etapas da vida. Importa referir ainda que esta capacidade está potencialmente presente em cada indivíduo, mas que varia em função das etapas de desenvolvimento psicológico, das circunstâncias e contextos de vida e da gravidade dos traumatismos (Manciaux, 2001 *apud* Ramos, 2004, p. 134).

Kohler *et al.* (1995 *apud* Ramos, 2004, p. 134) salientam que a resiliência não se exprime da mesma forma em diferentes culturas, pois cada grupo tem a sua forma de exprimir a dor e o sofrimento e de fazer frente às adversidades, segundo a sua cultura e os valores valorizados.

De acordo com Ramos (2004, p. 135), «a resiliência pode manifestar-se a partir de uma situação difícil e adversa», podendo assumir as seguintes modalidades: traumatismos repetidos (como violência e abusos sexuais); traumatismos brutais e pontuais (como a morte de um próximo, uma catástrofe natural, um ato terrorista, uma situação de guerra, um acidente grave de circulação; uma doença crónica ou deficiência permanente); situações de risco (como prisão, desemprego crónico, crianças de rua e institucionalizadas).

2.3.4.1. Fatores de proteção

Como salienta Ramos (2004, p. 142), «a resiliência vem acentuar a importância dos recursos internos existentes em cada um de nós, muitas vezes desconhecidos ou não valorizados, e a importância do meio ambiente e do suporte familiar, social e comunitário».

A partir de uma revisão da literatura, Gramezy e Masten (1991 *apud* Ramos, 2004, p. 139) mencionam e agrupam em três níveis as variáveis que desempenham um fator protetor nas situações de adversidade, presentes nos indivíduos resilientes: 1) fatores de proteção individuais; 2) fatores de proteção familiar; 3) fatores extra-familiares. Segundo estes mesmos autores, pertencem aos fatores individuais de proteção as seguintes características: simpatia e generosidade; competências sociais; quociente intelectual elevado e bom nível de aptidões cognitivas; inteligência emocional; sentimento de auto-estima e de auto-confiança; humor; *locus* de controlo interno; sentimento de empatia; atração e carisma; juventude; género: ser uma rapariga antes da adolescência ou um rapaz durante a adolescência. Aos fatores de proteção familiar pertencem as seguintes variáveis: qualidade relacional pais-criança; apoio parental e pais afetuosos e disponíveis; harmonia parental-familiar. São duas as variáveis dentro dos fatores extra-familiares: rede de suporte social (avós, vizinhos, pares, colegas, etc.) e experiências de sucesso escolar.

A resiliência é usada de diversas formas por diferentes disciplinas. No *Relatório do Desenvolvimento Humano 2014*, publicado pelo *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)* e cujo tema era *Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência*, procurou-se «promover uma melhor compreensão e consciencialização da importância crucial que a redução da vulnerabilidade e o reforço da resiliência têm para um desenvolvimento humano sustentável» (PNUD, 2014, p. 10). Entre as

teses centrais, é defendida a necessidade do reforço da resiliência, tanto no que diz respeito às capacidades dos indivíduos, mas também das sociedades e países para reagirem às adversidades:

As pessoas com capacidades essenciais insuficientes, nomeadamente no que toca à educação e saúde, são menos aptas ao exercício da sua vontade para viver uma vida que as realize. Acresce que as suas escolhas podem ser limitadas ou cerceadas por barreiras sociais e outras práticas de exclusão, que podem contribuir para arreigar mais ainda o preconceito social nas instituições e políticas públicas. Instituições com capacidade de resposta e medidas de intervenção política eficazes podem gerar uma dinâmica sustentável no sentido de estimular as capacidades individuais e as condições sociais que reforcem a agência humana — tornando os indivíduos e as sociedades mais resilientes (PNUD, 2014, p. 12).

Assim, nesta abordagem mais ampla do desenvolvimento humano à resiliência, evidenciam-se as pessoas e respetivas interações, constituindo o poder e a posição social fatores importantes. Neste sentido, a resiliência tem de ser reforçada tanto a nível dos indivíduos como da sociedade em que estes se inserem, no que se refere às suas capacidades individuais e às suas competências sociais (PNUD, 2014, p. 16).

2.3.5. Competências interculturais

Segundo Ramos (2013b, p. 109), «as problemáticas do domínio intercultural implicam aprender a viver e a trabalhar com o *Outro*, exigem competências de cariz psicológico, social, cultural, pedagógico e comunicacional». De acordo com a mesma autora, estas competências são «baseadas na experiência da alteridade e da diversidade e no equilíbrio entre o universal e o singular». Neste sentido, a ausência destas competências do âmbito intercultural poderá conduzir a perigos e conflitos, como salientava, no início do século XXI, o Conselho Europa (2001 *apud* Ramos, 2013b, p. 109; Ramos, 2014b).

As competências interculturais promovem a reflexão e implicam que o indivíduo tenha consciência, capacitação e competências técnicas que lhe permitam compreender, aceitar e entrar em diálogo com o *Outro*. No caso concreto dos profissionais, as competências interculturais permitem que este vasto grupo desenvolva a capacidade para integrar a diversidade individual e cultural nas suas abordagens teóricas e práticas, de forma a possibilitar a compreensão da alteridade, a aceitação e o diálogo com o *Outro* (Ramos, 2013b, p. 122).

Como já aqui referido, o contacto intercultural pode desencadear diversos problemas e dificuldades (Neto, 2002, p. 259). Assim, a ausência de competências para trabalhar com indivíduos de diferentes culturas, nomeadamente com crianças e jovens, leva frequentemente a insatisfação, atitudes etnocêntricas e comportamentos pouco adequados por partes dos

diversos profissionais, o que, por sua vez, poderá conduzir a dificuldades e conflitos de diversos tipos (Ramos, 2013b, 2014b).

Viver, comunicar, trabalhar e educar em contexto multicultural exige, por isso, o desenvolvimento de um conjunto diverso de competências interculturais, que implicam informação sobre conceitos e estratégias de comunicação, educação e intervenção interculturais. É igualmente necessário adquirir conhecimentos sobre realidades históricas, sociais e culturais dos indivíduos, grupos, comunidades e países (Ramos, 2013b, p. 123).

Ramos (2013b, p. 123) distingue três domínios a ter em conta: competências individuais, competências interculturais e competências de cidadania. Segundo esta autora, as competências individuais dizem respeito a atitudes e comportamentos que favoreçam os contactos sociais harmoniosos entre os indivíduos e as culturas. Estas referem-se também à promoção de uma atitude de descentralização, que permitirá relativizar e flexibilizar princípios tidos como únicos e universais, de forma a evitar a intolerância, a discriminação e a exclusão (Ramos, 2013b, p. 123). As competências interculturais são essencialmente competências linguísticas e comunicacionais, mas também pedagógicas. Estas deverão facilitar, por um lado, a comunicação entre diferentes culturas e a consciencialização cultural, por outro, deverão promover atitudes inclusivas, intervenções culturalmente competentes e cidadãos culturalmente envolvidos e sensíveis (Ramos, 2013b, p. 123). As competências de cidadania possibilitam um funcionamento democrático aberto, plural e participativo das sociedades, organizações e dos serviços (Ramos, 2013b, p. 123).

Ao nível das aptidões dos profissionais, relacionadas com as competências interculturais, há que destacar as competências comunicacionais e relacionais baseadas na empatia, no respeito mútuo, na curiosidade, na confiança e no reconhecimento do *Outro* (Ramos, 2013, p. 125). Muito importantes para a qualidade da intervenção social, psicológica, educacional ou da saúde são ainda a capacidade de adaptabilidade, a consciência cultural, a autoreflexão e o conhecimento dos seus preconceitos, estereótipos e atitudes discriminatórias e racistas, e dos outros grupos culturais (Ramos, 2004, apud Ramos, 2013b, p. 125).

Todavia, Ramos (2013b, p. 124) refere ainda que a competência intercultural não se limita às competências individuais e profissionais, implicando igualmente programas, organizações, serviços e políticas públicas culturalmente competentes e sensíveis às questões interculturais.

2.3.5.1. Estratégias interculturais e políticas educativas de integração

Segundo Ramos (2007, p. 225), várias medidas estão a ser preconizadas ao nível das políticas educativas, tanto ao nível internacional como europeu, para fazer face a estas novas realidades emergentes das migrações e da diversidade cultural. Tais medidas dirigem-se não só aos agentes educativos, como também aos grupos minoritários e estrangeiros e seus descendentes, e ainda à sociedade em geral, pois só assim é possível assegurar o acesso à educação, nas mesmas condições que os nacionais, pelas crianças e dos jovens de grupos minoritários.

De acordo com Ramos (2007, p. 225), a integração e o sucesso educativo dos alunos migrantes/ou descendentes de migrantes é um importante indicador de integração social, de desenvolvimento e de coesão social. Assim, e segundo a mesma autora, o investimento na educação, integração e capacitação dos jovens migrantes ou descendentes de imigrantes e minorias étnico-culturais poderá ser uma forma de combater as barreiras à educação e alfabetização, uma estratégia para lutar contra a exclusão, a violência, a pobreza e o desemprego entre os jovens migrantes (Ramos, 2013b, p. 120).

Também o desenvolvimento de competências tecnológicas, nomeadamente o domínio e a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, poderão, através da inclusão digital, favorecer a comunicação intercultural, a inclusão social e educacional destes jovens (Ramos, 2013b, p. 120).

Outras importantes medidas contribuem para a integração dos jovens migrantes ou descendentes de migrantes, em contexto escolar, como é o caso da formação intercultural contínua de professores e o reforço do ensino da língua do país de acolhimento (Ramos, 2013b, p. 120). Esta última medida desempenha um papel fundamental na educação e comunicação intercultural e na educação para a cidadania destes jovens, pois é através do instrumento ‘língua’ que estes adquirirão preparação para “viver em conjunto” (Popovici, 2006, *apud* Ramos, 2011, p. 195), o que promoverá a comunicação intercultural, prevenirá e ajudará a resolver possíveis conflitos (Ramos, 2011, p. 195).

Ramos (2013b, p. 121) salienta que é igualmente necessário definir e implementar recomendações para a constituição de turmas equilibradas e adequar as estratégias das escolas no acolhimento dos alunos estrangeiros e descendentes de imigrantes. Para além disso, é importante divulgar e dar formação no combate à discriminação (Ramos, 2013b, p. 121), uma vez que o contacto intercultural pode despoletar uma série de dificuldades

(discriminação, racismo, preconceito, etnocentrismo, estereótipos) que constituem barreiras à comunicação intercultural (Neto, 2002, p. 257; Ramos, 2011, p. 195).

3. MIGRANTES, REQUERENTES DE ASILO E REFUGIADOS NA ALEMANHA

3.1. Movimentos migratórios para a Alemanha na última década (2010-2016)

Como já foi referido anteriormente, a Alemanha é – como aliás, atualmente, todos os países ocidentais – um país de imigração. Segundo informações da *Agência Federal Alemã de Educação Cívica (BPB)*, em 2010 viviam neste país cerca de 16 milhões de imigrantes ou descendentes de imigrantes (BPB, 2016).

De acordo com dados da *Agência Federal para a Migração e para os Refugiados (BAMF)*, entre 2011 e 2016, a percentagem de estrangeiros a viver na Alemanha aumentou de 7,9% para 11,2%, ou seja, o valor de pessoas sem nacionalidade alemã ascendeu os 9,2 milhões, o que corresponde a um aumento de 45% da população imigrante em apenas cinco anos (BAMF *apud* BPB, 2018a).

Neste país, os maiores grupos de imigrantes são provenientes da Turquia, da Polónia e da Itália. No entanto, nos últimos anos, países do Médio Oriente têm vindo a ganhar importância, de onde provêm já 2,3 milhões de pessoas (BAMF *apud* BPB, 2018a). Este aumento fica também a dever-se ao forte aumento registado em 2015, ano no qual imigraram mais de dois milhões de pessoas para a Alemanha, das quais cerca de 890.000 pessoas vinham em busca de proteção internacional (BPB, 2018b). Segundo a BAMF, viviam neste país, em 2016, cerca de 1,6 milhões de requerentes de asilo ou refugiados (BAMF *apud* BPB, 2018a).

3.2. A crise migratória e humanitária de 2015 e 2016

This is a human tragedy that requires a determined collective political response.
It is a crisis of solidarity, not a crisis of numbers (Ki-Moon, 2015)⁸.

Como já foi referido anteriormente, o mundo contava, em 2015, com mais de 65 milhões de pessoas em fuga, das quais metade eram mulheres e crianças (UNHCR, 2016). Nesse ano, os países que acolheram mais pessoas em busca de proteção internacional foram a Turquia, o Paquistão, o Líbano, o Irão, a Etiópia e a Jordânia (UNHCR, 2016).

Rumo à Europa, sobretudo através da rota dos países balcãs e do mar Mediterrâneo, fugiram, no mesmo ano, mais de um milhão de pessoas. Entre os indivíduos que chegaram por via marítima, mais de 70% eram homens. Neste contexto, a partir de meados de 2015, deu-se um aumento repentino das entradas e consequentes pedidos de asilo em diversos países europeus, nomeadamente na Alemanha. Esta situação ficou a dever-se ao agravamento da

⁸ Afirmação de Ban-Ki Moon, antigo Secretário Geral das Nações Unidas entre 2007 e 2016 (Ki-Moon, 2015).

guerra na Síria, de conflitos no Iraque assim como da crise política na Grécia e em diversos países do norte de África, tornando impossível o controlo das fronteiras da *União Europeia (UE)* (Hanewinkel, 2015).

Em 2015, foram registadas, na Alemanha, cerca de 890.000 pessoas, embora nem todas tenham posteriormente feito um pedido de asilo neste país. No ano seguinte entraram cerca de 280.000 indivíduos, dos quais 150.000 foram registados nos meses de janeiro e fevereiro. A situação viria a mudar nesse mesmo ano, com o encerramento as rota dos balcãs e o acordo da *UE* com a Turquia, duas medidas que vieram a dificultar a entrada na UE pela Grécia e, portanto, levaram a uma diminuição substancial das entradas na UE e dos pedidos de asilo (Hanewinkel, 2018).

No que diz respeito aos pedidos de asilo na Alemanha, foram registados em 2015 441.899 pedidos de asilo, dos quais 69,2% foram feitos por homens e 30,8% por mulheres. Contudo, este valor não correspondia a todos os indivíduos que procuraram proteção internacional na Alemanha nesse mesmo ano, pois a *Agência Federal para a Migração e para os Refugiados (BAMF)* não teve condições, por falta de pessoal, para efetuar o registo de todos os pedidos. De janeiro a 31 de dezembro de 2016, foram registados outros 722.370 pedidos de asilo, sendo que só em meados de setembro desse ano se tinham registado a maioria dos pedidos referentes ao ano de 2015 (BAMF, 2016a; BAMF, 2016b).

De acordo com informações da *Agência Federal Alemã de Educação Cívica (BPB)*, em 2018 viviam na Alemanha 673.409 pessoas com o estatuto de refugiado ou com outro estatuto de proteção, das quais 235.785 eram mulheres (35,1%), valor que indica que a maioria dos refugiados continua a ser do sexo masculino (Hanewinkel, 2018).

Segundo dados da *União Europeia*, em 2018 foram aceites cerca de 333.400 novos pedidos de proteção, o que corresponde a 40% do valor de 2017 (533.000). O maior grupo beneficiário de proteção foi o de cidadãos da Síria (96.100, ou seja 29%), seguindo-se os do Afeganistão (53.500, ou seja 16%) e os do Iraque (24.600, isto é, 7%). A mesma fonte informa ainda que 40% de todas as decisões afirmativas referentes a 2018 na *EU* foram tomadas na Alemanha (139.600) e que quase 70% (67.000) de todos os cidadãos sírios receberam proteção neste país (Eurostat, 2019).

3.2.1. Origem dos pedidos de asilo na Alemanha e na Baixa-Saxónia

Em 2015 e 2016, o maior grupo de pedidos de asilo na Alemanha foi de cidadãos da Síria, seguindo-se do Afeganistão e do Iraque. Segundo dados da *BAMF*, dos 722.370 pedidos

de asilo em 2016, 36% foram de indivíduos sírios, 17,6% de afegãos e 13,3% de iraquianos (BAMF, 2016b).

Relativamente aos pedidos de asilo na Baixa-Saxónia, estado federal que acolheu os seis jovens participantes do nosso estudo de caso, segundo dados relativos ao ano de 2016, o maior grupo acolhido foi igualmente de pessoas da Síria (8021), seguindo-se do Iraque (6653) e do Afeganistão (4217). Este facto fica a dever-se ao sistema de distribuição de requerentes de asilo, que tem em conta tanto a situação financeira como o número de habitantes de cada um dos dezasseis estados federais. Este sistema de cotas estipulou que este estado federal recebesse 9,33% de todos os pedidos (*Niedersächsisches Ministerium für Inneres und Sport apud Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 11).

3.2.1.1. Situação na Síria

Como salienta Wieland (2017), «a Síria vive uma situação de guerra desoladora». Em 2011, na sequência da *Primavera Árabe*, surgiu neste país um movimento de protesto que exigia a queda do governo presidido por Bashar Al-Assad. Contudo, as forças de segurança do Presidente Al-Assad puseram fim a este movimento de forma brutal. Convém referir também que ao conflito inicial entre o presidente Assad e a parte da população se sobreposaram diversas linhas de conflito e distintos partidos. Neste contexto, numerosos grupos políticos, religiosos e étnicos lutam tanto contra o governo como uns contra os outros. Para agravar a situação, a organização terrorista *Estado Islâmico* (IS) combate no território sírio de forma cruel e desumana, tentando instaurar um califato próprio, com base na sua ideologia radical. Diversos atores internacionais têm contribuído para prolongar este conflito (Wieland, 2017). Segundo dados do ACNUR, mais de 4,9 milhões de pessoas fugiram da Síria e mais de 6,3 milhões de pessoas estão em fuga dentro do próprio país (UNHCR, 2018b).

3.2.1.2. Situação no Afeganistão

O Afeganistão continua a ser abalado por revoltas e atentados violentos, maioritariamente por parte dos Talibãs. Em setembro de 2015, a cidade de Konduz foi ocupada pelos Talibãs e, desde então, tem sido disputada por esta força fundamentalista. Embora o estado alemão alegue que este país tem regiões seguras, diversos especialistas referem que a situação neste país voltou a agravar-se, tanto a nível da segurança pública como no que diz respeito ao abastecimento da população. Os Talibãs e as tropas do governo afegão são acusados de crimes de guerra e de atentados contra os direitos humanos (BPB, s/ data).

3.2.1.3. Situação no Iraque

O Iraque está dividido em distintos grupos políticos e religiosos. Algumas regiões deste país estão formalmente sob o controlo do governo central iraquiano, sediado em Bagdade, outras zonas do país são controladas pelo Estado Islâmico. No Norte do país, os curdos Peshmerga defendem uma parte de um território autónomo curdo das invasões do IS. Têm sido cometidos crimes de guerra e atentados contra os direitos humanos tanto pelo IS como pelas forças de segurança do governo iraquiano – atentados, processos judiciais injustos, penas de morte, massacres, raptos e abusos sexuais a mulheres e crianças (Rohde, 2018).

3.2.2. O processo de pedido de asilo na Alemanha (Baixa-Saxónia)

Na Alemanha, o processo de pedido de asilo é constituído por cinco etapas distintas. Uma vez que os seis jovens do nosso estudo de caso requeriram asilo na Baixa-Saxónia, passaremos a descrever todo procedimento relativamente a este estado federal:

1) Chegada e registo – Todos os requerentes de asilo têm de se inscrever num centro de chegada (*Ankunftszentrum*). Na Baixa-Saxónia, existem dois centros com esta finalidade – em Bad Fallingb. e em Bramsche. Nestes centros começa por se esclarecer que estado federal é responsável pela execução do processo de requerimento de asilo. No caso de que a Baixa-Saxónia tenha atingido a cota máxima de acolhimento ou em situações em que a Baixa-Saxónia não é o estado federal responsável pelo país de origem do requerente de asilo, o indivíduo será remetido para outros estados federais, para alojamentos preparados para a chegada e registo dos mesmos (*Erstaufnahmeeinrichtungen*). Se a Baixa-Saxónia é efetivamente responsável pelo pedido, o indivíduo será registado, os seus dados serão controlados pelas instituições policiais, receberá atendimento do serviço social alemão, passará por uma consulta médica e registado pela *Agência Federal de Migração e Refugiados (BAMF)* (Hanewinkel, 2016).

2) Emissão de documento comprovativo de chegada – Quando não há dúvidas de que a Baixa-Saxónia é o estado federal onde o pedido de asilo será feito, e porque haverá um certo tempo de espera, as instituições emitem um documento comprovativo de chegada que servirá de documento de identificação. Este documento de identificação contempla uma permissão de permanência em território alemão. Assim que é emitido este documento, o indivíduo tem acesso a apoio financeiro que contempla despesas de alimentação, cuidados médicos e alojamento. Este documento não é um título de residência, mas sim um documento temporário com um prazo de validade (Hanewinkel, 2016).

3) Requerimento do pedido de asilo – Em regra, os requerentes de asilo fazem o pedido de asilo logo depois do seu registo na Alemanha, numa das sucursais da *BAMF*. Esta instituição cria um arquivo digital, no qual são registados os dados pessoais e as impressões digitais do requerente, que deverão ser comparadas com a base de dados europeia de impressões digitais (*EURODAC*) para verificar se o requerente já foi registado noutra país europeu. No caso de que o indivíduo tenha sido registado num dos países membros da *Convenção de Dublin III*, este requerente corre o risco de ver ser recusado o requerimento de asilo e repatriado para o país europeu onde foi feito o primeiro registo. Os requerentes de asilo – incluindo aqueles que foram submetidos a uma confirmação do país responsável pelo pedido de asilo – recebem uma permissão de permanência (*Aufenthaltsgestattung*) na Alemanha para o período de duração do processo de asilo (Hanewinkel, 2016).

4) A Audiência na *BAMF* – A audiência é a etapa mais importante de todo o processo de pedido de asilo. Esta audiência serve para a *BAMF* conhecer o requerente de asilo e inteirar-se das motivações/razões para o pedido de asilo. No caso de o requerente ter sido vítima de perseguição política, esta não tem de ser provada, mas o requerente terá de explicar de forma “credível” a situação de que foi vítima. Muitas vezes, os indivíduos em busca de asilo têm de responder já no primeiro centro de acolhimento a questões relativamente às razões para quererem pedir asilo na Alemanha. No caso de requerentes provenientes de países com grande probabilidade de receberem proteção (como no caso de cidadãos da Síria e da Eritreia ou quando se trata pessoas de minorias religiosas do Iraque), estes recebem neste mesmo centro de acolhimento uma informação relativamente ao reconhecimento do estatuto de refugiado ou de outro tipo de proteção. No caso de requerentes sem perspectiva de poderem permanecer na Alemanha (sobretudo quando são de países que foram considerados pelas autoridades alemãs como «países seguros»^{9 10}), estes poderão receber ainda no primeiro centro de acolhimento uma resposta negativa. No entanto, normalmente as recusas a pedidos de asilo são enviadas pelo correio, pois é necessário justificar muito bem a recusa, o que requer muito trabalho jurídico. Dada a importância da audiência do pedido de asilo, muitas organizações não governamentais oferecem aos requerentes de asilo serviços de aconselhamento e de preparação para a audiência (Hanewinkel, 2016).

5) A decisão do pedido de asilo – A decisão de conceder ou não asilo a um indivíduo é

⁹ De acordo com a Lei Fundamental da Constituição alemã (GG), esta definição é válida para países nos quais supostamente não se verificam perseguições políticas, maus-tratos ou castigos e cuja situação política e leis são aplicadas e respeitam os direitos humanos (Flüchtlingsrat, 2017, p. 14).

¹⁰ São considerados «países seguros» todos os países membros da EU, Albânia, Bósnia e Herzegovina, Gana, Kosovo, Macedónia, países da antiga República da Jugoslávia, Montenegro, Senegal e Sérvia (BAMF, 2016c).

tomada pela BAMF com base no protocolo da audiência na BAMF. No caso de uma resposta negativa, os requerentes podem pedir recurso num tribunal administrativo. O prazo para fazer o recurso é de uma a duas semanas a contar da data da decisão, em função do tipo de recusa recebida (Hanewinkel, 2016).

3.2.3. Estatutos concedidos na Alemanha

Reconhecimento do estatuto de refugiado	256.136
Proteção subsidiária	153.120
Decisões formais ¹²	87.967
Proibição de repatriamento – <i>tolerados</i>	24.084
Reconhecimento do direito a asilo	2.120

3.2.3.1. Direito a asilo

De acordo com Kraft (2016), o reconhecimento do estatuto de direito a asilo (*Asylanerkennung*) é feito com base no Artigo 16a da *Grundgesetz (GG)* [*Lei Fundamental da Constituição Alemã*]. Têm direito a este estatuto indivíduos que tenham sido perseguidos por entidades estatais (ou semelhantes a estas) por motivos políticos, durante uma guerra civil.

No entanto, e como já foi referido no cap. 2.1.2., a lei referente ao estatuto de direito a asilo, presente na *GG* alemã, foi alterada nos anos noventa, mais concretamente em 1993. Desde então, só pessoas que não atravessaram nenhum dos “terceiros estados” para chegarem à Alemanha, ou seja, por exemplo, países membros da *EU*, poderão conseguir receber este estatuto de proteção neste país (Kraft, 2016). Como refere Kraft (2016), por norma, é muito difícil para pessoas perseguidas por razões políticas entrarem na Alemanha de forma legal, por exemplo, recorrendo a um visto laboral. Neste contexto, a maioria dos perseguidos políticos entram na Alemanha de forma ilegal, usando rotas perigosas. A mesma autora salienta que, em princípio, só pessoas que entram na Alemanha via aérea ou por via marítima têm hipótese de receber proteção com base no referido Artigo 16a da *GG*. Por esse motivo, a cota de reconhecimento deste estatuto tem sido, nos últimos anos, muito baixa – entre 0,8% e 1,8%. Convém ainda referir que pessoas com este estatuto são reconhecidas como refugiados, isto é, têm os mesmos direitos que aqueles a quem é atribuído o estatuto de refugiado (Kraft, 2016), aspeto a que faremos referência em seguida, no capítulo 3.2.3.2.

¹¹ Fonte: BAMF (2016b).

¹² Decisões tomadas sem se ter tido em conta as razões do pedido de asilo (Hanewinkel, 2018).

3.2.3.2. Refugiado

O reconhecimento do estatuto de refugiado tem como base a seguinte definição de *refugiado* da *Convenção das Nações Unidas* de 1951 (Kraft, 2016):

[Refugiado é] toda a pessoa que, em razão de fundados temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, se encontra fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo (ACNUR, s/ data).

Assim, e como refere Kraft (2016), «não apenas situações de perseguição por entidades estatais, mas igualmente a perseguição por grupos militantes, grupos terroristas, clãs ou membros da própria família pode ser considerada *perseguição política*¹³». Outro motivo para ter direito a este estatuto é ser alvo de perseguição de gênero (por ex., violência doméstica). Contudo, na prática, é muito difícil distinguir quem tem direito de quem não tem direito a este estatuto (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 18).

Este estatuto não excluiu *a priori* requerentes que tenham atravessado “terceiros estados” para entrar na Alemanha. No entanto, para o reconhecimento deste estatuto é necessário que tenha existido uma perseguição com base na “raça”, religião, nacionalidade, militância política ou pertença a um determinado grupo, sendo esta perseguição baseada em traços individuais imutáveis (identitários e de nascença) – como a cor da pele, sexo, crenças religiosas ou orientação sexual (Kraft, 2016).

Todas as pessoas com o estatuto de refugiado têm, na Alemanha, o direito a uma autorização de residência de três anos que, ao fim deste período de tempo, passará a autorização de residência por tempo ilimitado – *Niederlassungserlaubnis* [autorização de residência permanente]. Para além disso, estes indivíduos recebem um cartão azul (*die blaue Karte*) de cidadão refugiado, com o qual se podem identificar ao viajarem para países que tenham assinado a *Convenção de 1951*, tendo ainda autorização para se deslocarem, por três meses, dentro do *Espaço Schengen* (30 países) sem necessitar de um visto. Outro direito relacionado com este estatuto é o de os indivíduos poderem frequentar um curso de integração (Kraft, 2016), aspeto a que faremos referência no cap. 3.4. deste trabalho.

No caso do reagrupamento familiar, este é “facilitado”, podendo ser requerido três meses depois da resposta de reconhecimento do estatuto de refugiado, não sendo necessário que a família consiga assegurar sozinha a sua subsistência nem que o cônjuge tenha de comprovar conhecimentos da língua alemã (Kraft, 2016).

¹³ Tradução nossa do Alemão.

3.2.3.3. Proteção subsidiária

Indivíduos que não tenham direito à proteção internacional estipulada na Convenção de 1951, ou seja, que não foram perseguidos mas que, no país de origem, correm o risco de maus-tratos (pena de morte, torturas, castigos, etc.), têm direito à chamada *proteção subsidiária*, que é um estatuto que tem como base critérios estipulados na Convenção dos Direitos Humanos Europeus (Kraft, 2016). Para além disso, este estatuto pode ser atribuído em situações em que os cívicos corram risco individual, em guerras ou conflitos armados. Estes perigos não dependem de características pessoais (por ex., a etnia), (Kraft, 2016).

Os indivíduos com este estatuto não são reconhecidos como refugiados e recebem uma autorização de residência limitada (Hanewinkel, 2018).

Na Alemanha, o estatuto subsidiário dá direito a uma autorização de residência válida por um ano e que pode ser prolongada ao fim deste período de tempo. Ao fim de cinco anos, estas pessoas podem obter uma autorização de residência permanente se cumprirem determinados requisitos. Para além disso, portadores deste título de proteção podem frequentar um curso de integração, normalmente recebem autorização para mudar de residência dentro da Alemanha sempre que forem capazes de assegurar sozinhas a sua subsistência e dos seus filhos (Kraft, 2016).

Os critérios de avaliação dos pedidos de asilo têm sofrido alterações: enquanto que, em 2015, quase todos os requerentes da Síria receberam o estatuto de refugiado, em 2016, um número crescente de requerentes deste país já só receberam proteção subsidiária. O mesmo se verifica relativamente a pedidos do Iraque, da Eritreia e do Afeganistão. Críticos calculam que por trás destas decisões esteja uma estratégia política da *BAMF*, pois desta forma se dificulta e restringe o reagrupamento familiar (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 18).

Proibição do reagrupamento familiar para pessoas com proteção subsidiária

Na Alemanha, o reagrupamento familiar deixou de ser permitido, a partir de março de 2016, por um espaço de dois anos e meio, para todos os indivíduos com proteção subsidiária (Kraft, 2016). Embora, a partir de agosto de 2018, tenha voltado a ser possível requerir reunificação familiar, foi estabelecido um limite de 1.000 vistos por mês. Esta limitação afeta sobretudo os requerentes de asilo e refugiados provenientes da Síria, que desde 2015 já praticamente só vêm reconhecido o estatuto de proteção subsidiária e que, sem o estatuto “completo” de proteção, não conseguem trazer a sua família nuclear (marido/mulher e filhos menores de idade), (Hanewinkel, 2018).

3.2.3.4. Recusas de asilo: tolerados e repatriamento (Baixa-Saxónia)

Proibição de repatriamento – tolerados

A proibição do repatriamento dá-se quando as pessoas que deveriam ser repatriadas acabam por não poder ser expulsas do país por distintos motivos, falando-se de um «adiamento temporário do repatriamento» (*vorübergehende Aussetzung der Abschiebung*). Normalmente, a permissão de residência é atribuída com base na lei de residência 60a (§ 60a *AufenthG*) depois de o indivíduo ter requerido asilo e ter perdido o processo. Esta situação acontece quando os indivíduos não têm documentos de identificação, quando não há ligações aéreas para regiões em guerra ou ainda no caso de doença ou de falta de condições físicas para fazer a viagem. No entanto, assim que o impedimento deixe de existir, estas pessoas correm o risco de ser repatriadas (Kraft, 2016).

Como se pode ver na tabela 1, em 2016, foi concedido o estatuto de tolerado a 24.084 pessoas, na Alemanha (BAMF, 2016b). No mesmo ano, viviam na Baixa-Saxónia cerca de 15.000 indivíduos com uma chamada *tolerância* (*Duldung*), dos quais quase 3.000 pessoas mantêm este estatuto há mais de 11 anos (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 19).

Os indivíduos portadores deste estatuto têm uma permissão de residência que tem de ser prolongada de três em três meses, no serviço de estrangeiros local (*Ausländerbehörde*). A nível do acesso ao mercado de trabalho, não estão autorizados a trabalhar nos primeiros três meses e, depois de decorrido esse período de tempo, necessitam da autorização do serviço de estrangeiros, nos primeiros 48 meses, sempre que arranjem em emprego ou queiram fazer um estágio remunerado¹⁴. Para além disso, pessoas com este estatuto não têm autorização para mudar de residência e só podem pedir reagrupamento familiar se forem capazes de assegurar sozinhas a sua subsistência e dos seus filhos (Kraft, 2016).

Repatriamento

Na Alemanha foram repatriadas, só no ano de 2016, 25.375 pessoas. Este valor corresponde a um aumento de 21,5% relativamente ao ano anterior (BAMF, 2016b).

Na Baixa-Saxónia, aumento de repatriamentos foi muito superior ao aumento a nível nacional: enquanto que em 2015 foram expulsas 938 pessoas, em 2016 foram repatriadas deste estado federal 1.908., o que corresponde a um aumento de 103,4 % e significa que, em média, expulsas da Baixa-Saxónia 5,2 pessoas por dia, ou seja, este estado federal foi, em 2016,

¹⁴ *Einstiegsqualifizierung* [estágio remunerado de 6 a 12 meses numa empresa para facilitar o acesso ao mercado de trabalho ou a formação profissional].

o quinto estado federal que mais pessoas expulsou (BAMF, *apud Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 24).

Críticos referem que o aumento dramático de repatriamentos não pode ficar a dever-se só ao aumento de recusas de pedido asilo, mas também a situações em que as autoridades preferem expulsar a proteger (por exemplo, no caso de pessoas doentes). Vítimas desta decisão são não só requerentes de asilo que entraram na Alemanha nos últimos dois ou três anos, como também muitas pessoas que já vivem na Alemanha há muitos anos e estavam integradas - tanto do ponto de vista social como linguístico (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p. 24).

Proibição de repatriamento - tolerados por motivo de formação profissional

É importante referir que uma forma, para muitos jovens, de adiar ou contornar a expulsão é assinando um contrato de formação profissional-dual, que corresponde a um contrato de trabalho entre o/a aprendiz e uma empresa acreditada para dar formação profissional pela respetiva câmara. Nesses casos, trata-se de um estatuto de tolerância por motivos de formação (*Ausbildungsduldung*) que permite uma permissão de residência de «3+2», ou seja, o número três refere-se aos três anos de formação profissional; no caso de que o indivíduo termine a formação profissional, são atribuídos mais dois anos (emprego segundo Lei 18a, Parágrafo 1a da Lei de Residência - *Beschäftigung nach § 18a Abs. 1a AufenthG*), (BAMF, s/ data). Convém ainda salientar que esta regra de «3+2» exclui todos os outros jovens em formação escolar ou universitária.

3.3. Resumo das atuais políticas de integração de migrantes e refugiados

Segundo Berlinghoff (2018), as atuais políticas de integração da Alemanha ficaram, em grande parte, estabelecidas no início de 2005, com uma nova Lei da Imigração (*Einwanderungsgesetz*). Nessa altura, já era consensual que a Alemanha se havia tornado num país de imigração - constatação que havia sido evitada durante décadas pela sociedade e pelos governos alemães. Desde então, as políticas de imigração e de integração alemãs - duas faces da mesma moeda - ganharam importantes novos impulsos, tornando-se a integração de imigrantes num tópico relevante das políticas dos últimos governos alemães (Woellert & Klingholz, 2014: 8).

Com a nova Lei da Imigração, deu-se em 2005 uma extensa reforma da política imigratória e de integração da Alemanha. Schneider (2007) destaca a *Lei de Residência*

(*Aufenthaltsgesetz*), que permitiu reforçar, pela primeira vez, a promoção da integração através da aquisição da língua alemã. Nas palavras deste investigador da *BPB*, a ideia é «incentivar e exigir»: por um lado, os imigrantes passaram a ter direito por lei à participação em cursos de integração; por outro lado, alguns grupos de migrantes passaram a ser obrigados a participar se não quisessem ser penalizados (Schneider, 2007).

Nos últimos anos, merecem destaque duas medidas das políticas integratórias: a introdução, em 2012, da *Lei de Reconhecimento de Diplomas Estrangeiros*, que permitiu facilitar o reconhecimento da formação superior aos imigrantes; no ano de 2014, a reforma da *Lei de Cidadania*, na qual é possível pedir a naturalização alemã ao fim de cinco anos de residência, mas que ainda não contempla a possibilidade da dupla nacionalidade para todos os imigrantes indiscriminadamente (Berlinghoff, 2018).

A Alemanha é, atualmente, a única nação (entre os maiores países de imigração) que continua a exigir a muitos imigrantes que abdicuem da sua nacionalidade de origem para poderem obter a cidadania alemã. Huddleston (*apud* MIPEX IV, 2015a) salienta este aspeto, afirmando que esta limitação é responsável pelo número reduzido de naturalizações e pelo facto de a taxa de naturalizações na Alemanha ter baixado nos últimos anos e estar abaixo da média dos países da Europa ocidental.

Embora tenha sido iniciada uma viragem nas políticas de integração alemãs – e a recente avaliação do *Índice de Políticas de Integração de Migrantes (MIPEX)*, (MIPEX IV, 2015a) traduza essas melhorias, ao ter atribuído à Alemanha o décimo lugar (61 pontos, «políticas relativamente favoráveis») num total de 38 países – este estudo põe igualmente a descoberto as limitações das atuais políticas alemãs para a integração de imigrantes. Assim, constatou-se que este país carece de medidas que permitam a facilitação da reunião familiar (24. lugar), de medidas anti-discriminatórias (22. lugar), assim como de um melhor acesso aos cuidados de saúde (22. lugar). O âmbito da educação também necessita de medidas mais eficazes (16. lugar). Os melhores resultados da Alemanha nesta avaliação foram atribuídos aos âmbitos do acesso à cidadania alemã (3. lugar) e da integração de imigrantes no mercado de trabalho (4. lugar), (MIPEX IV, 2015b).

Relativamente à integração de refugiados, o plano de integração do Governo concentra-se na aprendizagem da língua alemã e na formação escolar e profissional de crianças e jovens requerentes de asilo e refugiados, uma vez que mais de metade dos pedidos de asilo são de pessoas com menos de 25 anos de idade. Foi neste contexto que se deu, em outubro de 2015, uma mudança na lei, que passou a permitir que pessoas cujo pedido de asilo ainda não está esclarecido possam frequentar os cursos de integração (MDI, 2016).

3.4. Medidas de “apoio” à integração de requerentes de asilo e refugiados Os “cursos de integração” e os “cursos de orientação”

Como já foi referido anteriormente, em janeiro de 2005 entrou em vigor, na Alemanha, uma reforma da *Lei da Imigração*, que introduziu a obrigatoriedade de cursos de língua e de adaptação para estrangeiros, aplicando-se esta obrigatoriedade a novos imigrantes com conhecimentos insuficientes do idioma alemão (Berlinghoff, 2018).

Atualmente, o programa de integração contém no totalidade, 700 horas-letivas, das quais 600 são para o ensino de conhecimentos médios de língua (“cursos de integração”) e 100 horas-letivas para veicular conhecimentos quotidianos, noções de ordem jurídica, de cultura e história alemãs (“cursos de orientação”), (BAMF, 2017a). Todos os cursos são definidos e coordenados pela *Agência Federal de Migração e Refugiados* (BAMF), devendo, primeiramente, habilitar os indivíduos estrangeiros a lidarem de forma autónoma com diversas situações quotidianas, sendo uma das prioridades a transmissão dos valores democráticos constitucionais – os princípios do estado de direito, de igualdade social, tolerância e liberdade de religião. O objetivo final destes cursos é incentivar a integração dos migrantes na sociedade alemã através da sua participação e da igualdade de oportunidades (BAMF, 2017a).

Os *cursos de integração* e os *cursos de orientação* são oferecidos em mais de mil escolas de línguas ou organismos co-financiados pelo estado alemão, tendo em comum o currículo, a carga horária, a duração e a obrigatoriedade de adoção de manuais e materiais didáticos de apoio concebidos e/ou autorizados pela *BAMF*. Segundo esta entidade, «estes cursos constituem uma ferramenta básica para que os/as migrantes possam alcançar o nível B1 de língua alemã e adquiram conhecimentos sobre cultura, história e direito alemães», seguindo o “lema” de «incentivar e exigir¹⁵», ou seja, proporcionando uma oferta de cursos, mas exigindo que os/as participantes atinjam o nível B1 num determinado espaço de tempo e assumam uma parte dos custos dos cursos frequentados (BAMF, 2017a).

Cursos de integração para mulheres refugiadas

De acordo com a *BAMF* (2017b), enquanto que, no ano de 2015, metade de todos os novos participantes de cursos de integração eram mulheres, em 2016 este grupo constituída apenas um terço de todos os novos inscritos.

Segundo a *BAMF*, o desempenho das mulheres que frequentaram cursos de integração

¹⁵ Tradução nossa do Alemão.

revela que este grupo demonstra ter muita motivação e, apesar de ter menos conhecimentos prévios, um elevado nível de desempenho. Para além disso, constatou-se que este grupo consegue melhores resultados quando os cursos são lecionados por professoras. Foi neste contexto que se criaram cursos especiais, sob o lema de que «mulheres aprendem melhor com mulheres¹⁶». Estes cursos têm um currículo especial, desenvolvido para mulheres migrantes que, por razões familiares ou devido a outros motivos, não podem ou não querem frequentar um curso “normal” de integração. Para motivar a participação destas mulheres, os cursos são organizados em espaços conhecidos das migrantes (escola ou jardim de infância dos filhos), os conteúdos do curso estão adaptados às necessidades do dia-a-dia, as professoras são frequentemente migrantes, ou seja, com experiência e capacidade de encorajar estas mulheres a aprenderem a língua alemã, o que aumenta a autoconfiança destas mulheres (BAMF, 2017b).

3.4.1. *SPRINT*: um projeto piloto da Baixa-Saxónia para a integração de jovens requerentes de asilo e refugiados

O *Kultusministerium* [Ministério da Educação da Baixa-Saxónia] criou, no final de 2015, um projeto-piloto de integração para dar apoio a jovens requerentes de asilo e refugiados com idades compreendidas entre os 16 e 21 anos e que denominou de *SPRINT* [três primeiras letras das palavras *língua* e *integração*]. Este projeto foi introduzido nas escolas profissionais deste estado federal para responder ao aumento drástico de requerentes de asilo e refugiados em 2015 e 2016.

O objetivo deste projeto é a formação em língua e cultura alemãs e ainda preparação deste grupo para a formação profissional dual¹⁷. O projeto está dividido em duas partes (1 ano + 1 ano). No primeiro ano, ou seja, em turmas *SPRINT* de 25 horas semanais, que deverão ter entre nove e dezasseis alunos, os jovens adquirem conhecimentos sobre a língua, cultura (valores, normas e hábitos da sociedade alemã), têm aulas de cálculo básico e recebem consultas de orientação profissional por parte do Instituto de Emprego (*Arbeitsagentur*), fazem estágio de duas semanas em pelo menos uma empresa da cidade ou região de Hanôver. Em função do aproveitamento escolar, da assiduidade, das condições de saúde física e psicológica e do comportamento e perfil social do aluno, será ou não permitida a passagem ao segundo ano do projeto (*Niedersächsisches Landesschulbehörde*, 2017).

O segundo ano é denominado de *SPRINT-Dual*, no qual os jovens terão que fazer, três

¹⁶ Tradução nossa do Alemão.

¹⁷ A formação *dual* é uma particularidade do sistema de ensino alemão. A formação *dual* pode ir de dois a quatro anos, em função do curso, contemplando a aprendizagem e o trabalho numa empresa (três dias por semana) e, paralelamente, aulas numa escola profissional (dois dias por semana).

dias por semana, oito horas por dia, um estágio-profissional remunerado (231€¹⁸) de seis meses a doze meses, numa empresa que tenha autorização para dar formação profissional e, nos outros dois dias (no total de 12 horas semanais), frequentar de aulas de Alemão e Matemática, na mesma escola profissional (Niedersächsisches Landesschulbehörde, 2017).

O acesso ao segundo ano pode obrigar a frequência do primeiro ano, embora não seja obrigatório. A idade limite para frequentar uma turma de SPRINT-Dual são os trinta anos, podendo inscrever-se jovens que tenham conhecimentos de A2 ou B1 de língua alemã e ainda não tenham conseguido entrar em formação profissional ou superior. A estrutura do segundo ano deste projeto tenta “simular” a situação de formação profissional-dual, na qual os jovens recebem formação profissional partilhada entre uma escola profissional e uma empresa na qual têm um contrato de trabalho. No final do ano dual, os jovens recebem a informação da empresa de se poderão (ou não) entrar em formação profissional, no ano letivo seguinte. De acordo com dados da escola *BBS-me*, a cota de entrada em formação profissional é bastante elevada (90%), ou seja, a maioria dos jovens que frequentam o ano *Sprint-Dual* consegue assinar um contrato de trabalho e entrar em formação profissional (*Niedersächsisches Landesschulbehörde*, 2017).

Inicialmente criado para decorrer apenas durante um ano, até final de 2016, este projeto piloto seria prolongado quando se criou o ano *SPRINT-Dual*. Atualmente, está previsto que seja integrado, a partir do ano letivo de 2020/21, num dos ramos do sistema de ensino da Baixa-Saxónia, em turmas do ramo *BES (Berufseinstiegsschule)*, ou seja, em turmas preparatórias, de orientação profissional para jovens menores de idade, nas escolas profissionais da Baixa-Saxónia. Nessa altura, passarão a poder inscrever-se apenas jovens migrantes requerentes de asilo ou refugiados que sejam menores de idade, aspeto polémico e muito debatido, dado a falta de alternativas de qualidade e que prestem um apoio adequado a estes jovens.

3.5. A situação atual de integração dos refugiados na Alemanha

Em janeiro de 2019, foi publicado um relatório do *Instituto para o Mercado de Trabalho e Investigação Laboral (IAB)* relativamente à evolução da integração de refugiados na Alemanha, tendo como base num inquérito representativo de longa-duração, a decorrer desde 2016, e informando sobre a situação geral deste grupo, nalguns âmbitos importantes – saúde

¹⁸ Este valor é financiado pelo instituto de emprego (*Arbeitsagentur*), de forma a incentivar as empresas a aceitarem jovens para estágio e posterior formação profissional.

física e mental, conhecimentos linguísticos, acesso a formação escolar e profissional e ao mercado de trabalho (Brücker *et al.*, 2019).

Brücker *et al.* (2019, p. 15) salientam que a situação inicial desde grupo, à chegada, em 2016 era, de diversas perspectivas, «bastante desvantajosa¹⁹».

O estudo indica que, atualmente, a saúde física e psicológica da maioria dos refugiados é boa. Contudo os autores salientam que existe uma probabilidade muito alta de este grupo contrair doenças mentais, em comparação com o resto da população. Igualmente provável são os síndromes pós-traumáticos, sendo as mulheres e as pessoas mais velhas os maiores grupos de risco. Os indicadores de saúde revelam que, no futuro, a assistência médica deste grupo deverá ser um desafio central para a sociedade alemã (Brücker *et al.*, 2019, p. 15).

Relativamente aos conhecimentos de Alemão, o estudo revela que metade de todos os requerentes de asilo ou refugiados já frequentou um curso de integração. No caso dos indivíduos com um estatuto de proteção, o valor atinge os 60%. Neste contexto, o número de pessoas que indicou falar “bem” ou “muito bem” Alemão quase duplicou de 2016 para 2017. No entanto, só um terço de todos os indivíduos inquiridos tem efetivamente bons ou muito bons conhecimentos de Alemão. Embora os conhecimentos de Alemão deste grupo tenham melhorado substancialmente desde 2016, continua a haver necessidade de apoio na aprendizagem do Alemão, sobretudo para mulheres e crianças Brücker *et al.* (2019, p. 15).

No que concerne o nível de formação deste grupo, o estudo informa que este é superior ao das pessoas nos seus países de origem, muito embora exista um grande desfasamento em relação ao nível de formação médio da população da Alemanha. Um décimo dos refugiados frequentava em 2017 uma escola, estudava ou fazia formação profissional, tendo este valor duplicado entretanto (Brücker *et al.*, 2019, p. 15).

Em 2017, a taxa de emprego deste grupo (todos os refugiados que entraram na Alemanha desde 2013) era de 21%, tendo aumentado para 35% em outubro de 2018. No entanto, os especialistas salientam que quase um terço (30%) deste grupo trabalha em áreas para as quais tem demasiado formação e um quarto (25%) está empregado em setores cuja exigência é superior às suas qualificações. Contudo, observa-se que muitos refugiados têm empregos que exigem qualificações muito inferiores às dos empregos que tinham no país de origem. Para além disso, o estudo informa que este grupo ganha, em média, apenas 55% do valor do ordenado médio de uma pessoa empregada a tempo inteiro, na Alemanha (Brücker *et al.*, 2019, p. 15).

¹⁹ Tradução nossa do Alemão.

3.5.1. A situação das mulheres refugiadas na Alemanha

Em 2017, foi publicado pelo *Centro de Investigação em Migração, Integração e Asilo* da *BAMF*, um estudo sobre mulheres refugiadas na Alemanha (Worbs & Baraulina, 2017). Esta investigação, que abrangeu os anos de 2012 a 2016, centrou-se na aquisição de conhecimentos linguísticos, de formação e na situação no mercado de trabalho e indica-nos que, neste período de tempo, mais de meio milhão de raparigas e mulheres procuraram asilo na Alemanha, sendo que a maioria era muito jovem, veio com a família e provinha da Síria, do Afeganistão e do Iraque.

De acordo com as investigadoras Worbs & Baraulina (2017), as mulheres refugiadas são – como aliás os homens – «muito motivadas²⁰», querendo participar na sociedade alemã. Contudo, este grupo é muito menos qualificado e frequentemente tem muito menos escolaridade do que o dos homens. Para além disso, as mulheres têm muito menos experiência com trabalhos remunerados nos países de origem. As mesmas autoras salientam que as mulheres frequentam cursos de integração muito mais tarde do que os homens e que têm piores conhecimentos linguísticos do que os homens, o que se pode dever à falta de oportunidades para falar esta língua. Constatou-se ainda que o acesso às instituições responsáveis pelos cursos de integração ou de formação escolar e profissional é sobretudo mais difícil para este grupo. Por outro lado, assim que estas mulheres conseguem ter acesso a estas mesmas instituições, o sucesso deste grupo é comparável ao do grupo masculino. Relativamente à presença das mulheres em empregos remunerados na Alemanha, esta é bastante inferior à dos homens e a de outros grupos. Simultaneamente, o número de mulheres refugiadas em empregos com carga horária reduzida é muito alto, muito embora esta situação não seja unicamente característica deste grupo. A maioria destas mulheres estão empregadas em sectores muito concretos, como é o caso da prestação de serviços de limpeza ou do sector turístico (hotelaria e restaurantes). As duas autoras concluem que esta situação se deve a uma acumulação de fatores (má qualificação, pouca experiência profissional, aprendizagem tardia da língua alemã, obrigações familiares), embora salientem que a maioria destas mulheres (quatro em cada cinco) desejam trabalhar na Alemanha (Worbs & Baraulina, 2017).

No relatório acima mencionado do *IAB*, relativamente à evolução da integração de refugiados na Alemanha, indica-se que as mulheres refugiadas têm uma maior probabilidade de sofrer traumatismos pós-traumáticos. O inquérito informa ainda que as mulheres com filhos precisam de mais ofertas de cursos de língua alemã. Relacionado com este aspeto está o

²⁰ Tradução nossa do Alemão.

facto de este grupo estar muito pior integrado no mercado de trabalho do que o grupo dos homens, o que também se fica a dever ao facto de as mulheres viverem na sua maioria com os seus parceiros ou com filhos, sendo que metade são crianças muito pequenas. Os autores concluem que «há muito a fazer para apoiar este grupo a participar mais na sociedade alemã», sendo necessários outros estudos para compreender melhor os fatores (Brücker *et al.*, 2019).

3.6. A sociedade alemã face à crise migratória e humanitária de 2015-2016: entre “cultura de boas-vindas”, extrema-direita, islamofobia, racismo e xenofobia

Como salienta Hanewinkel (2015), a crise migratória e humanitária de 2015-2016 – que fez disparar, no espaço de poucos meses, a entrada de migrantes e os pedidos de asilo na Alemanha – foi acompanhada por um movimento de cidadania único até então, na história da Alemanha, que se caracterizou por uma grande abertura, por parte da população alemã, em relação aos requerentes de asilo e refugiados. Segundo esta autora, esta atitude continua presente em grande parte da população alemã, que se organiza de diferentes formas para ajudar este grupo a integrar-se na sociedade alemã (Hanewinkel, 2015).

No entanto, depois de inúmeras demonstrações da chamada „cultura de boas vindas“ („*Willkommenskultur*“) em muitas partes deste país, começaram a multiplicar-se os movimentos racistas assim como os partidos populistas de extrema-direita, o que veio alterar o clima social e político, na Alemanha. Por um lado, o discurso passou a ser dominado pela preocupação pela defesa nacional e pelas „ameaças“ à segurança pública. Este discurso, defendido tanto por grupos populistas de extrema-direita como por alguns políticos de outros partidos, ataca abertamente os refugiados e fomenta a calúnia relativamente a este grupo minoritário (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p.16). Esta realidade confirma a teoria de Castles (2005, p. 37), que explica que «independentemente das medidas tomadas pelos governos, a imigração pode levar a fortes reações por parte de alguns segmentos da população», uma vez que as migrações e as minorias são muitas vezes consideradas «um perigo para os padrões de vida, para os estilos de vida e para a coesão social». Este autor recorda que, na Europa, os partidos de extrema-direita cresceram e floresceram através de campanhas anti-imigração (Castles, 2005, p. 37).

Na Alemanha, o mais conhecido destes partidos é a *Alternativa para a Alemanha (AfD)*. Embora se associe a fundação deste partido à crise dos refugiados, este já existia desde 2013, contudo esta crise migratória e humanitária acabaria por funcionar como um „catalisador“ que fez a *AfD* passar de 5% para cerca de 14% dos votos, em 2017. Assim, se inicialmente se

tratava de um partido que se definia por uma „vertente“ anti-euro, este passou, a partir de 2015, a ter outra, a da anti-imigração, mais concretamente anti-refugiados (Lübbe, 2019).

Ainda de acordo com Castles (2005, p. 38), «a experiência acumulada durante os últimos cinquenta anos indica que a imigração conduz quase sempre a mudanças culturais, que podem ser apercebidas como uma ameaça²¹». No caso alemão, deu-se recentemente uma alteração da legislação que regula a situação e direitos dos requerentes de asilo e refugiados – são alguns exemplos de uma política mais restritiva como reação ao aumento drástico de requerentes de asilo e refugiados a suspensão do reagrupamento familiar para pessoas com proteção subsidiária, regras mais exigentes que regulam a residência habitual para indivíduos com um estatuto proteção, simplificação de repatriamentos (*Flüchtlingsrat Niedersachsen*, 2017, p.16).

Por outro lado, Zick (*apud* Lübbe, 2019) refere numa entrevista ao jornal *Zeit Online*, relativo à situação de integração de migrantes na Alemanha, que um estudo recente indica que «as pessoas na Alemanha encaram a migração de forma mais positiva» do que no passado e que esta “viragem à direita” tem de ser relativizada. Este investigador argumenta que «há uma discrepância entre o discurso da opinião pública sobre migração e integração e realidade da vida das pessoas²²». Assim, na sua opinião, «os cidadãos são mais moderados do que o debate político²³». De acordo com o mesmo autor, a maioria (80%) dos cidadãos na Alemanha é a favor de uma sociedade heterogénea. Paralelamente, 30% das pessoas inqueridas não vêem necessidade de mais „cultura de boas vindas“. Relativamente aos critérios de pertença à sociedade alemã e à maior abertura desta mesma sociedade, Zick (*apud* Lübbe, 2019) constatou existirem algumas contradições. Este autor acredita que um dos problemas é a classe política achar que o discurso da extrema-direita populista é o discurso dominante, quando não é o caso. Este autor chama ainda a atenção para o facto de este discurso radical se dar em casos isolados e mais a nível regional (Zick, *apud* Lübbe, 2019). Para além disso, a classe política enfatiza demasiado os conflitos na sociedade alemã. A sociedade civil quer maior abertura, mas a classe política não reage a este desejo, o que leva a um alheamento e a desconfiança por parte dos cidadãos. Constata-se ainda uma tendência para a polarização das sociedade alemã porque, geralmente, a migração e o aumento de requerentes de asilo funcionam como uma «prova de stresse» para qualquer sociedade, ou seja, «fortes fluxos

²¹ Tradução nossa do Alemão.

²² Tradução nossa do Alemão.

²³ Tradução nossa do Alemão.

migratórios tornam sistemas políticos mais instáveis²⁴» (Zick, *apud* Lübbe, 2019).

No caso da crise migratória e humanitária de 2015-2016, Zick (*apud* Lübbe, 2019) afirma que se registou um forte aumento de ajuda humanitária por parte da população alemã aos requerentes de asilo e refugiados. Contudo, os debates políticos não debateram esta realidade, mas sim a situação de sobrecarga em que se encontrava a população porque os auxiliares e ajudantes de migrantes não pertencem nem a grupos políticos nem a movimentos sociais, ajudando de forma silenciosa. Ao mesmo tempo, os cidadãos reconhecem que os conflitos e problemas aumentaram com o grande aumento de migrantes e refugiados, mas relativizam a situação. Zick (*apud* Lübbe, 2019) conclui, por isso, que «há falta de moderação por parte da política alemã²⁵», o que permitiu que a extrema-direita populista dominasse o discurso político.

Kleist (*apud* Sadigh, 2017) reforça esta ideia afirmando que «a crise dos refugiados impulsionou de forma inovadora a integração de migrantes na sociedade alemã²⁶». Segundo este autor, o problema é a «atitude de defesa» da política alemã.

Relativamente ao aumento de conflitos relacionados com o elevado número de migrantes e refugiados a viver atualmente, na Alemanha, El-Mafaalani (*apud* Täubner, s/ d.) refere em entrevista que se trata de algo positivo, pois significa que os distintos grupos se relacionam e, portanto, se estão a aproximar. Este autor fala, por isso, de um «paradoxo da integração», isto é, que uma integração bem-sucedida leva necessariamente a mais conflitos.

O debate sobre se o Islão pertence ou não à Alemanha é, na opinião do mesmo autor, o reflexo desse conflito, mas igualmente de um certo progresso. Segundo El-Mafaalani (*apud* Täubner, s/ d.), nos anos noventa, a resposta a esta questão seria «não» – tanto por parte do país de acolhimento, como por parte dos muçulmanos. O mesmo autor salienta que a situação mudou claramente e que, entretanto, a resposta já seria um «50:50».

Atualmente, a hostilidade contra os muçulmanos e o Islão está presente no debate em redor do uso do lenço islâmico. El-Mafaalani (*apud* Täubner, s/ d.) salienta que, enquanto o uso do lenço se restringiu a empregadas da limpeza que mal falavam o Alemão, ninguém se sentiu incomodado. Só mais tarde, quando mulheres licenciadas, nomeadamente professoras, não quiseram abdicar de usar o lenço islâmico no trabalho, a questão se tornou um assunto político.

Uma das questões recentes, em alguns estados federais (por exemplo, na Renânia do

²⁴ Tradução nossa do Alemão.

²⁵ Tradução nossa do Alemão.

²⁶ Tradução nossa do Alemão.

Norte-Vestfália) prende-se com a permissão (ou proibição) do uso de lenço a raparigas com idade inferior a catorze anos. De acordo com Kanitz (*apud* Gökkaya & Sadigh, 2018), especialista em cultura islâmica em entrevista ao jornal *Zeit-Online*, «a maioria dos pais muçulmanos não querem que as suas filhas pequenas usem o *hiyab*²⁷». A mesma fonte refere que «tanto muçulmanos liberais como políticos conservadores são [na Alemanha] a favor de uma proibição». Associações de professores encaram o lenço islâmico com sendo um «perigo para a autodeterminação das raparigas e para a integração das mesmas».

De acordo com Johansson (2013), «os muçulmanos são rejeitados na Alemanha²⁸» – mesmo quando se trata de pessoas de origem imigrante a viver em segunda ou terceira geração neste país. A sua religião é equiparada por políticos não-muçulmanos de centro-direita a „atraso“ e „terrorismo“. A autora refere que estas imagens negativas têm uma origem muito antiga e salienta que as estratégias pedagógicas para lidar com esta hostilidade contra o Islão, contra a exclusão ou marginalização deste grupo na sociedade alemã, ainda estão numa fase muito inicial.

Outro fenómeno que aumentou desde a crise migratória e humanitária de 2015-2016 foi a criminalidade motivada por motivos racistas e xenófobos. Um estudo do *Mannheimer Leibniz-Zentrum para Estudos Económicos Europeus* indica que os estados federais da antiga Alemanha de Leste são consideravelmente mais perigosos para refugiados do que os estados ocidentais (*Zeit-Online*, 2019).

Hanewinkel & Hartmann (2019) referem que as estatísticas policiais indicavam que, em 2017, se verificaram 6.434 casos de criminalidade motivada por motivos racistas. Segundo informações das autoridades públicas citadas no jornal *Zeit* (*Zeit-Online*, 2018), em 2017, contaram-se 780 atentados (com vinte e sete mortos) contra muçulmanos e estabelecimentos muçulmanos, nomeadamente contra mesquitas. Embora em 2018 se tenham registado menos crimes (578) motivados por motivos islamofóbicos, o número de vítimas foi muito superior (40). Na maioria dos casos, trataram-se de ofensas e insultos, nalguns casos houve também humilhações (*Zeit-Online*, 2018).

²⁷ Tradução nossa do Alemão.

²⁸ Tradução nossa do Alemão.

4. MEMÓRIAS, DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO E PROJETOS DE VIDA DE SEIS JOVENS REQUERENTES DE ASILO

4.1. Apresentação e análise dos casos

Neste capítulo apresentaremos os seis estudos de caso que constituíram o cerne desta investigação. Os casos serão apresentados pela seguinte ordem dos países de origem dos participantes: Síria (S), Afeganistão (A) e Iraque (I). Será primeiro apresentado o estudo de caso da rapariga (1) e, depois, o do rapaz (2).

Cada estudo de caso é apresentado em três partes, seguindo-se aproximadamente a ordem temática do guião da entrevista. A primeira parte refere-se ao perfil sumário da/o entrevistada/o: idade, estado civil, religião, naturalidade, formação escolar, data da partida e da chegada à Alemanha, com quem veio, estatuto legal na Alemanha, onde, com quem vive e o que faz atualmente, no país de acolhimento. Na segunda parte, apresentamos os testemunhos autobiográficos dos seis jovens através dos diversos tópicos e temáticas abordados na entrevista – a vida antes do exílio, a experiência de fuga/exílio, dificuldades e problemas de adaptação e planos para o futuro. Na terceira parte é feito um resumo e análise dos aspetos mais relevantes de cada caso.

Estes jovens foram convidados a organizar uma narrativa – a recordar e a reconstruir o seu passado, a refletir e falar sobre a sua situação e dificuldades presentes, na sociedade de acolhimento, e estimulados a pensar sobre os seus planos futuros. Os três grupos em que se organizam as entrevistas correspondem a esses três momentos temporais (passado, presente e futuro), nos quais se constroem e reconstroem as suas identidades.

Como refere Miranda (2014, p. 20), «as histórias orais ou narrativas de vida apenas revelam o que as pessoas desejam contar», sendo que este facto não questiona o seu significado e relevância.

Cada um dos seis casos revela-nos uma história única, cujas memórias e experiências individuais têm um valor intrinsecamente original, estando ligadas à comunidade do país de origem e fazendo parte integrante da identidade de cada um dos seis jovens. De acordo com Poirier *et al.* (1999, p. 90), «é o aspecto de realidade intimista e de confiança», em contraste com a «despersonalização dos estudos estatísticos», que atribui valor a estes testemunhos. Paralelamente, as suas narrativas refletem não só o contexto social, histórico e político dos seus países de origem, como são testemunhos da situação de crise humanitária e migratória vivida, nos últimos anos, no Médio-Oriente, na Turquia e em diversos países da UE.

Apesar da “tenra” idade dos participantes, os estudos de caso revelam que os percursos

e as experiências de vida obrigaram a maioria destes seis jovens a desenvolverem estratégias e se tornarem precocemente adultos pelo profundo desejo de viverem com dignidade e em segurança, num país que lhes permita sarar as suas feridas e fazerem as suas escolhas em liberdade, nomeadamente, que aceite e apoie a sua vontade de continuarem a estudar e fazer formação (como no caso particular das raparigas), de modo a se realizarem pessoal e profissionalmente e, desta forma, se integrarem na sociedade do país que os acolheu.

4.1.1. Entrevista S1 (jovem síria, 19 anos)

A entrevista a S1 foi realizada no dia 25.05.2017 e durou cerca de duas horas. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de S1

Idade – dezanove anos à data da entrevista

Sexo – feminino

País de origem/nascimento – Síria

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – há três anos e meio (desde dezembro 2013)

Veio sozinho ou com família – veio com os pais e quatro irmãos

Com quem vive a maior parte do seu tempo – com os pais e irmãos mais novos

Tem irmãos – duas irmãs, dois irmãos (7 anos e 24)

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – irmã do meio

Profissão do pai – antes da guerra, motorista de autocarro, depois da guerra, vendedor

Escolaridade do pai – não sabe/ não refere

Profissão da mãe – enfermeira, assistente médica, numa clínica hospitalar

Escolaridade da mãe – curso superior de enfermagem

Em relação aos seus pais: casados, vivem juntos

Religião – muçulmana

Pratica a religião – é muçulmana praticante; usa o lenço islâmico

Nível de escolarização – 12.º ano (sem fazer exames nacionais)

Estado civil – solteira

Estatuto na Alemanha – estatuto de proteção com autorização de residência de três anos.

Perfil sumário de S1

S1 tem dezanove, é solteira, muçulmana e natural de Aleppo, na Síria. Frequentou o 12.º ano, mas não chegou a fazer os exames para entrar na universidade. Deixou o seu país com os pais e quatro irmãos e chegou à Alemanha por via aérea, em dezembro de 2013. Pediu asilo

em 2014 e foi-lhe atribuído, cinco meses depois, um estatuto de proteção com autorização de residência de três anos. Atualmente, vive com os pais e quatro irmãos num bairro periférico da cidade de Hanôver. Frequenta desde agosto de 2016 uma turma de língua e integração, *SPRINT*, numa escola profissional da mesma cidade.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de S1

S1 começa por resumir a sua situação antes do exílio da seguinte forma: *“A vida no meu país era muito boa”*.

S1 levantava-se às 6 horas, a mãe fazia o pequeno almoço, às 8h ia para a escola. Frequentava uma escola só para meninas, tinha de usar uniforme. Depois regressava às 13h e almoçava em casa. Depois do almoço, fazia os trabalhos de casa.

No verão ia para um terraço da sua casa depois da escola, comia sementes de girassol e bebia coca-cola. Às quintas feiras, véspera do fim de semana, ia com a família para um parque junto de um cemitério.

Rezava cinco vezes por dia. Durante o Ramadão, reunia-se com toda a família, a partir das 20h, quebrava o jejum. O pai trazia melancias, a mãe preparava a comida. Ia à escola normalmente, aguardando pelo pôr do sol para poder comer e beber. No último dia do Ramadão, celebrava-se a “festa do açúcar”. Estas lembranças das celebrações do Ramadão, em família e no seio da comunidade da sua aldeia, são aquilo de que sente mais falta.

Na Alemanha, festejar o Ramadão *“não é a mesma coisa”*. Conta que, devido às noites serem muito curtas, praticamente não dorme para poder cumprir os horários das rezas e para comer e beber o suficiente antes do nascer do sol. Vai com a família à mesquita, o que não tinha o hábito de fazer na Síria. Para S1, cumprir a tradição do jejum (não comer) é fácil, difícil é ter de lidar com a sede durante o dia.

A guerra na Síria agravou-se em 2012, altura em que o irmão mais velho de S1 decidiu vir viver para a Alemanha. Com ajuda de um assistente social, este irmão requereu para toda a família nuclear a entrada legal na Alemanha para requererem asilo.

No final de 2013, a família de S1 fez uma primeira viagem da aldeia onde morava até à fronteira do Líbano para tratar das formalidades. A viagem foi longa (dois dias, de autocarro) e perigosa devido aos controlos de soldados do IS ou de tropas do presidente Bashar al-Assad.

A experiência dessa primeira viagem, entre a Síria e o Líbano, foi dominada pela incerteza, insegurança e pelo medo. Na viagem de autocarro, as mulheres, que habitualmente só usavam lenço islâmico, tiveram de se vestir todas de preto, cobrir a cara e usar luvas pretas para evitarem problemas com o IS, que controlava as estradas de toda a região.

À chegada ao Líbano, a mãe de S1 ficou retida na fronteira devido a um documento que não tinha consigo. Uma das irmãs acompanhou-a, o resto da família passou a fronteira e esperou pelas duas um dia inteiro. Para isso, S1 e o resto da família tiveram de pernoitar no autocarro. Na capital do Líbano, em Beirute, a família requereu asilo em instalações das Nações Unidas (UNICEF). Regressaram para a Síria para terminar de preparar a viagem.

A segunda viagem para o Líbano foi bastante mais fácil do que a primeira, sem tantos controlos e situações difíceis. Apanharam um voo de Beirute para Belgrado (Sérvia), onde apanharam um voo para Berlim. Na capital alemã, o irmão mais velho (na altura, com 24 anos) esperava a família no aeroporto. De Berlim, viajou de comboio para Hanôver com toda a família, pois o irmão vivia e estudava nesta cidade.

Emociona-se quando recorda a despedida e o que deixou na Síria. A morte da avó parterna, que estava doente e avisou a família que iria morrer três dias mais tarde, no dia da partida da família, concretizou-se, marcando duplamente o dia da despedida.

Uma das experiências mais marcantes para S1 foi a viagem de autocarro da Síria para o Líbano. A irmã de S1 não tinha coberto a cara e usava o lenço islâmico de forma menos tradicional e, como se tinha deixado dormir encostada à janela, durante a viagem, o lenço já praticamente não lhe cobria os cabelos. Um jovem soldado do IS controlou o autocarro e abordou a jovem, perguntando-lhe onde estava o pai dela. O soldado mandou o pai de S1 sair do autocarro, o que gerou pânico entre a família, pois ninguém sabia o que lhe iria acontecer (iriam bater-lhe?, matá-lo?). Teve de esperar cerca de quinze minutos com o resto da família no autocarro. O pai regressou muito tenso mas ileso, para grande alívio de toda a família.

Num segundo controlo, em que mandaram sair todos os homens, presenciou do autocarro a agressão a um rapaz que não tinha dinheiro para dar aos soldados.

Noutra situação, um jovem pediu-lhe para esta lhe esconder cigarros antes de sair do autocarro, uma vez que os soldados só controlavam os homens.

Recorda ainda uma situação em que um polícia “*foi atrevido*” com ela e outras jovens, fazendo que lhe enviava beijos, durante os controlos.

A chegada a Berlim e reencontro do irmão foi outro momento marcante para S1, que explica emocionada: “*Chorámos muito porque não o víamos há três anos.*” Passou muito frio em Berlim porque a família não vinha preparada para o Inverno alemão, pois no Líbano estava muito mais calor.

Costuma pensar na sua casa, nos familiares que deixou na Síria, na vida antes de abandonar o seu país. Os sentimentos de perda e de saudades da Síria aumentam depois de passar por experiências de discriminação (por usar lenço islâmico).

As grandes diferenças culturais entre Síria e a Alemanha, sobretudo no que diz respeito ao papel da mulher, à sexualidade dos jovens, perturbam-na e fazem-na questionar até que ponto “pertence” a este seu novo país.

Vive com a família em Hanôver desde dezembro de 2013. Primeiro viveu com a família num pequeno apartamento de três assoalhadas, mobilado para sete pessoas. Mais tarde (em 2016), mudou-se para o apartamento maior, com seis assoalhadas e uma varanda, onde ainda vive na atualidade.

Diz que toda família estava doente, que a guerra os pôs doentes. Refere os problemas de pele (inflamação dermatológica nas costas) e as crises asmáticas da mãe. O acesso ao sistema de saúde foi imediato, embora inicialmente tivesse de ir à seguradora pedir um documento de autorização para ir ao médico. Recebeu ao cartão do sistema de saúde alemão (caixa de saúde pública – *Krankenkasse*) ao fim de três meses.

Conta que, nos primeiros tempos, todos sentiam uma tristeza generalizada devido à falta de conhecimentos linguísticos, às saudades dos familiares e amigos deixados na Síria e à interrupção do percurso escolar / universitário (no seu caso e da sua irmã mais velha).

Pouco tempo depois da chegada, inscreveu-se, com a ajuda do irmão, num curso para começar a aprender o Alemão. Como ainda não tinha um estatuto de proteção legal, teve de esperar cinco meses (até meados de 2014) pelos documentos para ter autorização para frequentar o curso sem ter de pagar nada pelo curso, por livros ou transportes).

Frequentou com a irmã e a mãe os cursos intensivos A1 (para principiantes sem conhecimentos de Alemão) A2 e B1 (nível intermédio) em apenas seis meses. Como não passou à primeira tentativa no exame de nível B1, obrigaram-na a repetir o curso, já que era a única forma de ter acesso a uma segunda tentativa para fazer o exame intermédio. A mãe e a irmã passaram neste exame à primeira tentativa.

O seu plano inicial era, à semelhança do que teria feito na Síria, terminar o ensino secundário, fazer o *Abitur* (exames nacionais alemães) e entrar na universidade. A pressão familiar era grande: a irmã mais velha aprendeu rapidamente o Alemão até ao nível B2, a mãe já tinha nível B1, a irmã mais nova frequentava uma escola, só a S1 lhe faltava o nível B1.

Procurou aconselhamento numa escola e disseram-lhe que, devido ao seu nível linguístico, teria voltar atrás, ou seja, frequentar o 9.º ano do liceu e paralelamente ter aulas de apoio nas disciplinas de Alemão e Matemática. S1 frequentou uma turma de 9º ano durante três meses e explica: “*As aulas de História eram muito difíceis, mas nas de Alemão conseguia perceber alguma coisa e a Matemática eu conseguia participar, pois tinha aprendido na Síria essa matéria*”. A diferença de idade de S1 em relação ao resto dos colegas da sua turma era

grande, mas isso não a incomodou : “*Eu era a mais velha, diziam-me que eu podia ser mães deles, mas eu não me importava*”. Conseguiu terminar o 9.º ano do liceu, o ensino secundário I (diploma que dá acesso na Alemanha a entrar em formação profissional).

Entrou no projeto de integração *SPRINT*, embora o seu nível de Alemão fosse muito superior à dos jovens da sua turma. No entanto, diz que gostou de estar nessa escola, arranjou amigas, elogia as professoras.

Atualmente, aguarda a resposta de três escolas para fazer formação profissional em Educação de Infância. A preocupação de conseguir entrar em formação profissional é grande. O objetivo é, um dia, poder fazer formação superior em Trabalho Social.

S1 refere diversas vezes o enorme cansaço que toda a família sentiu depois da chegada a Hanôver: “*Dormimos muito, estávamos muito cansados, não sonhávamos, não fazíamos nada, só dormir*”. Nos primeiros tempos, dependia da ajuda do irmão, pois era o único que falava o Alemão e a única ajuda que tinham no dia-a-dia. No dia a dia, a pressão para aprender a língua alemã, aprender o vocabulário era muito grande.

Por usar lenço islâmico, passa por situações muito desagradáveis no espaço público, nas quais pessoas desconhecidas a ofendiam ou ofendem dizendo “*du Dumme*” (“tu burra”) ou gritam palavras como “*Scheiße*” (“merda”). Nesses momentos, sente de forma acentuada que está fora do seu país, que não quer ficar na Alemanha, preferia voltar para a Síria, uma vez que, apesar da maioria das raparigas não usar lenço na Síria, não era mal tratada por o usar. Recorda que começou a usar o lenço no 8.º ano, com 12 anos, porque tanto a mãe como a irmã o usavam.

Quando procurou uma vaga para fazer estágio e formação profissional, pensou primeiro em se candidatar a formação bancária, mas a professora da sua turma *SPRINT* avisou-a que, se não estivesse disposta em tirar o lenço, não ia arranjar estágio. Depois tentou candidatar-se a formação em assistente de consultório, enviou cerca de vinte candidaturas, mas só recebeu respostas negativas. Chegou a ser chamada para uma entrevista, mas o médico pediu-lhe tempo para pensar e acabou por lhe dar uma resposta negativa.

Atualmente, procura vaga para fazer estágio num jardim de infância, uma ideia do pai, pois quando levava o filho mais novo para o jardim de infância, viu que havia educadoras e ajudantes que usavam lenço, no trabalho.

S1 fala também no desejo de “*ser igual às outras meninas*”, de por vezes pensar em deixar de usar o lenço, embora depois considere ser “*uma ideia sem sentido*”, não teria coragem porque usar o lenço faz parte dos seus hábitos desde há muitos anos.

Tem contacto com um assistente social, com duas colegas alemãs da antiga turma de 9.º

ano (apenas por *WhatsApp*) e ainda com as professoras na escola. Gostava muito de ter mais contacto com jovens alemães.

Tem contacto com algumas raparigas da turma de integração, todas muçulmanas. Considera uma delas como sendo “*muito sua amiga*”.

As situações de discriminação e ofensas na rua, que ainda acontecem regularmente, são referidas diversas vezes durante a entrevista.

Estranha a cultura na Alemanha e dá exemplos do que considera diferente: “*Muitas pessoas alcoolizadas, raparigas a andar de bicicleta, que usam mangas curtas ou mini-saia, casais que vivem juntos sem ser casados, mulheres solteiras com filhos.*”

Não consegue refletir sobre as facilidades encontradas na Alemanha. Pelo que nos conta, a maior facilidade deverá ter sido a possibilidade entrar na Alemanha de forma legal e ainda o apoio recebido do irmão mais velho, nos primeiros tempos.

O facto de não estar sozinha, mas integrada na sua família, de poder falar a sua língua e viver com os seus pais e irmãos deverão tê-la reconfortado bastante nos primeiros tempos.

Confessa que não se sente muito bem na Alemanha, que não é o país dela. Esse sentimento de mau-estar e estranheza surge sobretudo mais quando é discriminada ou a ofendem na rua, por usar lenço islâmico.

Teve muito apoio da *Caritas*, da *AWO* (instituição semelhante à *Cáritas*), do *JobCenter* (instituto de emprego), de um médico, do seu assistente social. Na escola não recebeu ajudas.

Gostaria de se casar com um rapaz da sua aldeia (curdo, mas muçulmano), viver com o marido e com os filhos em Hanôver.

Imagina-se a estudar na universidade, estar casada, ter um filho. Se o marido não quiser que ela estude, aceitará a sua decisão. Mas está convencida que o futuro marido a vai deixar estudar.

Quer fazer formação profissional, trabalhar um ano para depois poder ter acesso ao ensino superior, achando que vai ser possível atingir os seus objetivos se a escola onde se candidatou a fazer formação em Educação de Infância a aceitar.

Quando lhe perguntamos que pessoas ou instituições a podem ajudar, ocorre-lhe apenas um amigo do curso de línguas que lhe deu informações de como ter acesso ao ensino superior sem ter terminado o ensino secundário.

Gostaria que a escola onde está inscrita a deixasse fazer formação profissional. Também gostaria que, na Alemanha, se respeitasse e aceitasse o uso do lenço islâmico.

Resumo e análise do caso S1

Os dois anos (2012 e 2013) antes de S1 deixar a Síria foram marcados pela vida em família e pelas aulas no ensino secundário. Embora os conflitos armados se tenham agravado progressivamente, foi possível manter algumas rotinas, nomeadamente, ir à escola.

Em 2013, o irmão conseguiu, da Alemanha, organizar para toda a família a entrada legal neste país. A família de S1 partiu no final do mesmo ano, o que a impediria de concluir o ensino secundário, pois já não foi possível fazer os exames de acesso à universidade.

O momento da despedida foi duplamente doloroso devido à morte da avó paterna.

A primeira viagem, da Síria para o Líbano, feita de autocarro, para que a família de S1 pudesse tratar das formalidades para poder entrar legalmente na Alemanha, foi marcada pelo sentimento de medo intenso e pela insegurança, devido aos sucessivos controlos do IS e das tropas do presidente Bashar al-Assad. Esta viagem é recordada pela jovem como uma experiência traumática. A segunda viagem para o Líbano, de onde apanhou com a família o voo para Berlim, decorreu sem contratempos. Convém salientar que ter viajado em família ter-lhe-á dado alguma coesão interna para aguentar o abandono e desvínculo do seu país.

Na Alemanha, viveu com os seus pais e irmãos, mais de dois anos, num pequeno apartamento no centro de Hanôver. Depois mudou-se para um apartamento bastante maior, noutra bairro desta cidade, onde ainda vive atualmente.

Inicialmente, a sua situação psicossocial foi difícil, pois toda a família se sentia doente e nenhum deles falava o Inglês ou Alemão, estando completamente dependentes da ajuda e apoio do irmão mais velho de S1. Gradualmente, ao longo dos anos de 2014, 2015 e 2016, as suas dificuldades de comunicação foram diminuindo: primeiro, ao se inscrever num curso de língua que lhe permitiu chegar ao nível intermédio em apenas seis meses; depois frequentou uma turma de liceu e concluiu o 9.º ano alemão (diploma do I. ensino secundário); em agosto de 2016, inscreveu-se numa turma *SPRINT*, altura em que começou a pensar em fazer formação profissional devido à impossibilidade de fazer diretamente formação superior.

Costuma pensar na sua casa, na vida na aldeia e recorda saudosa da forma como a família e a comunidade celebravam o Ramadão. As grandes diferenças culturais, de mentalidade e de hábitos na Alemanha levam-na a idealizar ainda mais a Síria.

Não se sente muito bem na Alemanha. A estranheza relativamente à cultura e aos hábitos dos alemães e o desenraizamento que sente, no país de acolhimento, constituem uma das suas maiores dificuldades.

A nível de saúde, salienta problemas de pele e as crises asmáticas da mãe, possivelmente agravadas pela ansiedade em que viveram. O cansaço extremo que a sua

família sentia, na chegada a Hanôver, e a tristeza que descreve, nos primeiros tempos, indicam eventuais estados depressivos decorrentes dos lutos que iniciaram com a perda da avó e abandono da sua pátria e das situações traumáticas que viveu na primeira viagem para o Líbano.

A escola atual não é o lugar onde recebe apoio, muito embora a valorize como espaço de encontro, onde mantém contacto com as professoras e com algumas raparigas refugiadas (colegas), sendo que não parece cultivar estas relações fora deste lugar.

Atualmente, a sua maior preocupação é não saber se poderá fazer formação profissional em Educação de Infância. Relacionada com esta preocupação está o plano de fazer formação superior, pois a pressão familiar é grande (a mãe é licenciada, a irmã mais velha estuda Medicina em Hanôver) e S1 quer estudar Trabalho Social.

O maior problema com que se debate no dia a dia é a discriminação de que é vítima com frequência (na rua e quando se candidatou a várias vagas para estágio), por usar lenço islâmico. Manter-se fiel aos hábitos religiosos, nomeadamente ao uso do lenço islâmico, que parece ser organizador da sua identidade. Por essa razão, mas também devido às grandes diferenças culturais, não se sente muito bem na Alemanha.

Gostaria que fosse possível fazer formação profissional na escola onde está inscrita atualmente e que se aceitasse e respeitasse o uso do lenço islâmico, na Alemanha.

Os seus planos incluem fazer formação profissional (com o objetivo de poder fazer formação superior), continuar a morar em Hanôver, constituir família (de preferência com um jovem muçulmano, de etnia curda, da sua aldeia). Estes projetos revelam o otimismo desta jovem relativamente ao futuro e a vontade/ desejo de viver inserida na sociedade de acolhimento sem perder as suas raízes e o contacto com a sua cultura e o seu país de origem.

4.1.2. Entrevista S2 (jovem sírio, 20 anos)

A entrevista a S2 foi realizada no dia 12.05.2017 e durou cerca de uma hora e trinta minutos. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de S2

Idade – 20 anos à data da entrevista, em Maio de 2017

Sexo – masculino

País de origem/nascimento – Síria, Damasco

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – há dezoito meses, desde setembro de 2015

Veio sozinho ou com família – veio com dois irmãos, um deles menor de idade
Com quem vive a maior parte do seu tempo – com os irmãos
Tem irmãos – tem 5 irmãos
Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – tem três irmãs, dois irmãos; é o segundo mais novo de seis filhos;
Profissão do pai – reformado, funcionário público
Escolaridade do pai – 12.º ano
Profissão da mãe – dona de casa
Escolaridade de mãe – não sabe ao certo quanto tempo a mãe frequentou a escola
Em relação aos pais: vivem juntos
Religião – muçulmano
Pratica a religião – é crente, mas não pratica frequentemente
Nível de escolarização – terminou o 12.º ano, não chegou a fazer os exames de acesso à universidade
Estado Civil – solteiro
Estatuto na Alemanha – estatuto de proteção com autorização de residência de três anos.

Perfil sumário de S2

S2 tem vinte anos, é solteiro, muçulmano e natural de Damasco, na Síria. Frequentou o 12.º ano, mas não chegou a finalizar o ensino secundário. Abandonou o seu país com dois irmãos em setembro de 2015 e chegou à Alemanha no final do mesmo mês. Pediu asilo em 2016 e foi-lhe atribuído, em 2017, um estatuto de proteção com autorização de residência de três anos. Atualmente, vive com os dois irmãos num bairro periférico da cidade de Hanôver. Frequenta, desde agosto de 2016, uma turma de língua e integração, *SPRINT*, numa escola profissional da mesma cidade.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de S2

Na Síria, vivia com a família, em Damasco. Embora a guerra tenha começado em 2011, foi possível manter as suas rotinas, nomeadamente, ir à escola até 2015. Frequentou o 12.º ano, mas já não foi possível fazer os exames para entrar na universidade.

Durante a semana, levantava-se às 8 horas, costumava ter aulas só da parte da manhã e almoçar em casa, pois a mãe era dona de casa e fazia sempre o almoço. Depois de almoçar, fazia os trabalhos de casa. Com o início da guerra, a partir de 2012 ou 2013 (S2 não sabe precisar exatamente o ano), passou a ter aulas, por vezes, da parte da tarde, uma vez que a sua

escola teve de aumentar o número de turmas, já que parte da população tinha fugido de zonas rurais para a capital. Quando não tinha aulas da parte da tarde, gostava de jogar futebol ou ia nadar para as piscinas municipais. Costumava também sair com amigos ou ir tomar café. Jogava praticamente todos os dias futebol.

Na Alemanha também sai com amigos, mas já não joga tanto futebol porque às vezes tem *“menos vontade e também falta de tempo”*. No entanto, não considera que tenha perdido os hábitos que tinha no seu país.

Sente falta dos pais, da convivência com a família, dos amigos e dos colegas de escola. Não aprofunda este assunto.

Foram diversas as razões que levaram S2 a abandonar o seu país, pois *“viver na Síria é perigoso”* e porque *“tinha medo de ir à escola”*. A decisão foi tomada em conjunto com os pais. Desde o primeiro momento ficou claro que queria vir para a Alemanha, embora não explique exatamente a razão desta escolha.

Foi doloroso deixar a Síria, despedir-se da sua família e dos amigos, mas não consegue aprofundar. Diz apenas que *“foi difícil, mas tinha de ser”*, que *“não havia outra solução”*.

S2 abandonou o seu país com dois irmãos no início de setembro de 2015 e chegou à Alemanha no final do mesmo mês. Não planeou todo o percurso para chegar à Europa, embora esta tenha decorrido de forma bastante complicada mas estruturada: primeiro, comprou bilhetes de autocarro da Síria para o Líbano; depois fez a travessia de barco do Líbano para a Turquia; ficou apenas dois dias na Turquia e nesse espaço de tempo, fez uma segunda travessia de barco, de uma cidade turca para outra, de onde depois fez uma travessia clandestina, num pequeno barco, com destino à Grécia.

Teve medo de fazer a viagem e o sentimento de insegurança acompanhou-o sempre, o que o leva a repetir diversas vezes que *“não foi fácil”, “foi tudo difícil”*.

Na Grécia andou cerca de 85 quilómetros a pé, teve de carregar malas pesadas, não havendo carros nem pessoas para o ajudar a si e aos seus irmãos. De noite, teve frio.

Na Hungria, a polícia agrediu cerca de três mil pessoas que tentavam passar a fronteira, entre as quais S2 e os seus irmãos. Como não foi possível entrar na Hungria, teve de permanecer na Sérvia, país onde lhe ensinaram outro caminho, através da Croácia.

Não confiou noutras pessoas nem fez amizades durante a fuga *“porque as pessoas arranjavam confusões, queriam comida”*. Não costuma pensar nessas situações nem sonha com as experiências mais difíceis vividas durante a fuga.

Vive na Alemanha desde setembro de 2015, ou seja, no momento da nossa entrevista, tinha chegado há um ano e oito meses. Partilhou, durante sete meses, um quarto com os

irmãos, num alojamento para requerentes de asilo, numa povoação a cerca de duas horas de Hanôver, capital da Baixa Saxónia.

Em Abril de 2016, foi transferido com os irmãos para Sehnde, uma pequena cidade na região metropolitana de Hanôver. A situação de alojamento melhorou em Sehnde, pois passou a ter duas assoalhadas para ele e os irmãos, no entanto tinha de partilhar uma cozinha com doze pessoas, a maioria falava Árabe. Mais tarde, pediu ao centro de alojamento municipal de Sehnde para mudar de casa, para poder viver sozinho com os irmãos, o que lhe foi concedido pouco tempo depois. Viveu num pequeno apartamento com os dois irmãos cerca de seis meses, em Sehnde. Como Sehnde ficava longe de Hanôver e S2 frequentava uma turma *SPRINT* numa escola profissional em Hanôver, quis mudar-se para Hanôver, onde vive desde Maio de 2017. À data da entrevista, vive há apenas algumas semanas com os irmãos num bairro na periferia desta cidade.

Uma única vez teve de procurar ajuda médica indo ao serviço de urgência de um hospital devido a dores de cabeça muito fortes. Anteriormente, já tinha tido dores de cabeça, quanto vivia na Síria. Refere que não toma medicamentos nem voltou a procurar ajuda médica.

Gosta muito da escola que frequenta, das professoras, que considera serem “*muito simpáticas*”. Quer aprender o mais depressa possível a língua alemã. Não refere problemas, diz que tem muito apoio da escola e das professoras.

Como não chegou a fazer os exames nacionais no seu país, não pode entrar diretamente na universidade, na Alemanha. Fala da possibilidade de fazer um estágio profissional para, depois, de entrar em formação profissional, o que considera ser muito bom e que é o que tenciona fazer.

Não refere problemas ou dificuldades familiares concretos. Às vezes, preocupa-se com os pais, com os irmãos, com o mais novo (que é menor de idade), com o mais velho (de 32 anos), pois este mal fala o Alemão. No dia-a-dia, tem de os ajudar como pode. A sua grande preocupação é a aprendizagem da língua alemã, da gramática alemã: “*tenho de estudar ainda mais para conseguir aprender esta língua*”.

Não tem muito contacto com a população alemã. Tem algum contacto, por telefone, com os antigos vizinhos alemães, de Sehnde. Em Hanôver, ainda não conhece os vizinhos. De resto, tem apenas contacto com os colegas da sua turma de integração, encontrando-se com eles na escola.

Inicialmente, não lhe ocorre nada que lhe faça muita falta e lhe seja recusado, na Alemanha. Depois refere que, em relação ao irmão mais novo, menor de idade, ainda não foi decidido se poderá continuar a viver com S2 e com o seu outro irmão, uma vez que o

encarregado de educação do irmão quer que este deixe de viver com os dois irmãos. Gostava que respeitassem a vontade do irmão mais novo, que é a de viver com os irmãos mais velhos.

As dificuldades maiores de S2 são com “*alguns estrangeiros*”, eles mesmos requerentes de asilo ou refugiados, por se recusarem a ajudar pessoas como S2. A falta de dinheiro é também um problema com que o jovem sírio se debate, pois o que recebe do estado alemão é apenas suficiente para comprar o essencial.

Na sua perspectiva, as principais facilidades encontradas e apoios são diversos: a sua vizinha alemã de Sehnde, vários apoios recebidos (o apoio financeiro, o apoio escolar, pois está a prender alemão), o acesso ao sistema de saúde público, porque pode ir ao médico sempre que precisa; tem um apartamento cuja renda lhe é paga.

Não lhe ocorre nenhum acontecimento ou experiência traumática ou difícil vivida na Alemanha.

Quer fazer formação profissional. Acha que, daqui a cinco anos, isto é, em 2022, “*vai ser tudo diferente*”: vai “*trabalhar, ganhar dinheiro, vai pagar as suas despesas sozinho, pagar impostos*”. Refere duas áreas de formação profissional que lhe interessam: a de técnico de próteses dentárias e eletrotécnico. Ainda não decidiu que área quer escolher para entrar em estágio, aspeto que o preocupa.

Quer continuar a morar em Hanôver, casar e constituir família.

Para atingir os seus objetivos, quer fazer formação profissional. No entanto, acha que “*vai ser difícil*”, mas está decidido a fazer formação profissional.

Diz que a sua professora [refere-se a mim] e a escola o podem e o querem ajudar a atingir estes objetivos. De resto, não lhe ocorre mais ninguém. Não sabe como o estado alemão o poderia ajudar. Pensa que a Alemanha já faz muito por ele. Aproveita para agradecer à escola e à professora pelo apoio recebido.

Resumo e análise do caso S2

Os últimos anos de S2 na Síria foram marcados pela guerra civil, muito embora tenha sido possível, durante os primeiros quatro anos, manter as suas rotinas e continuar a ir à escola. Em 2015, os conflitos armados agravaram-se, não permitindo que S2 concluísse o ensino secundário, pois já não pôde fazer os exames de acesso à universidade.

Foi o medo da guerra, o sentimento de perigo e ainda o desejo de querer continuar a estudar que levaram S2 e os seus irmãos a falar com os pais e a decidirem em conjunto que queriam abandonar a Síria e procurar asilo na Alemanha, país onde não tinham contactos.

Embora já não viva com os seus pais e tenha bastante menos tempo para jogar futebol

e se encontrar com amigos, não considera que tenha perdido os seus antigos hábitos.

A despedida foi muito dolorosa, mas S2 estava decidido a procurar uma vida melhor fora da Síria.

S2 partiu com dois irmãos em setembro de 2015. A viagem para a Europa decorreu de uma forma bastante complexa mas estruturada, não tendo os três irmãos demorado mais de um mês a chegar à Alemanha. Contudo, neste período de tempo, houve diversas situações difíceis, nomeadamente momentos de privação (frio, cansaço extremo) na Grécia, de medo, insegurança e incerteza, na Hungria, ao ter sido mal tratado pela polícia. Neste espaço de tempo, S2 não confiou em ninguém nem fez amizades durante a viagem.

Na Alemanha, país escolhido para o exílio, viveu primeiro mais de meio ano a cerca de duas horas de distância de Hanôver, num alojamento para refugiados, onde tinha de partilhar um quarto com os dois irmãos. As condições de habitação melhoraram assim que foi possível mudar-se para Sehnde, uma cidadezinha da região metropolitana de Hanôver, onde fez amizade com os vizinhos alemães.

A sua situação foi melhorando gradualmente ao longo de 2016 e 2017, ao se inscrever numa turma *SPRINT*, numa escola em Hanôver, e ter se mudado com os irmãos para um apartamento, nesta mesma cidade.

S2 não costuma pensar nem sonhar com as experiências mais difíceis da viagem. A nível de saúde, salienta uma situação em que teve dores de cabeça extremas e procurou ajuda num serviço de urgência, o que poderá ser uma consequência das situações de grande ansiedade e stresse vividas durante a fuga e nos primeiros tempos, na Alemanha. De uma maneira geral, este jovem parece defender-se dos afectos negativos pela racionalização, isolando esses mesmos afectos e protegendo-se de maior sofrimento.

A escola é referida por S2 como lugar onde encontra muito apoio e ajuda para conseguir atingir os seus principais objetivos: aprender mais alemão para poder entrar em formação profissional. É também na escola que mantém os poucos contactos que tem – tanto com alemães (professoras) como com os outros estrangeiros, nomeadamente com refugiados (colegas), sendo que não parece cultivá-los muito fora deste espaço.

No dia a dia, preocupa-se por vezes com os pais, que ficaram na Síria, e com os dois irmãos que vieram consigo para a Alemanha. A maior de todas as suas preocupações parece ser a aprendizagem da língua alemã. Este facto poderá ficar a dever-se, em parte, também à natureza do projeto-piloto de integração onde está inserido.

Não se debate com grandes problemas. O facto de ter viajado sempre com os irmãos parece dar-lhe alguma coesão identitária, não levantando problemas a este nível e sentindo-se

adaptado. Refere a falta de dinheiro, que só chega para o essencial. Gostaria também que o seu irmão mais novo pudesse continuar a viver com ele.

Os seus planos futuros incluem fazer formação profissional (com o objetivo de se poder tornar independente do estado alemão), continuar a morar em Hanôver e constituir família, o que reflete a sua vontade de se continuar a adaptar à sociedade alemã através da integração no mercado de trabalho.

4.1.3. Entrevista A1 (jovem afegã, 18 anos)

A entrevista a A1 foi realizada no dia 19.05.2017 e a conversa durou cerca de uma hora e quarenta minutos. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de A1

Idade – dezoito anos

Sexo – feminino

País de origem/nascimento – Afeganistão / Hetat

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – há dezoito meses (desde 09.11.2015)

Veio sozinho ou com família – com a família (pais e três irmãos)

Com quem vive a maior parte do seu tempo – pais e irmãos

Tem irmãos – tem quatro irmãos (na Alemanha, nasceu uma irmã).

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – é a filha mais velha

Profissão do pai – trabalhava na horta, onde cultivava legumes e árvores de fruto

Escolaridade do pai – talvez 4.º ou 5.º classe

Profissão da mãe – dona de casa

Escolaridade da mãe – não frequentou a escola, aprendeu a ler e escrever com A.G.

Em relação aos pais – vivem juntos

Religião – muçulmana

Pratica a religião – é muçulmana praticante; reza cinco vezes por dia; usa lenço islâmico

Nível de escolarização – 8.º ano (tinha então 14 anos)

Estado Civil – solteira

Estatuto na Alemanha – à data da entrevista, tinha sido chamada para a primeira de duas audiências da *BAMF*; aguarda há mais de um ano pela segunda audiência.

Perfil sumário de A1

A1 tem dezoito anos, é solteira, muçulmana e natural de uma aldeia perto da cidade de Herat, no Afeganistão. Finalizou o 8.º ano, aprendeu com uma tia a trabalhar como cabeleireira, em Herat. Abandonou o seu país com os pais, três irmãos e tios no outono de 2015. Chegou à Alemanha em novembro de 2015. Pediu asilo em 2016, foi à primeira audiência da BAMF e aguarda a segunda audiência há mais de um ano. Vive com os pais e quatro irmãos no edifício de uma antiga cantina, num bairro periférico da cidade de Hanôver. Frequenta desde agosto de 2016 o projeto *SPRINT* numa escola profissional da mesma cidade. Atualmente frequenta uma turma de integração, *SPRINT-Dual*, na mesma escola e está a fazer estágio numa empresa que monta soalhos de madeira, onde quer entrar brevemente em formação profissional.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de A1

Esta jovem vivia com os pais, avós e tios numa aldeia perto de Herat e recorda: *“Tínhamos duas casas: uma para os animais da quinta e outra onde nós vivíamos. A família era grande”*. Primeiro, levantava-se, cozinhava e preparava a comida para comer no intervalo, na escola. Tinha escola de sábado até quinta-feira, às sextas e no verão não tinha escola. Passava cerca de três horas e meia por dia na escola, pois havia dois turnos – um para os rapazes (das 7h10h), o segundo, para as raparigas (das 10h30-14h). Depois da escola, tinha de fazer as limpezas, cozinhar e tratar dos animais (vacas leiteiras). Ainda assim, comenta: *“Eu não tratava muito dos animais, porque tinha medo e porque queria muito aprender, ler, e o meu avô aceitava porque sabia que eu era assim”*.

Pôde continuar a ir à escola até ao 8º ano: *“Deixaram-me continuar a ir à escola porque eu era inteligente e o meu avô era professor”*. Recorda: *“O meu avô era um homem muito inteligente, aprendi muito com ele – sobretudo Matemática e Inglês”*. No entanto, refere que não era fácil, já que, aos 13 anos, as pessoas começaram a dizer: *“Já chega, tu és rapariga, não devias continuar a ir à escola.”* O seu interesse e empenho levava-a a assumir o “papel de professora” quando o professor faltava: *“Na escola, era normal um aluno substituí-lo e eu às vezes dava a aula, ajudava e ensinava os meus colegas.”*

Depois começou a aprender com a mulher do tio a profissão de cabeleireira. Foi aprender para a cidade de Herat e aproveitava essas ocasiões para usar a internet, para ver vídeos e aprender mais. Como tinha muitos familiares e conhecidos, podia ir a Herat com frequência, ficar lá uma semana inteira com a tia, que *“tinha dinheiro e um bom apartamento com acesso à internet”*.

No início da conversa, conta que rezava cinco vezes por dia. Agora também reza, mas como está em estágio oito horas por dia, lava-se e reza depois de chegar a casa, não respeitando a hora rigorosamente, como fazia antigamente. A sua professora avisou-a que não poderia rezar no trabalho.

Fala do *“problema do lenço islâmico”*. No seu país, tinha um *chador* (peça única com a qual as mulheres se cobrem até à cabeça, tapando a cara, mostrando apenas os olhos), mas agora, na Alemanha, usa um lenço, embora tenha alguma dificuldade em lidar com isso: *“Eu tenho sempre problemas com o lenço, acho sempre que não sei usar o lenço”*. A1 conta que agora quer deixar de usar o lenço, mas que o pai não deixa. Acrescenta: *“É difícil, porque às vezes está muito calor, depois mexo-me no trabalho (estágio) e é complicado”*. No trabalho era tão difícil e perigoso usar o lenço que decidiu dizer à mãe que não podia usar mais o lenço no estágio, o que esta aceitou. O pai depois, também.

Quando lhe perguntamos se sente falta de usar o lenço, responde: *“Gostava que toda a gente tivesse de usar o lenço, de maneira a eu também o poder usar. Toda a gente olha para ela por usar lenço como o usa, “à moda” afegã/ persa. Teve “muitos problemas”, no início, na escola atual, porque os rapazes se metiam logo com ela em Farsi, ou seja, o lenço denunciava de onde A1 era e a língua que falava. “Agora deixar de usar o lenço é mau. Na Alemanha é difícil continuar usar porque muitas vezes sou a única e toda a gente olha”*. Resume a situação dizendo que só não gosta de chamar a atenção.

Não hesita em afirmar de quem sente muita falta: *“dos meus familiares e do meu avô”*. Tem contacto com eles por telefone via internet, mas *“não é a mesma coisa”*.

Sente também falta das festas e da roupa afegã.

“O problema era eu ainda ser solteira e não querer casar-me”. O pai e a mãe não queriam vir para a Alemanha, mas A1 e a irmã não queriam que as obrigassem a casar. Chorou muito porque não queria que a casassem tão nova com um homem mais velho: *“Homens muito mais velhos queriam casar-se comigo, diziam que eu era bonita, mas eu não queria.”* O pai de A1 não compreendia a filha e falava com a mulher sobre a sua recusa.

“Os homens afegãos não eram muito bons, eu odeio homens afegãos”, pois quando ia à cidade, ao bazar, homens tocavam-lhe/ apalpavam-na sem que ela se percebesse quem lhe tinha tocado porque *“era muita gente junta”*, não podendo denunciar essas situações aos pais porque *“uma menina não fala dessas coisas”*.

Foi A1 que decidiu que queria ir-se embora. Disse à família que podiam ir para a Alemanha, explicando a sua decisão da seguinte forma: *“Eu ouvi dizer que toda a gente estava a ir para a Alemanha, que as pessoas lá podem aprender muitas coisas, que arranjam um bom*

trabalho”. Fez ver aos pais que a família também tinha problemas e que queria ir-se embora para a Alemanha, mas que sabia que não poderia ir sozinha.

A situação familiar era complicada, A1 conta que havia muitos conflitos na família, toda a gente falava da vida de toda a gente, a mãe de A1 dava-se mal com a mulher do tio.

O avô inicialmente não queria que fossem, o pai também não queria, mas depois A1 foi insistindo, argumentando que os irmãos poderiam ter uma vida melhor, um futuro diferente do que teriam se ficassem na aldeia. Conseguiu finalmente convencê-los, pois tinham família (um tio e uma prima) a viver na Alemanha. O pai ligou-lhes e falou aos familiares e foram os familiares que disseram ao pai de A1 que, *“para as crianças, a Alemanha era um país muito bom”*.

A viagem demorou dois meses. Partiram de Herat no outono de 2015. O pai de A1 organizou tudo, foi falando com diversas pessoas, no Irão, depois na Turquia, à medida que a viagem ia decorrendo.

Do Afeganistão partiram com a família do tio para o Irão num carro. Depois ficaram alojados numa casa, o pai falou com pessoas e seguiram para o Irão por um caminho de montanha. Tiveram de fazer longos percursos a pé, andar depressa e escondidos da polícia. Do Irão seguiram para a Turquia. Neste país, seguiram atravessaram as montanhas, tendo andado cerca de dezoito horas a pé, ao frio e enquanto chovia. O pai de A1 tinha de carregar o filho de dois anos e A1 já mal conseguia continuar a andar, de maneira que o tio tinha de a empurrar para que continuasse a andar. Ficaram três dias em Izmir, na Turquia. Depois contactaram um homem que organizava as travessias, de forma clandestina. Tiveram de esperar dois dias até poderem fazer a viagem de barco porque *“havia uma fila de pessoas que também queriam ir para a Grécia”*. A1 explica-nos que os barcos não regressavam da Grécia, eram danificados de propósito para não os poderem mandar para trás. Recorda que, nesses dois dias de espera, *“choveu muito, muito mais do que na Alemanha, mas nós não tínhamos onde ficar, protegíamo-nos com o chador, fizemos fogueiras”*. Da Turquia, apanharam um barco para a Grécia, de forma clandestina, e refere que a pessoa que organizava a travessia tinha armas consigo.

A1 não responde à questão do que sentiu ao saber que iria deixar o seu país, fala apenas do alívio que sentiu quando o pai decidiu que iriam abandonar o Afeganistão.

“A viagem do Afeganistão para o Irão foi muito difícil, tivemos muito medo”. *“A viagem do Irão para a Turquia também foi cheia de problemas, eu chorei muito, não conseguia andar mais a pé, nas montanhas.”*

Nos dias antes da travessia de barco da Turquia para a Grécia, apanharam muito mau tempo. Sem alojamento, as mulheres protegeram-se da chuva com o próprio chador. À noite, a

família fez fogueiras ao ar livre. Todos dormiam, mas A1 sentia-se muito insegura, pensava nos homens que tinha visto com armas de fogo e facas, não conseguindo descansar nada: *“Eu chorei muito, tinha muito medo, não dormi nada”*.

Cada barco levava cerca de setenta pessoas. O seu pai e o tio tinham-se informado e não ainda não sabiam se queriam arriscar fazer a viagem, pois numa dessas travessias, uma mulher tinha morrido e foi levada de volta. A1 viu a mulher morta ser transportada do barco e ficou cheia de medo. O pai de A1 decidiu que regressariam às montanhas para poderem fazer a travessia de outra cidade da Turquia. A1 salienta: *“Estivemos muitos dias na Turquia, apanhámos muito mau tempo.”* Seis dias para atravessar uma floresta sem terem praticamente nada para comer e beber. A polícia mandou-os para trás uma vez. De dois em dois dias, ia alguém do grupo às escondidas buscar comida e bebidas, à cidade mais próxima. A1 recorda e repete: *“Foi muito difícil”*.

A família acabou por fazer a travessia de barco de uma terceira cidade turca, ao fim de seis dias. Contrariando os conselhos das pessoas do porto, fizeram a viagem já de noite. Pagaram mais para o barco não ir tão cheio. Conta: *“Já estava escuro, o barco só levava quarenta pessoas”*. Chegou completamente molhada à Grécia, ainda assim afirma: *“A viagem de barco foi boa, correu bem.”* A travessia demorou cerca de uma hora.

Na Grécia, ficaram três dias numa espécie de tenda para oito pessoas, depois passaram um dia e uma noite numa loja onde não havia espaço para dormir, por esta estar completamente cheia de gente.

A1 conta que não se sentia bem, teve tonturas. Compraram bilhetes para seguirem para Atenas. Da capital grega apanharam o comboio, depois um autocarro, mas A1 não sabe precisar os países por onde passou, só sabe que na Áustria lhe perguntaram: *“O que querem fazer, querem ficar aqui, querem seguir para a Alemanha?”* O pai e o tio falaram com um tradutor que lhes disse que era melhor seguirem para a Alemanha.

Vieram para Hanôver de autocarro. Quando lhe perguntaram para onde queria ir, A1 não conseguia responder, ela não sabia nunca o que fazer e dizer. Em Hanôver, na *Expoplaza*, a antiga praça da exposição mundial de 2000, os seguranças e a polícia alemã indicaram-lhes o que fazer (exames médicos, registo, etc.).

Pensa às vezes na situação que viveu na Turquia, quando o tempo estava muito mau e muito frio, do medo que sentiu na floresta, quando não tinha onde se abrigar, o *“medo dos homens”*. Quando lhe perguntamos se pensa nessas situações, confessa que às vezes pensa e sonha com elas.

Vive na Alemanha desde novembro de 2015. Primeiro, ficou alojada com a família num

pavilhão da antiga exposição mundial. A1 descreve: *“Não foi muito fácil, havia muita gente, muito barulho, havia constantemente problemas com rapazes que incomodavam raparigas”*. Quatro meses depois, mudou-se com a família para o edifício de uma antiga cantina, onde a família tem um espaço, um *“apartamento”* só para si. Atualmente, queixa-se do calor e do barulho até altas horas da noite e dos conflitos entre os vizinhos (requerentes de asilo).

Conta que não esteve muito doente, mas que teve problemas ginecológicos (infecção vaginal?) relacionados com a falta de higiene nas casas de banho. Explica: *“Foi muito desagradável e difícil, eu não conseguia ir à casa de banho”*. Depois foi a uma consulta de ginecologia pela primeira vez, comentando a rir: *“Não, nunca tinha ido a um ginecologista, foi horrível, eu não queria, tinha muito medo.”*

Refere ainda que, de momento, não dorme muito bem devido ao calor.

Explica que está na segunda fase do projeto de integração, numa turma *SPRINT-Dual*. Está a fazer um estágio numa empresa especializada na montagem de pisos de madeira, tendo muito contacto com os colegas (na montagem, só trabalha com homens) e algum com as colegas que trabalham no escritório. O trabalho no estágio *“é um bocadinho difícil”*, pois as máquinas são pesadas, o pó da madeira entra-lhe nos olhos e fica preso nos cabelos.

Refere os seguintes problemas de saúde: problemas de saúde do pai (tosse) por ser fumador, mas diz-nos que já está melhor; a mãe teve um bebé, contraindo diabetes durante a gravidez, mas também já se sente melhor.

“Gostava que toda a gente tivesse de usar o lenço, de maneira a eu também o poder usar. Fala-nos do *“problema com o lenço islâmico”*. Refere que no trabalho no estágio, era difícil e perigoso usar o lenço, por isso decidiu dizer à mãe que no trabalho tinha de o tirar e ela aceitou, e o pai depois, também. A roupa a usar no trabalho quando está calor também a preocupa.

Não sabe se vai conseguir cumprir o jejum, durante o Ramadão. Refere que já falou com a mãe e que, em função do clima e da intensidade do trabalho, vai decidir se faz ou não jejum.

Como está na segunda fase do projeto *SPRINT, Sprint-Dual*, está em estágio numa empresa que monta pisos de madeira. Desta forma, tem muito contacto com os colegas (só homens) e algum com as colegas que trabalham no escritório. Comenta que os colegas, quando está calor, dizem para ela não ter tanta roupa vestida, para se despir, que eles não olham, ao que ela responde *“Está calor, mas não posso, sou muçulmana”*. Acrescenta: *“O meu chefe é muito simpático para mim.”*

Na Alemanha, os homens alemães são muito bons, não nos incomodam, como os outros homens.”

A1 acha que há menos controlo social entre alemães, fala-se menos da vida dos outros, o aspeto/visual não é importante. Por um lado, acha isso estranho, às vezes acha isso bom, sobretudo “*os alemães pensarem pela cabeça deles*”.

Fala várias vezes de um senhor, antigo professor, que conheceu antes de vir para a escola, onde está atualmente, com quem aprendeu o Alemão, que a ajudou e lhe dá conselhos e com quem ainda tem contacto.

Teve problemas com rapazes afegãos sempre que se arranja mais, por exemplo, quando se maquilha. Na escola, tem menos problemas. Tem contacto com uma jovem do Afeganistão, mas o pai não gosta que A1 tenha contacto com essa jovem porque a irmã dela se envolveu com vários rapazes.

Diz-nos que na Alemanha há muitas oportunidades, que não lhe falta nada, mas que sabe “*que na Alemanha é preciso perguntar o que se quer saber e aprender muito*”.

O problema de usar (ou não) o lenço e a aceitação do lenço na sociedade alemã é a única dificuldade que refere diversas vezes durante a nossa entrevista.

Recorda-se que, no ano anterior, um homem alcoolizado começou a gritar na rua “*muçulmanos de merda, merda do lenço*”. No metro, jovens alcoolizados provocaram-na e A1 teve medo.

Die Johanniter (instituição semelhante à *Caritas*) ajudaram-na quando ainda não falava alemão, organizando-lhe intérpretes/ tradutores. Refere que teve muita ajuda de um senhor professor voluntário, apoio da escola onde está atualmente, e de um colega na empresa onde faz estágio.

Quer casar-se com 25 ou 27 anos. Quer fazer formação profissional na empresa onde está atualmente. Quer trabalhar um pouco e talvez vá estudar para a universidade, mas ainda não sabe exatamente o que estudar. Quer muito tirar a carta de condução porque “*é muito importante para a empresa*.” Quer continuar a viver com a sua família.

Acha que tem de “*estudar muito*”, mas refere que tem um colega iraniano na empresa onde faz estágio que a ajuda e lhe explica tudo.

Espera que seja possível tirar a carta da condução.

Resumo e análise do caso A1

A vida de A1 antes de deixar o Afeganistão foi marcada pela vida em família, pela vontade de continuar a aprender/estudar e pelo conflito de não querer que a família a obrigasse a casar. Esta situação, de enorme pressão social e familiar, deverá ter sido uma grande fonte de stresse, medo e ansiedade para esta jovem.

Embora tivesse um “estatuto” um bocadinho diferente das outras raparigas afegãs, tendo frequentado a escola até ao 8.º ano apoiada pelo avô por ser muito boa aluna –, a pressão familiar e a sua insatisfação foram aumentando progressivamente, levando esta jovem a pedir à família que abandonassem o país para irem viver para a Alemanha. Este facto revela-nos a sua grande capacidade de persuasão (convenceu a não a casarem, a estudar mais, a abandonarem o país), sendo capaz de se distanciar de certas “tradições” ancestrais, nas quais a mulher afegã tem um papel subalterno e, portanto, o seu desejo de ter um futuro distinto do que está reservado à grande maioria das mulheres, no seu país. Todos estes aspetos indicam que se trata de uma jovem muito inteligente e persistente nos seus objetivos.

No outono de 2015, a família deixou do Afeganistão. O pai e o tio foram organizando, pouco a pouco, a viagem, que durou cerca de dois meses. A família teve de fazer longos e difíceis percursos a pé, correndo enormes riscos, escondendo-se para isso de soldados ou forças policiais. Muitas vezes teve de dormir ao relento, atravessar montanhas e florestas sob os efeitos do mau tempo, sobretudo na Turquia. É neste país que se situam as suas recordações mais dolorosas da viagem, onde dominaram os sentimentos de grande incerteza, de insegurança e de medo assim como diversas experiências de privação (cansaço extremo, frio, fome, sede). A partir da estadia na Grécia deixa de saber exatamente por que países passou e quando tempo lá ficou, o que se deve eventualmente ao facto de não ter tido um papel ativo na organização da viagem, mas também à angústia que deve ter sentido e ao estado de exaustão em que se deveria encontrar (perdeu a noção espaço-temporal, possivelmente com origem traumática). Recordar-se apenas da chegada à Austria e da viagem para Hanôver.

Inicialmente, na Alemanha, as condições habitacionais em Hanôver foram difíceis, pois a família ficou alojada durante quatro meses num enorme pavilhão juntamente com muitas outras pessoas, onde não havia sossego nem privacidade. Foi nesta fase que teve problemas de saúde, ao contrair uma infeção ginecológica devido à falta de higiene nas instalações sanitárias, que só se resolveu quando procurou ajuda médica. Refere ainda alguns problemas de saúde na família, nomeadamente do pai (tosse por ser fumador) e da mãe (diabetes durante a gravidez), sendo que ambos já se sentem melhor. Não refere nem indica terem existido problemas psicológicos, na família. No entanto, deverá ter vivido diversas situações traumáticas, físicas e psicológicas, desde a viagem e mesmo durante a estadia na Alemanha. As questões da ansiedade parecem ser as mais prementes no seu discurso: o medo. Os sonhos revelam as situações traumáticas por que passou e trazem ao de cima a elaboração do trauma por fazer, os lutos por realizar.

Constatamos também a existência de uma problemática identidade-gênero (quando refere a doença ginecológica; quando refere ter “*medo dos homens*”). Esta jovem parece ter alguma ansiedade ligada às questões do feminino e da sexualidade, referindo medo, talvez por culturalmente não poder debater abertamente as suas preocupações e anseios ou mesmo pedir ajuda devido à sua cultura familiar, segundo nos refere, não lho permitir.

Costuma pensar nos seus familiares, especialmente no avô, de quem tem muitas saudades. Vai mantendo contacto regular por telefone/internet (*WhatsApp*), embora reconheça que „*não é a mesma coisa*“.

Começou a aprender o Alemão por iniciativa própria. A partir de de agosto de 2016 frequentou o projeto de integração de jovens refugiados *SPRINT*. Atualmente, está na segunda fase do projeto, *SPRINT-Dual*, na qual faz um estágio numa empresa de montagem de soalhos de madeira, sendo que quer fazer nessa mesma empresa formação profissional.

A empresa onde está em estágio (três dias por semana durante seis meses) é o lugar onde recebe apoio e cultiva contacto com alemães e outros estrangeiros (colegas, clientes).

Ter viajado com a família permitiu-lhe manter a sua identidade coesa, mas não lhe retirou o conflito entre o que devia fazer segundo os costumes e o que quer realmente fazer por si e pela sua vida, neste novo país com hábitos diferentes. É neste contexto que tenta negociar com os pais para poder articular hábitos e tradições com a situação escolar/profissional, no país de acolhimento, que flexibilizou o horário de algumas das cinco rezas e que deixou de usar o lenço islâmico, no trabalho. Atualmente, uma preocupação sua é não saber se vai conseguir cumprir o jejum do Ramadão devido ao trabalho no estágio e ao calor sentido.

Usar (ou não) o lenço islâmico e a aceitação do lenço na sociedade alemã são a sua grande preocupação, uma vez que é alvo de olhares, em situações em que é a única a usá-lo, e já passou por ofensas no espaço público, normalmente por parte de pessoas alcoolizadas. Para “gerir” esta questão, no trabalho, decidiu deixar de o usar depois de ter falado com os pais. Fora do trabalho, quer continuar a usar o lenço assim como roupa comprida, embora revele ao mesmo tempo o desejo de não “*chamar à atenção*”. Assim, esta jovem parece apresentar alguma ambivalência do que se refere aos hábitos do seu país de origem: por um lado quer usar o lenço, por outro queixa-se do desconforto que este lhe causa nas rotinas diárias; por um lado, quer a sua protecção, por outro gostaria de conseguir viver sem ele, ser mais “livre”. Esta ambivalência parece estar igualmente presente na sua adaptação ao país.

Outra questão que a preocupa prende-se com o não saber a data da segunda audiência da BAMF, sobretudo a incerteza relativamente a receber ou não protecção poderá ser uma fonte

de stresse, ansiedade e angústia.

O seu desejo de “*não chamar à atenção*” por usar o lenço revela a dificuldade em gerir esta questão complexa, que deverá ser uma fonte de stresse e conflitos no âmbito familiar.

Os seus planos futuros incluem fazer formação profissional na empresa onde está atualmente a trabalhar. Talvez queira fazer depois formação superior. Quer continuar a morar em Hanôver, constituir família aos 25 ou 27 anos, continuar a viver com a sua família e tirar a carta de condução. Estes projetos (de emancipação) refletem o seu otimismo em relação ao futuro, estando inseridos na sociedade de acolhimento e, simultaneamente, ancorados na sua vida em família e nas raízes do seu país de origem.

4.1.4. Entrevista A2 (jovem afegão, 18 anos)

A entrevista a A2 foi realizada no dia 23.06.2017 e a conversa durou cerca de uma hora e trinta minutos. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de A2

Idade – 18 anos

Sexo – masculino

País de origem/nascimento – Afeganistão, Cabul (capital)

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – há 13 meses (desde 25.05.16)

Veio sozinho ou com família – sozinho, mas inserido num grupo; tem dois irmãos e uma tia na Alemanha

Com quem vive a maior parte do seu tempo – com a mãe, dois irmãos e uma irmã

Tem irmãos – dois irmãos e uma irmã

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – irmão do meio

Profissão do pai – soldado, mecânico, morreu num ataque (dos talibãs?) quando A2. era muito pequeno

Escolaridade do pai – 12 anos de escolaridade

Profissão da mãe – dona de casa

Escolaridade da mãe – 6 anos de escolaridade

Religião – muçulmano

Pratica a religião – A2 é praticante, é sunita, mas não distingue sunitas de xeítas

Nível de escolarização – frequentou o 8.º ano

Estado Civil – solteiro

Estatuto na Alemanha – à data da entrevista, ainda não tinha sido chamada para a audiência da BAMF;

Perfil sumário de A2

A2 tem dezoito anos, é solteiro, muçulmano praticante, natural de Cabul, Afeganistão. Frequentou a escola até ao 8.º ano. Abandonou o seu país sem completar os quinze anos. Chegou à Alemanha com dezassete anos, no dia 25 de maio de 2016, ou seja, à data da entrevista, há treze meses. Veio sozinho. Viveu alguns dias numa instituição para menores na Áustria, algumas semanas com o irmão, já na Alemanha, sete meses com uma tia, em Hanôver, até completar os dezoito anos. Atualmente, vive sozinho, num alojamento para refugiados da mesma cidade. No momento da entrevista, ainda não tinha sido chamado para a audiência da BAMF. Frequentou, a partir de agosto de 2016 até junho de 2017, uma turma de língua e integração, *SPRINT*, numa escola profissional desta cidade.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de A2

Vivia com a mãe, com dois irmãos e uma irmã, numa pequena casa em Cabul. A2 e um dos irmãos andavam na escola, o outro irmão trabalhava, na clandestinidade, como intérprete/tradutor para o exército americano, sustentando a família com essa atividade. A2 levantava-se às 7h e ia para a escola, de sábado a quinta feira, das 8h até às 12h30. À sexta feira era o dia livre de toda a população, “*dia de rezar*” (para os homens) em grupo, na mesquita. Rezava cinco vezes por dia sozinho (de manhã, antes da hora de almoço, à tarde, no final da tarde e de noite), mas às sextas, rezava na mesquita, em grupo.

Na escola, os rapazes e as raparigas tinham aulas separados. No entanto, como “*era uma criança doente e pequena para a idade*”, frequentou (da 1ª até à 3ª classe) uma turma de raparigas. Depois das aulas, costumava almoçar hamburgueres numa cafetaria, dentro da escola.

Afirma que “*não é difícil não ter os mesmos hábitos*”, pois agora vive no estrangeiro e “*tem de viver como vivem os alemães*”. Antigamente, às sextas-feiras, rezava cinco vezes por dia na mesquita, agora já não consegue, pois tem aulas às sextas. Vai à mesquita turca rezar às sextas quando está de férias.

Agora está “*muito feliz*” porque a sua vida no Afeganistão e a viagem foram “*muito perigosas*”. Não consegue referir nada de que sinta falta na sua vida anterior, começando logo a explicar-nos como fugiu do Afeganistão.

Como o tio de A2 tinha contacto com os talibãs, a mãe andava sempre preocupada

porque o tio poderia informar este grupo radical de que o sobrinho trabalhava para os soldados americanos.

Um dia, os talibãs contactaram a família, vieram entregar cartas, depois começaram a visitar a família à noite. Nessas cartas a família era ameaçada devido à atividade profissional do irmão de A2. Os dois irmãos do jovem (o mais velho e o mais novo) fugiram juntos através da Rússia para a Alemanha, onde pediram asilo. O mais velho recebeu proteção de três anos, o mais novo ainda é menor de idade e vive numa instituição para menores.

Aos catorze anos, decidiu sozinho que queria fugir do país e explica: *“Os meus irmãos estavam fora do país, não sabia nada deles e estava a ser pressionado pelos Talibãs para aprender a combater. Eu não tinha dinheiro, tinha pouca comida e não podia continuar a ir à escola”*.

Saiu de Cabul com um grupo de amigos. Tinham comida consigo e o objetivo era chegar primeiro ao Irão. Esta primeira parte da viagem demorou uma semana. Repete a frase *“foi perigoso porque em todas as partes havia soldados”*. Do Irão seguiu para a Turquia, apanhando um taxi com outras três pessoas. A viagem demorou 12 horas até chegar à fronteira da Turquia. Era inverno, começou a nevar, S.P. e muitas outras pessoas não estavam preparados para o frio.

A2 recorda: *“Havia muitas famílias, muitas pessoas do Afeganistão, todos queriam vir para a Europa”*. Também ele sabia que queria vir para a Europa, mais concretamente, para a Alemanha, onde *“tinha muita família”* – os dois irmãos, tios e primos.

Perto da fronteira do Irão com a Turquia, os grupos de pessoas (famílias) eram cada vez maiores (60 a 80 pessoas). A2 andou muito a pé até chegar à fronteira, depois ficou fechado com outras pessoas três dias numa casa sem eletricidade, às escuras, onde estava muito frio. Três dias depois, um homem a quem tinham pago muito dinheiro veio abrir a porta e dar-lhes bilhetes de autocarro. Apanhou um autocarro (não sabe ao certo, diz que a viagem terá demorado entre 15 a 18 horas) na direção de Istambul.

A2 refere que *“tinha medo da polícia”*. Em Istambul, A2 já não tinha dinheiro para seguir viagem. À noite, num parque, foi abordado por um homem que falava a sua língua e se ofereceu para o ajudar. Tinha fome, estava sozinho e decidiu aceitar o seu convite. Foi viver com ele e com a sua família, com quem permaneceu um ano e três ou cinco meses. Na Turquia, trabalhou num supermercado para poder juntar algum dinheiro.

O irmão queria que A2 viesse para a Alemanha e falou com esse homem que tinha ajudado A2 para que o ajudasse a vir para a Europa. A2 explica: *“As fronteiras estavam abertas, eu só tinha de chegar à Grécia”*. Esse homem ajudou-o entregando o dinheiro para a travessia

de barco, para que A2 conseguisse entrar na Europa. Nessa altura, A2 já tinha recebido do irmão, pelo correio, um telemóvel, pois a partir da Grécia, precisava de usar um telemóvel para se informar sobre a situação nas fronteiras.

Chegou à Grécia (não sabe ao certo, talvez em janeiro de 2016) com uma outra família, em condições muito precárias: *“O barco era instável, perigoso e estava meio estragado”*. A viagem de barco demorou cerca de uma hora e meia. A2 e os passageiros usaram as lanternas dos telemóveis para sinalizarem que havia um barco a aproximar-se e que precisavam de ajuda. Os soldados gregos aproximaram-se e levaram-nos para outro barco maior.

Esteve numa ilha grega alguns dias enquanto aguardava pela autorização para poder viajar para Atenas. Em Atenas, através de uma página de/para refugiados no *Facebook*, recebia informações atualizadas, por exemplo, quando as fronteiras estavam abertas ou não. Teve de aguardar mais de três meses pela abertura da fronteira grega. Nesse período de tempo, fez muitos amigos (gregos que falavam Inglês), ajudou os gregos a transportar e distribuir comida pelos necessitados: *“Os gregos traziam comida, leite e ajudavam os refugiados”*. A2 acrescenta ainda: *“Os gregos foram muito bons, ajudaram-nos muito, mas eu não queria ficar na Grécia, pois lá não podia ir à escola nem havia trabalho”*.

As recordações mais dolorosas de A2 são da travessia da Macedónia: *“Na floresta, na Macedónia, houve muitos problemas”*. Recordar-se de *“muitas mulheres e crianças que chegavam a pé, muitas famílias que atravessaram a pé a Macedónia”*.

A troco de dinheiro, um homem organizou a viagem para a Áustria, muito embora esta tenha sido feita a pé. A2 conta que andou 20 horas a pé e que, a certa altura, *“a polícia batia nas pessoas, queria enviar toda a gente de volta”*. Tentou cinco vezes sair deste país para seguir viagem. Falou com um polícia, explicou que tinha família na Alemanha. Deram-lhe um documento, fizeram-lhe um sinal com a mão que ele não compreendeu e lhe causou muito medo.

Teve de ficar um dia num campo aberto para refugiados, depois foi para Escópia, a capital. Falou com um advogado para conseguir sair da Macedónia e não explicou exatamente como, mas conseguiu sair da Macedónia. Atravessou a Sérvia de autocarro, com dinheiro que uma tia da Alemanha lhe tinha enviado.

Na Hungria, a polícia levou-o para um campo de refugiados, um dia depois, foi transferido para outro campo aberto. Pagou cinquenta dólares para um bilhete de comboio para Viena, na Áustria. Na Áustria, a polícia disse-lhe que ele não podia seguir para a Alemanha e recebeu um documento para abandonar a Áustria no prazo de quinze dias. Como à data tinha dezassete anos, ficou alojado num alojamento para jovens menores de idade.

Contactou o irmão mais velho, que o foi buscar à Austria e o levou para a Alemanha.

Na Alemanha foi viver um mês para uma pequena localidade, no sul da Baixa-Saxónia. Começou a aprender o Alemão nessa localidade, mas não queria aí ficar, mas sim ir viver para uma cidade maior. Falou com a tia e pediu-lhe para se tornar sua encarregada de educação para A2 poder ir viver com ela.

Em Hanôver, viveu sete meses com a tia. Quando completou os dezoito anos (não percebemos bem porquê, eventualmente porque a tia não queria que continuasse a viver com ela), teve de se mudar para um alojamento para refugiados. A2 estranhou a mudança: “*O quarto era pequeno, a cama era muito má, não havia televisão nem jogos*”. Atualmente, continua a viver no mesmo alojamento, que era um antigo hotel. Explica: “*Cada pessoa tem um quarto, mas tem de partilhar a casa de banho com outras pessoas*”.

Não falou dos seus sentimentos ao abandonar a sua terra, ao despedir-se da sua mãe. Começou imediatamente a falar da longa e perigosa viagem que fez para conseguir chegar à Europa.

Nos primeiros tempos, em Hanôver, “*tinha muito medo*”. Falou com a tia sobre o que sentia, a tia explicou-lhe que era natural e que em breve se iria sentir melhor. No entanto, quando estava sozinho, o sentimento de medo intenso voltava. A2 conta que revivia a situação vivida na Macedónia: “*Os cães da polícia na floresta, os cães da polícia ladravam*”. Um dia, falou com um assistente social do alojamento onde vivia e este marcou-lhe uma consulta no médico. O médico receitou-lhe medicamentos que o ajudaram. Recorda que uma vez teve de ir ao hospital porque teve um sonho (com os talibãs), acordou a suar e o sentimento de medo extremo não passava. Pediu ajuda no alojamento e chamaram uma ambulância. No hospital, o médico elaborou um relatório para o médico de família e receitou-lhe medicamentos para as dores, pois nesse dia A2 tinha “*dores muito fortes de cabeça*”. Atualmente, já se sente melhor.

Para se sentir bem, conta que faz muito desporto: anda de bicicleta e treina num ginásio (recomendação do médico). Quer aprender a nadar. Não tem outros problemas (físicos) de saúde.

A2 está a frequentar uma turma *SPRINT* e quer fazer formação profissional. Recorda-se que, inicialmente, tinha problemas de concentração, não queria aprender o Alemão, falava muito em Inglês porque tinha muito contacto com outros jovens que também falavam Inglês. Refere que depois decidiu mudar de atitude, que tem de “aceitar as regras, aprender alemão”.

Relativamente a problemas, A2 conta que o irmão vive longe dele e não consegue fazer formação profissional, embora tenha feito um estágio de um ano. O irmão trabalhou como carpinteiro, mas todo o dinheiro que recebeu era para pagar o alojamento e a comida. A2 diz

que a situação em Hanôver é muito melhor do que na região onde o irmão mais velho mora.

A grande preocupação de A2 é não saber se pode ficar na Alemanha: “Eu gostava muito de poder ficar a viver na Alemanha”.

No que concerne aos contactos com a população alemã, só tem contacto com as professoras na escola. No entanto, acha que “os alemães são muito simpáticos”. Não sabe como fazer para ter mais contacto com a população. Acha importante porque gostaria mais de praticar mais o Alemão.

Não tem outros amigos na Alemanha. Dá-se bem com um colega de turma sírio, que o motiva pois só se entendem falando Alemão, de resto tem pouco contacto com outros jovens, apenas com alguns afegãos por *WhatsApp*.

A2 sente falta da mãe. Contacta-a de vez em quando, telefonando para um tio que tem telefone.

A sua principal dificuldade é a língua alemã. Também refere que tem pouco dinheiro, que não pode fazer coisas que lhe apetecia por falta de dinheiro, por exemplo, ir mais vezes às piscinas municipais.

A2 volta a repetir: “*As pessoas na Alemanha foram muito simpáticas comigo*”. Quando lhe perguntámos se houve algumas facilidades na Alemanha, conta que a polícia o tratou bem e o ajudou. Na escola, os professores também o ajudaram. A família afegã ajudou-o muito também. A instituição de menores enviou o contacto da escola actual para A2 se poder inscrever na escola.

Não refere nenhuma experiência negativa na Alemanha.

Quando perguntamos se teve apoios, A2 refere apenas a escola atual. Diz que sabe que tem de fazer formação para arranjar trabalho.

Daqui a cinco anos, A2 quer viver em Hanôver, fazer uma formação profissional para depois abrir a sua própria empresa de pintura de automóveis. Quer casar e viver em Hanôver.

Para atingir os seus objetivos, A2 diz que precisa de “*aprender mais alemão, precisa de arranjar trabalho, de poupar dinheiro*”. A sua mulher trabalhará com ele na empresa.

Não acha que vai ser fácil ou difícil. Acha apenas que tem de “*estudar e aprender muito*”.

Não refere pessoas ou instituições concretas que o possam ajudar a atingir este objetivo. Aproveita para pedir ao Estado alemão para não expulsarem os afegãos, que o deixem ficar na Alemanha para estudar e trabalhar.

Resumo e análise do caso A2

A vida de A2 ficou marcada pela vida em família e pelas aulas no ensino preparatório. A

sua vida familiar viria a mudar com as ameaças dos talibãs ao seu irmão mais velho, que trabalhava clandestinamente como tradutor e intérprete para o exército americano. A2 começou a ser também ameaçado quando o irmão mais velho decidiu fugir com o irmão mais novo. O sonho que A2 relatou ter tido, mais tarde, na Alemanha, indicam que este jovem, que na altura deveria ter apenas 13 ou 14 anos, esteve exposto, no país de origem, a grandes fontes de stresse, medo e ansiedade.

A2 fugiu muito novo (talvez em 2014) da sua terra natal dado o intenso medo dos Talibãs. Talvez por não ter pai, falecido quando era pequeno, na sequência de um atentado, procura ir atrás do irmão mais velho para se sentir mais protegido e ter uma vida melhor. Permaneceu cerca de quinze meses na Turquia, pois não tinha dinheiro para continuar a viagem. Inicialmente, não tinha de facto um destino concreto, mas depois de se aconselhar ao telefone com o irmão mais velho e com o apoio de um senhor que conheceu e com quem viveu na Turquia, decidiu que queria procurar asilo na Alemanha, país onde tinha redes familiares (o irmão, tios e primos). Em 2015, depois de vários meses a juntar dinheiro, trabalhando num supermercado, reuniu condições para abandonar a Turquia e partir para a Grécia. Assim, e apesar de ter fugido sozinho, fez amigos em vários locais por onde passou, o que o ajudou a ultrapassar as dificuldades sentidas. Esta capacidade de ir confiando nos outros foi possivelmente a sua salvação.

Referiu ter feito a travessia de barco em condições muito precárias e perigosas, pois o barco onde seguia era ilegal e estava estragado. Recorda os três meses que teve de viver na Grécia, devido ao encerramento das fronteiras, sem grandes experiências negativas, apesar da grande incerteza e das condições caóticas em que deve ter vivido neste país. Foi na Macedónia que A2 passou por diversas situações muito difíceis (de desamparo, medo, angústia), pois não sabia quando e se seria possível seguir viagem. As imagens que A2 recorda da floresta na Macedónia indicam que essas experiências o marcaram profundamente.

Na Alemanha, onde tinha redes de apoio (irmãos e tia) viveu cerca de um mês na província com o irmão, mas arranhou rapidamente forma de se poder mudar para a capital do estado federal onde se encontrava – Hanôver. Viveu com uma tia até atingir os dezoito anos, depois teve de se mudar para um alojamento para requerentes de asilo e refugiados, nesta mesma cidade. Esta mudança da casa da tia para um alojamento anónimo deverá ter representado uma nova situação de desamparo e isolamento para este jovem.

Constatámos durante a entrevista que o afecto aparece isolado do discurso, focando-se nos acontecimentos objectivos por que passou. A2 relata os factos difíceis, mas isola as emoções, possivelmente como forma de defesa contra a depressão e maior desorganização

psíquica. Isolar os afectos suscitados pela separação e abandono da sua família poderá constituir uma forma de proteção para encarar mais facilmente o futuro e os seus novos projectos e ficar menos preso ao passado e a quem deixou para trás.

A2 relata diversas situações de crises de ansiedade (medo intenso e persistente, pesadelos e reações de pânico) depois da chegada à Alemanha, a mais grave já no alojamento para requerentes de asilo, na qual teve de ser transportado para o hospital, com dores de cabeça muito fortes. Em sonhos, A2 reviveu acontecimentos muito difíceis passados no Afeganistão ou durante a fuga, na Macedónia, acordando por vezes em pânico. O medo persistente, durante a viagem e também na Alemanha, as imagens e sons que descreve (“os cães da polícia a ladrar”) são indicadores de uma síndrome de stress pós-traumática, possivelmente com somatização da ansiedade, pelas fortes dores de cabeça que apresentou e para as quais teve de receber medicação.

Para além da medicação que lhe foi receitada, o desporto (treinar no ginásio e andar de bicicleta) parece ser a “estratégia” encontrada para controlar a angústia sentida e fazer frente às adversidades e incertezas (*poderá ficar a viver na Alemanha?*) da sua nova vida, na Alemanha.

A2 refere-se à escola como um espaço social e de acolhimento, onde mantém diversos contactos (com professoras e colegas) e encontra apoio e ajuda para conseguir atingir o seu principal objetivo: entrar em formação profissional para poder trabalhar. Esta meta poderá ficar a dever-se, em parte, também à sua participação no projeto de integração.

No dia a dia, a sua maior preocupação é não saber se vai poder ou não ficar a viver na Alemanha, pois o seu processo de asilo ainda não teve início por S.P. ter feito dezoito anos há relativamente pouco tempo.

Não refere problemas de adaptação na Alemanha. Talvez por o desejo de fuga ter sido tão grande, afirma que “*não é difícil não ter os mesmos hábitos*”, pois agora vive no estrangeiro e “*tem de viver como vivem os alemães*”. Ainda assim fala da preocupação que tem relativamente à situação do irmão mais velho, que está longe de Hanôver e não consegue entrar em formação profissional. As limitações financeiras representam igualmente uma dificuldade para A2.

Os seus planos são indicadores de grande otimismo em relação ao futuro e de um forte desejo de integração (eventualmente de assimilação) no país de acolhimento: quer fazer formação profissional com o objetivo de poder de ir trabalhar e abrir a sua própria empresa, onde quer trabalhar com a sua futura mulher. Relacionado com este desejo fica o seu pedido para não expulsarem os afegãos.

4.1.5. Entrevista I1 (jovem iraquiana, 18 anos)

A entrevista a I1 foi realizada no dia 12.05.2017 e a conversa durou cerca de uma hora e meia. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de I1

Idade – dezoito anos

Sexo – feminino

País de origem/nascimento – Iraque (Bagdade)

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – há 20 meses, desde setembro de 2015

Veio sozinho ou com família – veio com a mãe e quatro irmãos

Com quem vive a maior parte do seu tempo – vive com um irmão (16 anos) atualmente numa instituição para menores de idade desacompanhados;

Tem irmãos – tem quatro irmãos (duas raparigas, dois rapazes);

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – irmã mais velha

Profissão do pai – trabalhava numa empresa iraquiana de tapetes

Escolaridade do pai – formação superior em Arte e Design orientais;

Profissão da mãe – dona de casa

Escolaridade da mãe – 7 anos de escolaridade

Em relação aos pais: vivem juntos

Religião – muçulmana

Pratica a religião – sim, mas no âmbito privado; usava lenço islâmico, quando chegou à Alemanha

Nível de escolarização – 11.º ano concluído

Estado Civil – solteira

Estatuto na Alemanha – à data da entrevista, ainda não tinha sido chamada para a audiência da BAMF;

Perfil sumário de I1

I1 tem dezoito anos, é solteira, muçulmana e natural de Bagdade, no Iraque. Não chegou a finalizar o 12.º ano. Abandonou o seu país com a mãe e quatro irmãos em setembro de 2015. Chegou à Alemanha em setembro de 2015. Pediu asilo em 2016, mas ainda não foi chamada para a primeira audiência da BAMF. Viveu primeiro com a mãe e quatro irmãos em casa da tia, depois num apartamento, atualmente vive com um irmão numa instituição para

menores de idade desacompanhados, numa aldeia da região metropolitana de Hanôver. Frequenta, desde agosto de 2016, o projeto *SPRINT* numa escola profissional da mesma cidade. Atualmente está na segunda fase do projeto, *SPRINT-Dual*, fazendo estágio numa clínica dentária, onde quer iniciar, em agosto, formação profissional-dual.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de I1

Vivia na casa dos avós com os pais, irmãos, avós e tios. Nos dias em que tinha escola, levantava-se com os seus irmãos às 6 horas da manhã. Apanhava uma espécie de taxi que ia buscar para ir para escola, pois não podia ir para a escola a pé: *“Como sou rapariga era perigoso ir para a escola a pé”*. Apanhava esse transporte com outras raparigas da vizinhança e explica: *“Éramos só meninas, não podíamos ter contacto com rapazes”*.

A escola que frequentava era só para raparigas, nunca tendo frequentado uma escola mista. Tinha aulas das 8h às 14h30, de domingo a quinta. Sexta e sábado não havia escola.

Na escola, tinha sete disciplinas. As disciplinas eram lecionadas em quarenta e cinco minutos, ao fim de quarenta e cinco minutos mudava de professor/ disciplina, não mudando de sala. De duas em duas horas, tinha um intervalo de quinze minutos.

Depois da escola, às 14h30, ia para casa, onde almoçava. Depois do almoço tinha de limpar a casa, ajudar a mãe. Explica-nos: *“Nós, as raparigas, tínhamos de limpar a casa todos os dias.”* Costumava dormir um pouco, da parte da tarde, depois fazia os trabalhos de casa, referindo que *“tinha sempre muito trabalhos de casa”*. O pai de I1 chegava no final da tarde, depois jantavam todos juntos.

Às sextas, dia livre, era o dia de tomar banho, mudar de roupa para rezar. Ao meio dia, almoçam e depois rezavam juntos. Não tinha o hábito de ir à mesquita rezar com a família: *“Rezávamos em casa porque tivemos problemas. Nós somos xiitas, mas o meu avô paterno era sunita e pensavam que o meu pai também era sunita. Queriam matar o meu pai e o meu irmão”*. I1 repete a afirmação *“era muito perigoso, queriam matar o meu pai e o meu irmão”*.

A avó e os primos costumavam vir ter com a família, bebiam chá e comiam fruta juntos, não havia o hábito de sair de casa, por motivos de segurança.

Ao sábado, preparava-se para ir para a escola, limpava o quarto, limpava tudo antes de começar a nova semana. Explica: *“O sábado era o dia das limpezas, de lavar a roupa.”*

Sente muita falta da vida em família: *“No meu país, a vida em família é o mais importante de tudo”*. Compara a situação com a Alemanha, referindo que aqui as coisas são diferentes, uma vez que, enquanto que na Alemanha as raparigas com dezoito anos podem/devem sair de casa, viver sozinhas e ser independentes, no seu país isso não é

possível, uma vez que as raparigas não podem viver sozinhas, antes de se casarem. Explica-nos: *“Sem serem casadas, as raparigas não podem viver sozinhas, os pais/ família matam-nas se viverem sozinhas”*.

Usava o lenço islâmico, o que era normal e necessário, até por motivos de segurança, pois no seu país as raparigas que não usavam o lenço eram raptadas, abusadas sexualmente e depois mortas. Para ela o lenço era uma peça absolutamente normal.

Ainda lhe custa gerir algumas diferenças culturais entre aquilo que esperam das meninas na Alemanha e que se exigia delas, no seu país.

Comenta que está a fazer uma psicoterapia e que fala destas diferenças com a terapeuta, nomeadamente da grande mudança de expectativas dos outros em relação a si: *“Eu vivi assim quase dezoito anos, agora querem [instituição de menores] que eu viva sozinha, que faça tudo sozinha”*. Confessa que, quando já está escuro, no inverno, chora quando tem de esperar pelo autocarro sozinha porque tem medo de estar sozinha na rua, à noite.

Gostava muito dos dias muito compridos no seu país, onde tinha *“muito mais tempo”* e refere a *“falta de tempo”* na Alemanha: *“Aqui não tenho tanto tempo, começo a cozinhar de manhã e quando termino o dia já acabou”*.

Tem muitas saudades da forma como se festejava o Ramadão no seu país: *“No Ramadão, todo o país, toda a gente participa no festejo cumprindo o jejum.”* I1 explica-nos que a atmosfera era muito bonita e indescritível, sendo impossível descrever como são passadas essas quatro semanas. Em casa, rezava em família, com crianças e adultos. Como o Ramadão tem tido lugar no verão, nestas quatro semanas não tinha escola, podendo dormir muito mais. Antes da celebração, a partir das 16h, as mulheres faziam as limpezas, aspeto fundamental da cultura islâmica: *“Uma das coisas mais importantes de se ser mesmo muçulmano é a limpeza e higiene. Antes de rezar tem de estar tudo limpo.”* Depois, a mãe começava a cozinhar, as filhas sentavam-se no chão a preparar diversas comidas, que ofereciam aos vizinhos. *“É tradição oferecer e receber comida pelo Ramadão.”* Interrompiam o jejum comendo primeiro tâmaras com uma espécie de iogurte e nozes, uma das comidas tradicionais da sua região. De noite, antes do nascer do sol, comiam fruta para se prepararem para o novo jejum, no dia seguinte.

Inicialmente, I1 não sabia por que razão teve de abandonar o país com a sua família. Foi na Alemanha que a mãe lhe explicou que fugiram devido a ameaças que o pai de I1 recebeu quando descobriu que havia problemas na contabilidade da empresa onde trabalhava.

I1 não sabe explicar ao certo como tudo começou, no final de 2014. Fala de um homem de negócios muito rico, que também estava envolvido na política iraquina, que desviou muito dinheiro da empresa onde o seu pai trabalhava. O pai de I1 controlou os estratos do banco e

foi falar com o seu chefe, que decidiu que iriam processar esse homem. Na semana seguinte, o pai de I1. foi espancado e ameaçado de morte. I1 recorda: *“O meu pai chegou a casa cheio de ferimentos, não nos deixaram vê-lo nesse dia.”* As ameaças continuaram. Exigiram ao seu pai que arranjasse forma de fazer desaparecer os documentos que comprovavam essa fraude, o que este recusou fazer. A situação arrastou-se até ao tribunal, que deu razão à empresa onde o pai de I1 trabalhava. O homem de negócios foi dado como culpado, mas morreu pouco tempo depois, de problemas cardíacos na sequência do processo de tribunal. Os seus filhos ameaçaram o pai de I1, querendo vingar-se deste e da sua família. Num sábado, à noite, já estavam a preparar-se para dormir, quando toda a sua casa foi destruída com tiros de metralhadoras. I1 relembra a chorar os minutos dos disparos, em que a família teve de manter-se escondida dentro de casa, o seu pai dava-lhes instruções para se protegerem e o irmão mais novo, na altura com apenas dois anos, começou a chorar: *“O meu irmão tem tido uma infância difícil por causa disso, ele nunca vai conseguir esquecer-se daquilo. Ele fala disso, até hoje, à minha mãe.”* Foi nessa noite que a família e I1 tiveram de fugir. A jovem afirma a chorar: *“Desde esse dia que nunca mais voltei a ver a minha casa, nunca mais, nunca mais.”*

I1 conta que tinham familiares do pai na cidade que os ajudaram, mas que foi *“muito perigoso”* para esses familiares devido à presença do IS na cidade e região e também porque aquelas pessoas que ameaçaram o seu pai andavam à procura da família. I1 explica-nos recordando: *“Eles queriam-nos matar!”*

Ao fim de um mês já não tinham dinheiro e o pai decidiu ir levantar dinheiro. I1 conta-nos o que aconteceu depois: *“Desde esse dia que nunca mais voltei a ver o meu pai, ele não voltou.”* O pai desapareceu nesse dia de 2014. I1 confessa-nos no momento da entrevista: *“Estou a ouvir a sua voz neste preciso momento”*. Logo depois diz-nos que dá *“graças a Deus”* por o seu pai não ter morrido. Não sabe ao certo, mas afirma que o pai foi raptado e feito refém.

A partir de fevereiro de 2015, depois do desaparecimento do pai, ficou sozinha com a mãe e os irmãos. Foi ao telefone, através de um tio da mãe (irmão do avô materno de I1) que vive no Irão, que mãe e filha organizaram a fuga para a Alemanha. O tio enviou-lhes dinheiro e disse à mãe de I1 que na Europa estavam a receber muitos refugiados e que deviam fugir para a Europa. *“Nós as duas sabíamos que tínhamos de fugir senão eles matavam-nos”*. O tio enviou uma pessoa para lhes entregar dinheiro e lhes arranjar um carro para poderem fugir para a Turquia.

Da Turquia, apanharam um barco para a Grécia. A travessia de barco demorou uma hora e meia. Da Grécia seguiram para a Bulgária, onde apanharam um comboio *“cheio de*

gente”. I1 explica-nos que não tinham, inicialmente, planeado fugir para a Alemanha, só sabiam que queriam vir para a Europa, porque sabiam que na Europa podiam pedir proteção internacional.

Chegou à Áustria no dia 10 de setembro de 2015. Neste país, a polícia encaminhou-os para um comboio com destino à Alemanha. A mãe de I1 ligou a uma irmã que tinha na Alemanha, perto de Hanôver, depois a tia de I1 comunicou com a polícia, pois nenhuma delas falava Alemão.

Como a família teve de fugir, de um momento para o outro, não fala do que sentiu, embora tenha narrado esta parte da sua história sempre a chorar. Conta depois que não se despediu de ninguém, que *“tinha de dizer que sim”*, que tinha de fazer o que os pais queriam. Acrescenta: *“A minha família era tudo para mim, tudo, tudo. O meu pai era tudo para mim, era um exemplo a seguir. Eu gosto muito do meu pai, ele fez tudo por nós. Nós tínhamos de fugir.”* Fala depois do seu irmão mais novo, recordando que este dormia sempre ao lado dela, no Iraque, mais tarde, na Alemanha, e que agora já não dorme a seu lado. Explica-nos: *“Eu já não posso vê-lo., ele já não está aqui.”*

I1 conta que, quando fugiu com os pais e irmãos, ao fim de um mês já não tinham *“dinheiro, nem comida, nada”*. *“O meu irmão era pequeno, precisava de comida, mas nós não tínhamos nada, não tínhamos roupa, nada.”* O pai foi levantar dinheiro e não chegou a regressar. I1 não voltou a vê-lo desde esse dia.

A viagem foi organizada por ela e a mãe com a ajuda de um tio avô que vivia no Irão. Como era a mais velha e a mãe tinha ficado sozinha encarregada dos cinco filhos, diz que sentiu uma responsabilidade de se *“tornar adulta”*, *“de cuidar dos irmãos”*, sobretudo do mais novo: *“O meu irmão mais pequeno é como se fosse meu filho. Eu só me preocupava com ele.”*

I1 teve muito medo, diz que a situação na Turquia *“foi horrível, foi muito má”*. Havia muita gente, muitas pessoas do Afeganistão e da Síria. Fala dos momentos antes de embarcar e recorda: *“Só via água, roupas e coisas no chão.”* Explica-nos depois que teve de deitar fora todos os seus pertences (malas, sacos, comida, tudo o que tinham consigo) pois não deixavam que levassem nada no barco. Viu baterem em pessoas que não faziam o que a polícia queria. *“Só via roupa, crianças a chorar, pessoas idosas, doentes, com deficiências que esperavam e choravam. Uma criana morreu.”*

“Nunca me vou conseguir esquecer da situação no barco, nunca, nunca mais.”

A travessia de barco demorou uma hora e meia. I1 relembra que ia abraçada à mãe, que esta não conseguia falar: *“Não sei o que se passou com a minha mãe, ela não falava.”* Depois descreve o estado do irmão mais novo: *“O meu irmão estava completamente ausente, tinha*

fechado os olhos, eu pensei que ele tinha morrido e a minha mãe também achou o mesmo.” A situação de apatia do filho levou a mãe de I1 a chorar muito durante toda a travessia de barco. Conta que o irmão voltou a reagir já em terra, na Grécia, quando pessoas lhes deram água e alguma fruta, mas que chorava muito de olhos fechados, com medo das pessoas. *“O meu irmãozinho viu baterem em pessoas, nós tínhamos todos medo.”*

Depois, na Bulgária, recorda-se de *“um comboio completamente imundo e cheio de gente, muita gente.”*

Primeiro diz que não houve momentos positivos durante a fuga. Quando lhe explicamos o que queremos tentar averiguar, responde que sim, que na Grécia muitas pessoas os ajudaram e acrescenta: *“Onde quer que estivéssemos, assim que as pessoas viam o meu irmão A., davam-nos sempre coisas, comida, porque ele era muito pequeno e muito giro.”* Refere depois que o seu irmão mais novo atualmente já tem quase cinco anos. Recorda-se também de uma situação, numa rua, em que uma farmacêutica grega lhes deu mantas e roupas porque as roupas de I1 e da família estavam todas molhadas e a pele ardia por causa do sal, pois o barco onde viajaram tinha sido destruído assim que se aproximaram da costa.

Não costuma pensar nessas situações. Pensa muito nos pais e nos irmãos, sobretudo no irmão mais novo.

Chegou à Alemanha no dia 14 de setembro de 2015. *“Era sábado e a minha tia foi-nos buscar à estação e levou-nos para a sua casa.”* Depois foram para Braunschweig, outra cidade da Baixa-Saxónia, tratar da documentação, ficando alojados numa espécie de tenda. I1 recorda: *“Estava frio e chovia, não havia casas de banho, estava tudo imundo, e havia muitos rapazes africanos que incomodavam as raparigas.”* A mãe de I1 ligou à irmã a pedir ajuda, *“pois a situação era insuportável.”*

Ficaram cerca de mês e meio em casa da tia, depois das férias de outono, em outubro, receberam um apartamento perto de Hanôver, onde a tia também vivia, devido ao estado de saúde da mãe de I1 e ao facto de serem uma família numerosa, com cinco filhos. A casa não era grande, mas I1 salienta: *“Foi muito melhor do que ter de ficar num alojamento.”* Viveu nesse apartamento até dia 1 de abril de 2016, altura em que a mãe de I1 decidiu regressar para o Iraque, onde o marido continuava escondido, estando gravemente doente.

Depois da partida da mãe e três irmãos, viveu quarenta dias em casa da tia, mas descreve a relação com a tia como sendo problemática.

Pediu para ir viver para uma instituição de menores. Como estava muito perto de cumprir os dezoito anos, no final de maio, a probabilidade de ter de se mudar para um alojamento para adultos era grande. Conta que teve sorte, que na instituição lhe disseram mais

tarde que tinha sido a primeira jovem a ter conseguido entrar pouco antes de fazer dezoito anos.

A mãe de I1 ficou doente na Alemanha, I1 não sabe dizer exatamente o que tinha, refere apenas que vomitava muito.

I1 tem problemas dentários porque não costumava fazer controlos e tratamentos no país de origem. Explica que isso se deve à falta de um sistema de saúde no Iraque: *“Os meus pais tinham de pagar tudo e tratar os dentes ficava muito, muito caro.”* Refere que na Alemanha tem acesso ao sistema de saúde e pode ir ao dentista quando precisa.

No início da nossa conversa, tinha referido que fala dos seus problemas com uma psicoterapeuta, o que indica que I1 está em psicoterapia.

Relembra que entrou no projeto *SPRINT* de uma escola de Hanôver em janeiro de 2016. Atualmente, está na segunda fase do projeto, *SPRINT-Dual*, em que tem de fazer um estágio de três dias por semana, durante seis meses. I1 está a fazer estágio numa clínica dentária.

Explica que inicialmente, quando se inscreveu na escola, não conhecia o sistema de ensino alemão e pensava que depois de aprender o Alemão iria estudar até ao 12.º ano para depois entrar na universidade, à semelhança do sistema do seu país. Só mais tarde, durante o projeto, entendeu que existia a possibilidade de fazer formação profissional. Avalia o sistema da seguinte forma: *“Eu acho ótimo existir a possibilidade de fazer formação profissional”*.

Foram as professoras e uma funcionária da secretaria da escola que lhe foram explicando o sistema de ensino e as distintas oportunidades de fazer formação. Queixa-se da complexidade e exigência do sistema: *“Aqui podes andar na escola até aos trinta anos para fazer depois o Abitur no meu país não é assim.”* Recorda a rir: *“A professora [refere-se a mim] dizia-me sempre que eu tinha de dar tempo ao tempo e que eu tinha de ter muita paciência porque o caminho para entrar na universidade é longo, mas não queria perder tempo, queria ir para a universidade.”* Acrescenta que no início, queria passar rapidamente para uma *“turma normal”* do liceu da mesma escola, para acabar o ensino secundário, mas que depois pensou melhor porque notava que tinha ainda muitas dificuldades em falar o Alemão.

Confessa que não gostava de ter aulas de desporto nem na cozinha da escola porque para ela era *“perda de tempo”*.

A mãe decidiu regressar ao Iraque assim que teve notícias do marido e queria inicialmente levar todos os filhos consigo. (Não refere como tudo decorreu, como conseguiu ficar na Alemanha nem da despedida da mãe e irmãos.)

Fala sobretudo da pressão familiar: *“Eles andam sempre atrás de ti, a controlarem o que fazes, para não te esqueceres da tua cultura, da tua religião”*. Explica que o próprio irmão mais

novo, que ficou com ela na Alemanha e vive com ela nessa instituição de menores, a pressiona quando I1 corta o cabelo mais curto. Ele goza-a e diz-lhe coisas como: *“Tu és um rapaz ou quê? A I1 tornou-se alemã, faz o que os alemães fazem!”*. I1 tenta não discutir com o irmão, *“porque não serve de nada”*, segue-se pela sua cabeça e faz o que considera ser melhor para si.

Uma das dificuldades para I1 é defender os seus interesses e ao mesmo tempo manter contacto com a família que vive na Alemanha (irmão, tia), porque tem interesses, vontades e necessidades próprias, mas na sua cultura *“a família está sempre em primeiro lugar”*. Explica-nos que não tem sempre tempo, tem de trabalhar, precisa de tempo para si, que não pode estar sempre a ajudar a família. Precisa de tempo para aprender a língua, explicando-nos: *“Os próximos cinco anos vão ser decisivos para mim, eu quero aproveitar este tempo enquanto for jovem. Eu tenho de estudar muito, de aprender muito.”*

I1 quer *“integrar-se”*, não se sentir estranha na Alemanha, quer pertencer ao país onde agora vive. Diz-nos que não quer perder todas as raízes e hábitos, que há coisas que fazem parte dela, da sua cultura, mas que de algumas coisas vai ter de abdicar para conseguir viver e integrar-se na Alemanha. *“Há coisas que são importantes para mim, outras não são tão importantes.”*

Refere de forma muito breve ter problemas com a tia e pede-me para não fazer referências concretas (nome, etc.). Depois conta que costumava ir ter com a tia todos os dias, depois percebeu que isso *“tinha vantagens e desvantagens”*.

I1 refere que no Iraque não achava difícil cumprir o jejum do Ramadão porque ficava em casa e porque os dias não eram tão longos. Na Alemanha considera que é muito difícil passar vinte horas sem comer e beber. *“São mais quatro horas sem comer e beber do que no Iraque e a trabalhar é muito difícil.* Esta diferença impede-a de cumprir esta tradição muçulmana: *“Eu não consigo cumprir o jejum aqui na Alemanha e sinto-me muito mal por isso. Eu gostava, mas não consigo, tenho estágio e tenho escola”*.

Por outro lado, recorda a regra de que quem tem problemas de saúde ou está doente não precisa de jejuar. Explica-nos que tem alguns problemas de saúde (falta de vitamina D) e que o médico lhe disse que não deveria fazer jejum, pois poderia ser muito nocivo para a sua saúde passar muitas horas sem beber líquidos.

Outra preocupação prende-se com a sua situação legal: *“Ainda não sei se vou poder ficar na Alemanha, se me vão conceder asilo”*. Explica-nos, que se fizer em formação profissional, tem a garantia de que pode ficar três anos na Alemanha. Refere que é difícil viver nesta situação de incerteza e, eventualmente, sem perspetivas: *“Uma pessoa vive e trabalha aqui e depois, de um dia para o outro, sem contarmos com isso, vêm-nos buscar e temos de nos ir*

embora”.

A audiência da *BAMF* preocupa-a. Por outro lado, acrescenta: *“Vai ser difícil ir à entrevista, mas eu quero ficar aqui. Há vantagens e desvantagens em viver aqui, mas viver no Iraque só tem desvantagens – obrigar-me-iam a casar, nunca poderei realizar o meu grande sonho de estudar Medicina.”*

No início, quando chegou à Alemanha, I1 usava lenço islâmico, como no seu país, porque *“era normal e até perigoso”* não o usar. Depois acrescenta: *“Na Alemanha, toda a gente olhava para mim, aqui usar o lenço não é normal”*. Deixou de usar o lenço no início de 2016 para não perder certas oportunidades que acha que não teria se continuasse a usá-lo e também para arranjar amigos. Explica-nos: *“Eu quero aqui ficar, quero seguir com a minha vida, tem de ser sem lenço.”* Conta que muitos colegas rapazes muçulmanos, na escola, lhe perguntaram desiludidos porque deixou de usar o lenço, mas que a mãe respeitou a sua decisão. Recorda que nas aulas de Matemática de uma turma do liceu, que frequentava uma vez por semana, os estudantes não a trataram bem, olhavam para ela, atiraram coisas para o chão quando a viam entrar. Acredita que o lenço na Alemanha a poderia impedir de conseguir atingir os seus objetivos: estudar e ser médica.

Outra preocupação de I1 prende-se com a aprendizagem da língua alemã e com a formação profissional. Como teve oportunidade de assistir às aulas de uma turma de formação profissional de assistente médica de Medicina dentária, apercebeu-se que os outros alunos ou são alemães ou estrangeiros que nasceram na Alemanha. Questiona-se: *“Como irei conseguir?”*

Se sair em dezembro de 2017 da instituição onde vive atualmente, acha que não vai conseguir resolver tudo sozinha: *“Ainda não consigo resolver coisas burocráticas sozinha e tenho medo de ter de ir ao médico sozinha.”*

Gostava de poder ficar mais tempo a viver nesta instituição para menores, que lhe dessem mais tempo para se ir adaptando à vida na Alemanha.

Tem contacto com rapazes e raparigas alemãs, sobretudo dentro da instituição onde vive. No estágio, tem contacto com colegas e com clientes alemães, no trabalho. Vai jantar fora de vez em quando com uma amiga alemã. Comenta que não tem interesse em ter muito contacto com os colegas fora do trabalho, quer conhecer melhor as pessoas, prefere separar as coisas.

Acha que tem pouco contacto com outros refugiados porque não tem interesse em ter muito contacto. Refere depois que tem contacto com alguns rapazes do Iraque que já deixaram a escola de I1 porque se entende melhor com estes do que com outros. *“São rapazes, mas como são do Iraque é mais fácil.”* Explica que há refugiados (por exemplo, um jovem do

Afeganistão) no projeto de integração que a incomodam e irritam. Em relação às raparigas, pensa que há muitas raparigas que têm muito contacto com rapazes, que vão para a discoteca, que fumam e que ela não tem interesse em fazer isso.

Gostava de poder ficar mais tempo na instituição e tem esperança de poder ficar mais tempo, embora saiba que a sua estadia já foi prolongada uma vez. Explica-nos: *“Vivi quase dezoito anos com a minha família, agora querem que passe a viver sozinha, num apartamento só para mim.”*

A aprendizagem da língua alemã e o complexo sistema de ensino alemão são referidos como *“difíceis de entender e dominar.”*

Depois de a mãe regressar com os três irmãos ao Iraque, I1 e o irmão ficaram a viver com a tia. A situação em casa da tia não era fácil devido à profissão da tia, que trabalhava muito e tinha dois filhos pequenos. A relação entre os três foi-se agravando, o que levou I1, com a ajuda de uma funcionária da escola, a pedir para entrar numa instituição de menores para evitar ter de ir viver para um alojamento para refugiados maiores de idade, pois I1 estava prestes a fazer dezoito anos. Não sabe explicar como nem porquê, recordando que teve *“muita sorte”*, pois embora fosse pouco provável que aceitassem o pedido de proteção tão pouco tempo antes de atingir a idade adulta, I1 foi aceite com o irmão nesta instituição, onde pode ficar a viver dois anos. *“Os educadores e a minha assistente social dizem que fui a primeira, que não sabem como consegui entrar tão tarde.”* I1 entrou em Maio de 2016 e comenta que inicialmente deveria ficar só um ano, mas que entretanto já lhe garantiram que poderá ficar até novembro de 2017. Depois disso, terá de procurar casa para viver sozinha. Sobre a sua nova vida na Alemanha e a experiência de viver numa instituição afirma: *“Tenho feito muitas conquistas desde que estou nesta instituição. O mais tardar, no final do ano, vou ter de sair e fazer tudo sozinha”*.

Fala da sua facilidade em aprender alemão. Diz que nunca pensou que conseguisse, afirmando: *“Falar alemão já vem de dentro, foi uma coisa que afinal funcionou muito melhor do que eu pensava”*.

A forma como a sociedade alemã se organiza para apoiar os refugiados agrada a I1: *“Estou satisfeita como as coisas aqui funcionam”*. Explica que o sistema de ensino alemão é complexo, que é tudo *“muito cansativo”*, cheio de regras e exigências, mas que *“tem de ser assim”* para que as pessoas como ela se possam integrar realmente. Afirma: *“Neste país querem que nos tornemos fortes sozinhos, no meu país só precisas ter dinheiro e pagar, aqui não é com dinheiro, é com esforço, é a trabalhar que conseguimos atingir os nossos objetivos.”*

Não refere experiências ou acontecimentos negativos concretos, embora refira que, nos

primeiros tempos, se sentia mal por usar lenço porque as pessoas olhavam muito para ela.

Refere ter recebido o apoio dos serviços sociais alemães e da instituição de menores assim como dos educadores da *Fundação Pestalozzi*, onde vive atualmente.

Fala do apoio da diretora de turma na escola onde está a frequentar um projeto de integração e onde poderá fazer formação profissional partir de agosto [de 2017], pois já tem uma vaga assegurada na mesma escola profissional e uma vaga na clínica dentária onde está atualmente em estágio para entrar em formação dual.

A primeira coisa que responde: *“Daqui a cinco anos tenho o Abitur.”* I1 quer fazer formação profissional de três anos como forma de aprender mais alemão, depois quer concluir o liceu (12.º e 13.º ano) para poder entrar na universidade. Comenta: *“Tenho de ter boas notas para poder estudar Medicina ou Medicina dentária.”*

Gostaria de viver com a sua família (pais e irmãos) na Alemanha.

Fazer formação profissional é a sua “estratégia” para atingir o seu objetivo: quer aproveitar o contacto com colegas no trabalho, com pacientes, professores para aprender mais. I1 acredita que vai conseguir e explica: *“Quando uma pessoa tem o desejo dentro de si, uma esperança muito forte, não há nada que não se consiga alcançar.”* Quer aproveitar todas as oportunidades que lhe surgirem.

Acha que *“vai ser difícil”*: aprender a língua, estudar e trabalhar, ter de fazer a escola, à noite. Pensa também no irmão de quem tem de cuidar, pois *“tem de fazer tudo sozinha”*.

“O apoio na escola é uma grande ajuda”: As professoras na escola, uma funcionária da secretaria *“estão sempre disponíveis”* para a ajudar, para encontrarem soluções para os problemas de I1.

A sua educadora da fundação *Pestalozzi*, de quem I1 gosta muito, é um grande apoio, pois com ela pode partilhar os problemas e preocupações: *“Eu adoro-a! Ela está sempre disponível para me ajudar e me ouvir.”*

Em formação profissional, não sabe quem a vai poder ajudar. Refere apenas instituições como o *Jobcenter* (Instituto de Emprego).

Por último, refere o nome da sua psicoterapeuta.

“O Estado alemão já faz muito por mim.” Refere o apoio da escola, o acesso ao serviço de saúde, apoio do Instituto de emprego para se candidatar ao estágio e à formação profissional, o apoio da Instituição de apoio a menores. No final, ocorre-lhe ainda: *“Gostava que o Estado alemão permitisse que a minha família viesse, para que eles pudessem viver aqui comigo”*.

Resumo e análise do caso I1

O dia a dia de I1, antes de fugir do Iraque, era passado em família, marcado pelo ritmo escolar, mas também pela insegurança, no espaço público. A situação de vida mudou repentinamente para I1 e para a sua família quando destruíram a sua casa com tiros de metralhadora, o que deverá ter sido uma primeira experiência traumática.

A família fugiu, mas permaneceu escondida em Bagdade até ao dia em que o pai desapareceu. Desde esse dia que I1 não voltou a ver o pai, o que deve ter representado uma perda muito violenta para esta jovem e a sua família e provocado medo intenso, insegurança e ansiedade. O facto de ter chorado durante toda a parte da sua história que a obrigou a fugir leva-nos a questionar se existirá uma perturbação de ansiedade ou do humor nesta rapariga ou existe sim um longo luto por elaborar devido a todo o sofrimento vivido?

Em setembro de 2015, I1 fugiu com a mãe e irmãos do Iraque para a Turquia com a ajuda (um carro e dinheiro) de um tio avô que vivia no Irão. É algures num porto da Turquia que se situam algumas das suas recordações mais difíceis e confusas da fuga. A travessia num barco clandestino sobrelotado, com destino à Grécia, é recordada como uma situação traumática, que a própria não acredita “*esquecer nunca*”, na qual dominaram os sentimentos de medo intenso, de grande preocupação pelo estado apático do irmão mais novo (possível estado de choque ou fraqueza física extrema?), de insegurança e grande incerteza.

Na Grécia, passou por algumas experiências de privação (cansaço, frio, fome, sede) e por outras de grande solidariedade, tanto por parte da população grega, como por parte de outros migrantes ou refugiados.

Não ficamos a saber exatamente por onde viajou depois de deixar este país nem quando tempo ficou noutros países, apenas que viajou „*num comboio imundo*“, o que se pode ficar a dever às diversas experiências traumáticas vividas, à angústia sentida e ao estado de exaustão em que se devia encontrar. Recorda apenas a chegada à Áustria, onde a polícia encaminhou a família para a Alemanha.

Tem sobretudo muitas saudades da forma como a família e a comunidade celebravam as quatro semanas de Ramadão, pois, de resto, para ela “*viver no Iraque só tem desvantagens*”.

Costuma pensar sobretudo nos seus pais e irmãos, sobretudo no irmão mais novo, que não vê há mais de um ano e de quem tem muitas saudades. Vai mantendo contacto regular por telefone/internet (*WhatsApp*).

Chegou à Alemanha em setembro de 2015, viveu alguns dias num alojamento para refugiados improvisado, depois várias semanas com a família em casa da tia até lhes

atribuírem um apartamento perto da casa da tia, devido aos problemas de saúde da mãe e ao facto de serem uma família numerosa.

Em janeiro de 2016 começou a aprender alemão assim que entrou no projeto de integração *SPRINT*, numa escola profissional em Hanôver. Atualmente, está na segunda fase do projeto, na qual faz um estágio numa clínica dentária, onde quer fazer mais tarde formação profissional.

A escola é referida como um lugar importante, onde aprende o Alemão, onde recebe esclarecimentos sobre o sistema de ensino alemão e onde encontra professoras disponíveis para a ajudarem sempre que tem perguntas ou precisa de ajuda. Outro espaço de grande importância, onde é apoiada e acolhida e lhe permite ter contacto com outros jovens alemães, é a instituição para menores de idade onde vive atualmente com o seu irmão. Atendendo ao facto de a mãe ter regressado ao Iraque, aspeto de que não fala abertamente na entrevista, a boa relação que tem com a educadora encarregada de I1 na instituição deverá ser muito reparadora e ajudar esta jovem a estruturar-se e orientar-se na sociedade alemã. Neste contexto, esta jovem parece procurar figuras maternas (nas professoras, educadora, etc.) como forma de criar uma rede de apoio e amparo que a ajude nas suas dificuldades. A sua psicoterapeuta é também referida como alguém que a ajuda a refletir e a gerir os problemas, dificuldades e angústias sentidas, na sociedade de acolhimento.

I1 refere diversos problemas/dificuldades no país de acolhimento: a grande dificuldade de fazer o jejum do Ramadão e que se prende com o número de horas que não pode comer nem beber nada e com o facto de ter escola e estar em estágio; outra grande preocupação de I1 prende-se com a sua situação legal e com a audiência da BAMF a que terá que comparecer; uma dificuldade que é uma preocupação de I1 está relacionada com a aprendizagem da língua alemã e com a formação profissional; o facto de ter de sair da instituição onde vive atualmente no prazo de seis meses preocupa-a e mete-lhe medo, por não se sentir preparada para viver sozinha; a questão de usar o lenço foi referida como um problema que I1 “resolveu” rapidamente, pois acredita esta peça de roupa poderia representar um obstáculo para conseguir atingir os seus objetivos: estudar e ser médica. Assim, as situações traumáticas vividas por I1 ainda no país de origem (e o medo que lhe geraram) levam ao desejo e esforço de adaptação no novo país como forma de se manter afastada daquela realidade que tanto a fez/faz sofrer. Abdica do lenço, abdica do jejum porque sente que a prejudicam e quer começar uma vida nova.

I1 abdicou de alguns hábitos e tradições da sua cultura/religião para facilitar a sua integração na sociedade de acolhimento: não vai fazer o jejum; abdicou do lenço para não se

“prejudicar” e conseguir atingir com menos dificuldade os seus objetivos (estudar Medicina). Estas estratégias, apesar de entrarem em conflito com a sua cultura de origem, minoram eventualmente o stress de aculturação e evitam situações de conflito e discriminação, no dia a dia, na escola e no trabalho, embora a afastem do irmão e da tia, de quem não consegue ou não quer falar abertamente.

Como não tem garantias de receber um estatuto de proteção, fala da alternativa de fazer formação profissional, o que demonstra os seus recursos (a sua inteligência, habilidade para encontrar estratégias alternativas), o que certamente a ajuda a minorar a ansiedade e angústia sentidas e, ao mesmo tempo, é uma forma de ultrapassar este problema concreto.

Os seus planos futuros incluem fazer formação profissional na clínica dentária onde faz estágio atualmente para aprender alemão e poder depois concluir o liceu, fazer formação superior. Estes projetos (de emancipação) refletem a sua força de vontade e o seu otimismo em relação ao futuro, estando profundamente ancorados na sociedade de acolhimento. Esta rapariga é a única que não refere querer casar e constituir família – quer estudar e ser médica. Ciente das dificuldades, mas ambiciosa nas suas escolhas, esta jovem parece ser muito inteligente.

Ao mesmo tempo, o seu grande desejo de querer viver com a sua família que regressou para o Iraque poderá ser indicador de dificuldades e conflitos futuros, da dificuldade de se projectar vivendo sozinha ou dificuldade em projetar construir a sua própria família. A saudade e desejo de proximidade da família parece gerar um conflito interno – se por um lado os ama e os quer perto, a sua proximidade limita-a e pressiona para ser o que a cultura espera dela quando ela deseja ser muito mais do que isso – deseja estudar, trabalhar, cumprir o seu sonho que no Iraque nunca poderia cumprir. Esta jovem desafia os preconceitos de identidade género do seu país, não se conforma e luta pelo que quer, sabendo que isso gera rejeição.

4.1.6. Entrevista I2 (jovem iraquiano, 21 anos)

A entrevista a I2 foi realizada no dia 23.06.2017 e a conversa durou cerca de uma hora e meia. As respostas foram anotadas durante a entrevista e completadas logo depois do final da mesma.

Dados Sócio-demográficos de I2

Idade – 21 anos

Sexo – masculino

País de origem/nascimento – Norte do Iraque/ Sinjar

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha – desde 08.01.2016 (há ano e meio, à data da entrevista)

Veio sozinho ou com família – veio com dois irmãos (um rapaz mais velho e uma rapariga, mais nova)

Com quem vive a maior parte do seu tempo – Vive atualmente com a mãe, com dois irmãos e uma irmã, num apartamento, em Hanôver.

Tem irmãos – tem 10 irmãos (pai com duas mulheres), 7 meios-irmãos vivem no Iraque, 3 irmãos (filhos da mesma mãe) estão na Alemanha;

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio) – irmão do meio;

Profissão do pai – criador e comerciante de animais (ovelhas e cabras);

Escolaridade do pai – 5 ou 6 anos de escolaridade;

Profissão da mãe – doméstica, trabalhava na horta da família;

Escolaridade da mãe – frequentou um ou dois anos a escola, aprendeu em casa a ler e escrever

Em relação aos seus pais: viviam juntos, o pai tinha duas mulheres. O pai faleceu com 55 anos, em 2011, na sequência de problema cardíaco, enquanto dançava, durante a festa de casamento de uma prima;

Religião – Yazidi (comunidade étnico-religiosa curda);

Pratica a religião – Não fala de praticar, diz apenas que a religião faz parte da sua identidade; salienta que é curdo yazidi e não curdo muçulmano.

Perfil sumário de I2

I2 tem 21 anos, é solteiro, yazidi (comunidade étnico-religiosa curda), nasceu e cresceu no norte do Iraque, perto da cidade de Sinjar. Frequentou a escola até ao 10º ano. Chegou à Alemanha no dia 8 de janeiro de 2016, ou seja, no momento da entrevista, há ano e meio. Veio com dois irmãos (um rapaz mais velho e uma rapariga, mais nova). Pediu asilo e obteve no mesmo ano um estatuto de proteção com autorização de residência de três anos. Atualmente vive com a mãe, com dois irmãos e uma irmã, num apartamento, no centro da cidade de Hanôver. Frequentou, a partir de agosto do mesmo ano até junho de 2017, uma turma de língua e integração, *SPRINT*, numa escola profissional da mesma cidade.

Memórias, dificuldades de adaptação e projetos de vida de I2

I2 vivia com o pai, as “duas mães” e os irmãos numa aldeia perto de Sinjar. Ia para a escola a pé, andando cerca de um quilómetro, pois não havia transportes. Permanecia cerca de

três horas na escola, onde os rapazes e as raparigas tinham aulas na mesma sala, mas separados (meninas para um lado, meninos para o outro). Na sua escola de aldeia, só havia professores e estes que eram bastante severos e autoritários, não raramente batiam nos alunos que não faziam os trabalhos de casa ou não se portavam bem.

I2 não quer falar da época imediatamente antes de deixar o norte do Iraque, mas da sua infância, quando era muito mais novo, há cerca de 12 anos atrás, muito embora não saiba precisar o ano (2003?, 2004?, 2005?). Nessa altura, os Estados Unidos invadiram o Iraque e mataram Sadam Hussein. I2 conta que “antes disso, não havia violência, bombardeamentos nem feridos” e que com a invasão dos Estados Unidos “tudo mudou”. Em 2014, a situação política e de vida da população agravou-se muito, havendo muitos confrontos e violência nos quais perdeu muitos familiares. Nesse ano, o Estado Islâmico (IS) tinha invadido a sua região, raptado cerca de mil pessoas e ameaçado matar a população que não se convertesse ao Islão. O IS matou um irmão seu e, na sequência desse acontecimento, a sua família teve de se esconder durante uma semana inteira, receando que o IS regressasse.

Entre os hábitos e costumes que tinha, era normal a sua família comer no chão de uma grande travessa, colocada no centro. No verão, dormia num terraço devido ao calor insuportável (45 a 50 graus). Durante a época mais quente (de junho a outubro), não tinha escola.

Recusa-se a avaliar o que perdeu, salienta apenas que perderam tudo, que tinham de fugir. Contudo, não hesita em referir que sente falta dos amigos, dos seus familiares e meios-irmãos. Tem pouco contacto com todos eles, pois muitos deles vivem em regiões sem telefone ou com mau acesso à internet.

A família decidiu em conjunto que queria fugir, pois viram “coisas muito difíceis”. Separou-se de uma parte da família, uma vez que a mãe, juntamente com dois irmãos menores de idade, arranjou uma forma de conseguir entrar na Alemanha (vieram de avião), através de um irmão de I2. Partiu com o irmão mais velho e uma irmã mais nova rumo às montanhas, perto de Sinjar. Uma semana depois, seguiu para uma cidade do Curdistão, onde ficou duas semanas. Depois seguiu a pé com os dois irmãos para a Turquia, onde ficou cerca de um ano e três meses. Foram apanhando boleias pelo caminho, da direção da Bulgária, outras vezes seguiram a pé. Entrou na Hungria escondido, num camião de mercadorias sobrelotado, onde “estava muito calor”. O tio (irmão do pai) organizou e pagou (não sabe quanto ele teve de pagar) o transporte dos três sobrinhos, que permaneceram sempre juntos.

Ao abandonar a sua casa, despedir-se dos seus familiares e amigos, diz que ficou muito triste. Custou-lhe muito, explicando-o da seguinte forma: “Era a nossa terra, onde a minha

família vivia há mil anos”. Foi igualmente muito doloroso para I2 não saber se voltaria a ver os amigos e familiares. Havia ainda a grande incerteza de não saber se conseguiria fazer a viagem e chegar à Alemanha, país para onde a família planeava fugir, uma vez que tinham familiares (tios) na Alemanha. Antes de fugir, contactou por telefone familiares, que lhes explicaram “*algumas coisas*”, “*algumas regras*” a ter em atenção na vida na Alemanha.

A situação durante a viagem “*foi muito difícil*”. Às vezes não tinham nada para beber ou comer. Juntaram-se à família de um tio a meio do caminho, que também fugiu com a sua família, na qual se encontravam várias crianças pequenas.

Durante a fuga, num dos muitos percursos que fizeram a pé, ele era sempre o último do grupo, ou seja, o que caminhava sempre mais atrás. Numa noite, enquanto atravessavam uma zona com floresta, já estava escuro, tinham acabado de retomar a marcha depois de uma pausa de cerca de vinte minutos, quando I2 decidiu abrir os braços no escuro para se certificar que não deixava ninguém para trás. Nesta situação, e sem contar com isso, tocou na própria irmã, que por cansaço se tinha deitado e já dormia no chão. Repete três vezes a frase que disse à irmã: “*O que estás a fazer aqui? Porque não caminhas?*”. Depois dessa situação, tinha sempre a preocupação de ir atrás, pois o grupo era grande, tendo receio de “perder” alguém sem que se desse conta. Decidiu sozinho que seria ele o último sem que alguém lho tivesse pedido, pois havia cinco ou seis crianças no grupo, o irmão mais velho seguia à frente e ele sentia a responsabilidade de tomar conta das crianças. Outra memória que recorda foi uma situação, na fronteira entre a Turquia e a Bulgária, “*quando a polícia búlgara mandou o grupo inteiro para atrás, de regresso para a Turquia*” (Istambul).

Às vezes pensa nessas situações, mas evita pensar nelas “*para não ficar triste*”. Quando pensa nelas, tenta distrair-se, sai de casa, visita um amigo para evitar a tristeza. Também faz muito desporto, costuma correr à volta do lago Masch (zona de lazer no centro da cidade de Hanôver). No entanto, ultimamente já não corre tanto. Chegou a dar quatro voltas ao lago, ou seja, a correr mais de vinte quilómetros numa hora e quinze minutos. Agora já não tem tempo nem vontade. Às vezes corre a maratona ou vai correr em equipa, com os colegas do futebol.

Logo à chegada, na Alemanha, apanhou em Passau (cidade da Baviera) um comboio para Hanôver. Primeiro, viveu com o irmão mais velho e muitas outras pessoas que não conhecia, provenientes de outros países, cerca de quarenta dias, num alojamento para refugiados em Garbsen (cidade da Região metropolitana de Hanôver). Depois, transferiram-no para outro alojamento, em Hanôver. Há cerca de um ano, ou seja, cerca de seis meses depois da sua chegada, mudou-se com a sua família (mãe e irmãos) para um apartamento num bairro no centro da cidade de Hanôver, onde ainda vivem atualmente, todos juntos.

Relativamente aos problemas de saúde, afirma que “ninguém na família se sentia muito bem”. Explica que no seu grupo, a maioria das pessoas tinha saúde física, mas não tinham saúde psicológica. Fala concretamente apenas da situação de saúde da mãe, que tem diabetes, a tensão arterial muito alta e problemas de visão. No final da entrevista, I2 recorda-se ainda que na Alemanha teve problemas de pele da cara (acne?) e que só melhorou francamente depois de ir a uma consulta de dermatologia.

Foi um funcionário do alojamento onde vivia lhe deu o contacto da escola e lhe falou da possibilidade de aprender alemão, numa turma *SPRINT*. Começa por falar das primeiras semanas de aulas e os diferentes métodos de ensino e “estilos” das professoras. Apesar de eu não ter sido a sua única professora no início do ano letivo, Fares H. inicialmente só se recorda de mim. Gostou de todas as professoras, mas preferia as minhas aulas, pois acha que eu usava uma “*linguagem mais simples*”, que ele entendia melhor, e que eu não avançava demasiado depressa na matéria e ainda que “*tinha mais regras do que as outras professoras*”.

Planeia deixar esta escola, arranjar um trabalho e frequentar paralelamente um curso de integração de nível B1, numa escola de línguas. Explica que não concorda com a estrutura do projeto *SPRINT*, com a componente de ensino da língua alemã e a obrigatoriedade de fazer estágio de três dias por semana porque na sua opinião “*primeiro é preciso aprender bem a língua*”. Para I2, “*o projeto não é bom porque é igual para todos os jovens*”, independentemente das necessidades. Dá exemplos de colegas da turma com muitas dificuldades e com pouco contacto com alemães, que não conhecem “*as regras*”. Acha que na escola as regras deveriam ser mais exigentes e os professores deveriam separar os alunos em função das dificuldades e do comportamento. Recorda que pediu para mudar de professora porque esta “*só trabalhava com fotocópias*” e queria aprender mais. Critica ainda o tipo de prova de alemão que fez no final do ano letivo, que não considera ser fiável e sugere um tipo de prova bastante mais exigente.

Tem uma boa proposta de estágio para entrar na segunda fase do projeto de integração onde está inscrito, *SPRINT-Dual*, mas prefere não aceitar para poder aprender mais alemão e fazer formação profissional mais tarde, pois acha que ainda não aprendeu o suficiente.

Relativamente a problemas e dificuldades familiares, recorda os problemas de saúde da mãe, que inicialmente, nos primeiros três meses, não tinha acesso ao sistema de saúde e estava doente. Refere ainda as dificuldades em comunicar em Alemão, a falta de tradutores de Árabe ou Curdo para o ajudarem, em situações burocráticas. Contudo, não acha que haja falta de tradutores, mas diz que “*fazem muita falta a muita gente*”. Atualmente, acha que já não precisa de ajuda.

I2 tem muito contacto com alemães porque joga futebol duas vezes por semana e comunica com os jogadores por *WhatsApp*. Tem também muito contacto com outros jovens curdos que nasceram na Alemanha, pois joga ainda noutra equipa de futebol de jogadores curdos. Esclarece que embora sejam curdos, falam todos o Alemão uns com os outros. Sabe que, devido às regras dos campeonatos, não pode ficar a jogar nas duas equipas, mas diz que ainda não decidiu (porque lhe custa) em que equipa vai ficar a jogar definitivamente.

Tem também “*muito contacto com outros refugiados*”, na escola e fora da escola. Nos tempos livres, visita outros jovens refugiados.

Gostaria de um dia poder viver sozinho. Refere que “*não é nada fácil arranjar na cidade um apartamento para viver sozinho*” mas que “*tem de ser possível, um dia mais tarde*”.

Sem hesitar, refere que “*a dificuldade maior é prender a língua alemã*”. Em seguida fala das diferentes culturas e religiões, explica-nos que quando apanha o metro se apercebe que os alemães são diferentes dele, têm outros hábitos que ele quer aprender “*para ser igual*” e se comportar como eles.

No segundo alojamento onde viveu, em Hanôver, começou a receber visitas e apoio de um senhor alemão idoso que fazia trabalho de voluntariado nesse alojamento e de quem se tornou amigo. Na sua opinião, “*esse senhor é melhor do que pessoas que são pagas*” para o ajudar, referindo-se a assistente sociais, funcionários do alojamento, etc. Também ajuda este senhor quando este precisa.

Antes de receber proteção de três anos da Alemanha, diz ter tido “*muito medo*”. Explica que o receio devia-se ao facto de o jovem ter sido registado na Bulgária, onde deixou impressões digitais, e a Alemanha ter tido conhecimento deste registo e inicialmente querer “*devolvê-lo*” à Bulgária. Teve, por isso, “*muito medo da entrevista da BAMF*”.

Todos os meses recebe dinheiro do estado alemão. Aproveita a situação de entrevista para agradecer ao Estado alemão porque pode contar com esse dinheiro, que nunca receberia no seu país. Recorda também que no início de vida na Alemanha recebeu outros apoios – “*roupa e duas bicicletas*” (para ele e o seu irmão). Acrescenta que pode ir ao médico e que está a aprender Alemão numa escola.

Daqui a cinco anos, quer “*ser um bom polícia*”. Ainda não sabe onde e com quem gostaria de viver, mas por enquanto gostaria de continuar a viver em Hanôver, cidade de que gosta muito. Imagina-se a “*viver sozinho com uma namorada*” (do contexto, entende-se que quer viver sem o resto da família, mas com uma namorada).

Um dos seus objetivos é “*tirar a carta de condução e aprender alemão*”. Explica-nos que necessita de passar num curso de língua de nível B2 para poder entrar na academia de polícia.

Se não for possível, tem de fazer formação profissional noutra área.

Acha que *“vai ser muito difícil”* atingir os seus objetivos. Não tem garantias de que vai conseguir entrar em formação profissional na Academia da Polícia.

Pensa muito concretamente no seu objetivo de querer fazer formação profissional e diz que, infelizmente, não tem *“grandes ajudas”*, que lhe falta informação, que precisa *“de informação de outros polícias”*. Finaliza a entrevista afirmando que *“o estado alemão é que decide tudo”*, que gostava que o deixassem *“fazer formação profissional e tirar a carta de condução”*.

Análise do caso I2

A vida de I2 ficou marcada, desde a infância, por conflitos armados e, a partir da juventude, por perseguições étnicas e religiosas à sua comunidade. Essas experiências de guerra e de violência, nomeadamente, o morte brutal de um irmão pelo IS, indicam que este jovem e a sua família estiveram expostos, antes da fuga e do exílio, a grandes fontes de medo, stresse e ansiedade, o que os levou a quererem abandonar o Iraque, com o objetivo de procurarem asilo na Alemanha, país onde tinham redes familiares.

A despedida foi *„muito difícil“* para I2, recusando-se a falar do que mais sente falta ou perdeu. A perda brutal do seu irmão assassinado será certamente um luto que ainda estará a elaborar, combatendo os afectos depressivos com desporto ou tentando distrair-se para não ficar aprisionado na tristeza das recordações.

A experiência de fuga, cuja viagem deverá ter demorado mais de um ano (entre 2015 e janeiro de 2016), foi igualmente dominada por sentimentos como o medo, a incerteza e a insegurança. Embora I2 não estivesse sozinho, passou por numerosas situações difíceis, sobretudo situações de privação - sono, fome, sede, cansaço extremo. Simultaneamente, assumiu voluntariamente, durante os longos percursos feitos a pé, a responsabilidade de *„tomar conta“* de parte do grupo onde se inseria, mais concretamente das crianças, o que traduz uma maturidade precoce e nos indica igualmente que esteve constantemente exposto a um elevado nível de stresse.

Na Alemanha, país eleito pela família para o exílio – e apesar da preocupação pela saúde da mãe e das grandes dificuldades em comunicar, inicialmente, com a população alemã – a sua situação de vida foi melhorando gradualmente ao longo de 2016 e 2017, assim que se pôde reunir, ao fim de seis meses, à mãe e aos restantes irmãos, num apartamento no centro de Hanôver, que se inscreveu numa turma *SPRINT* para aprender Alemão, na mesma cidade, e que recebeu um estatuto de proteção de três anos.

As memórias do passado acompanham I2, sem todavia ser “perseguido” por estas. Quando pensa em questões dolorosas do passado e fica triste, sai de casa, procura amigos. Embora não o refira de forma consciente, o desporto (gosta de correr) parece ser outra “estratégia” para evitar estados depressivos e lidar com as adversidades e a sua nova situação de vida.

No dia a dia, I2 procura manter contacto com alemães e com estrangeiros, nomeadamente com “outros refugiados” (dentro e fora da escola) e com curdos nascidos na Alemanha. Ao mesmo tempo, e porque sente que os alemães são “diferentes” dele, deseja “ser igual” a estes. Essa vontade de fugir para se salvar, após a morte do irmão, estará na origem do seu grande desejo de se adaptar e de ser “como um alemão”, não tendo dificuldade em abdicar de rotinas da sua cultura de origem.

As críticas feitas aos problemas estruturais do projeto *SPRINT* refletem a sua inteligência, o seu alto grau de exigência e uma certa impaciência relativamente à aprendizagem da língua alemã, que I2 já vai dominando, mas que afirma ser a maior dificuldade que tem de momento. Diretamente relacionada com esta preocupação está o poder (ou não) entrar em formação profissional, na área escolhida. Ambas preocupações poderão ter sido “fomentadas” pelo próprio projeto de integração em que esteve inserido, pois a aprendizagem da língua alemã e a integração no mercado de trabalho através de formação profissional são precisamente os dois objetivos principais do projeto-piloto *SPRINT* e *SPRINT-Dual*.

Os seus planos futuros (“*ser um bom polícia*”, “*viver sozinho com uma namorada*”, “*tirar a carta de condução*”, “*aprender alemão*”) são projetos para uma vida inserida na sociedade de acolhimento e revelam a vontade de abdicar do conservadorismo do seu país de origem e adoptar os costumes mais europeus de viver em família. Este facto reflecte o seu grau avançado de adaptação ao novo país e o querer “*ser como os alemães*” indica eventualmente o desejo de se assimilar nesta sociedade. A sua escolha de profissão parece refletir a sua identificação com as figuras cuidadoras e protetoras (já na viagem, tomou conta do grupo durante a travessia da floresta).

4.2. Análise global

Neste capítulo apresentaremos a análise global dos seis estudos de caso que constituíram o cerne desta investigação. Para isso, apresentaremos primeiro um quadro geral com as características sociodemográficas dos seis casos, seguidamente apresentamos as seis

histórias de vida, tratadas em conjunto, servindo-nos dos quatro grandes tópicos das entrevistas – a vida antes do exílio, a experiência de fuga/exílio, dificuldades e problemas de adaptação e planos para o futuro, assim como das diversas subtemáticas. O objetivo é alcançarmos uma visão transversal das memórias, experiências, problemáticas, dificuldades, estratégias e trajetórias de integração e projetos de vida dos seis jovens requerentes de asilo.

4.2.1. Caracterização dos jovens

Os seis jovens tinham, à data das entrevistas, idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e um anos. Cinco dos seis jovens são muçulmanos, um jovem (o do Iraque) pertence à comunidade étnico-religiosa Yazidi.

Os seis participantes frequentaram a escola entre oito e doze anos, nos seus países de origem. Os jovens com mais escolaridade são a rapariga e o rapaz oriundos da Síria, que estavam prestes a finalizar o ensino secundário com o objetivo de fazerem formação superior.

A maioria dos jovens deveria ter um estatuto social relativamente elevado, nos países de origem, uma vez que tinham uma escolaridade elevada e provavelmente só poderá fugir quem tem maior poder económico para pagar a fuga.

Três dos seis jovens viviam na capital dos seus países (um rapaz em Damasco, um rapaz Cabul, uma rapariga em Bagdade), os outros três viviam em aldeias relativamente perto de grandes cidades (uma rapariga perto de Aleppo, uma rapariga perto de Herat, um rapaz perto de Shingar).

Todos os jovens viviam com as suas famílias antes de abandonarem os seus países de origem. Dois dos jovens rapazes (o do Afeganistão e o do Iraque) eram orfãos de pai, uma das jovens (do Iraque) perdeu o contacto com o pai de forma inesperada, durante a fuga da família.

Todos os jovens provinham de famílias com pelo menos quatro filhos, viviam ou tinham contacto muito regular com outros familiares (avós, tios, primos). Dos seis jovens, duas das raparigas (a do Afeganistão e a do Iraque) são as filhas mais velhas, os outros quatro jovens são filhos do meio.

Os jovens chegaram à Alemanha entre dezembro de 2013 e maio de 2016: a primeira a chegar foi a jovem da Síria; em 2015 chegaram o jovem da Síria e as jovens do Iraque e do Afeganistão; dois dos jovens (o do Iraque e o do Afeganistão) chegaram entre janeiro e maio de 2016.

Em todos os seis casos, a Alemanha tinha sido o país de acolhimento inicialmente

“desejado” por estes ou pelas suas famílias, antes de abandonarem os seus países de origem. Cinco dos seis jovens tinham familiares na Alemanha, ou seja, só o jovem da Síria não tinha quaisquer contactos neste país. Cinco dos seis jovens vieram acompanhados por mais do que um familiar direto, um rapaz (o jovem do Afeganistão) veio sozinho. Uma das raparigas veio acompanhada pela mãe e pelos irmãos mais novos.

Os jovens requereram asilo entre 2014 e 2016. Só três dos seis jovens (os dois jovens da Síria e o jovem do Iraque) tinham obtido, no momento da nossa entrevista, um estatuto de proteção com autorização de residência de três anos. Os outros três jovens (os do Afeganistão e a jovem do Iraque) aguardavam a primeira ou segunda audiência da BAMF devido ao facto de terem cumprido os dezoito anos há pouco tempo.

Os quatro dos jovens vivem com familiares diretos (mãe e/ ou irmãos), dois dos jovens (rapaz do Afeganistão e rapariga do Iraque) vivem sozinhos, sendo que a rapariga vive numa instituição de apoio a menores de idade desacompanhados. Três dos seis jovens vivem em apartamentos, no centro ou na periferia da cidade de Hanôver, um dos jovens vive num alojamento para refugiados, uma jovem vive com a família numa antiga cantina, uma jovem vive numa instituição para menores desacompanhados, numa aldeia da região metropolitana da cidade de Hanôver.

Os seis jovens começaram a frequentar o projeto de integração *SPRINT* entre janeiro e agosto de 2016: a jovem do Iraque entrou em janeiro, os outros cinco jovens, em agosto de 2016. Dos seis jovens, duas das raparigas (a jovem do Afeganistão e a do Iraque) já passaram à segunda fase deste projeto, *SPRINT-Dual*, estando a fazer um estágio profissional três dias por semana, durante seis meses, numa empresa de montagem de soalhos e numa clínica dentária, respetivamente.

4.2.2. Situação anterior ao exílio

Os seis jovens falam da sua vida no país de origem tendo por referências as suas famílias (mães, pais, irmãos, avós, tios) e a escola, mesmo no caso dos dois jovens (jovem do Iraque e a jovem do Afeganistão) que já não frequentavam a escola antes de abandonarem os seus países.

A vida, as rotinas e os hábitos no país de origem são recordados e descritos por quatro dos jovens (os três rapazes e a rapariga do Afeganistão) sem idealizações ou saudosismos. No caso das jovens da Síria e do Iraque, a perda de hábitos e ou tradições (celebração do Ramadão) é recordada, idealizada e descrita como uma perda dolorosa.

Em todos os seis casos verificámos que as rotinas diárias (ir à escola, comer em casa, ir à mesquita rezar) permitiam aos seis jovens lidar com o clima de alguma ou até mesmo de extrema insegurança descrito por todos os jovens.

4.2.2.1. Vida familiar

Todos os jovens entrevistados viviam com as suas famílias, nos países de origem. Três dos jovens viviam nas capitais (um rapaz em Damasco, um rapaz Cabul, uma rapariga em Bagdade), os outros três em aldeias relativamente perto de grandes cidades (uma rapariga perto de Aleppo, uma rapariga perto de Herat, um rapaz perto de Shingar).

As famílias dos jovens têm pelo menos quatro, a mais numerosa, onze filhos. Duas das três raparigas são as filhas mais velhas (as jovens do Afeganistão e a do Iraque), os outros quatro jovens são filhos do meio. Quatro dos seis jovens viviam com a mãe e o pai, dois dos três rapazes (o do Iraque e o do Afeganistão) já tinham ficado orfãos de pai quando abandonaram os seus países.

No caso da jovem da Síria e do jovem do Afeganistão, a partida de irmãos para a Europa, em 2012, na sequência do início de confrontos armados e de perseguições dos talibãs, respetivamente, representou um ponto de viragem para as suas famílias e que acabaria por levar estes dois jovens (a jovem da Síria, com a família, o jovem do Afeganistão, sozinho) a partirem também, mais tarde, rumo à Alemanha.

4.2.2.2. Ocupações e rotinas

Todos os jovens, independentemente de terem (ou não) frequentado a escola até ao momento em que abandonaram os seus países, referem a escola como parte integrante e importante das suas rotinas diárias. Cinco dos seis jovens tinham escola de sábado a quinta, a jovem do Iraque tinha escola de domingo a quinta. Os jovens permaneciam neste lugar entre três a cinco horas, diariamente. Cinco dos seis jovens (à exceção do jovem da Síria) andavam em escolas que separavam os rapazes das raparigas, por turmas ou dentro da sala de aula.

Depois de terminarem as aulas, cinco dos seis jovens regressavam logo a casa, onde almoçavam com a família. Só o jovem do Afeganistão almoçava na cafetaria da escola.

Depois do almoço, três dos jovens (as raparigas da Síria e do Iraque e o rapaz da Síria) faziam os trabalhos de casa. Outras atividades referidas pelos jovens são: ir para o terraço das suas casas no verão (a jovem da Síria e o jovem do Iraque); passeios em família, às quintas, a um parque municipal (a jovem da Síria); jogar à bola praticamente todos os dias ou ia nadar para as piscinas municipais (o jovem da Síria); fazer as limpezas, cozinhar e ajudar a tratar dos

animais (as jovens do Afeganistão e do Iraque); idas à mesquita, à sexta (jovem do Afeganistão).

Todos os jovens perderam alguns dos seus hábitos/tradições, sobretudo quando estes estavam relacionados com a vida em família ou ancorados na vida em comunidade: a jovem da Síria e a jovem do Iraque referem, saudosas, a celebração do Ramadão e da Festa do Açúcar; o jovem do Iraque fala do hábito de comer com a sua família de uma única e grande travessa, sentado no chão; a jovem do Afeganistão salienta as festividades e uso de roupas afegãs; o jovem do Afeganistão já praticamente não vai à mesquita rezar, às sextas; o jovem da Síria não reconhece as suas mudanças de hábitos.

Apesar das mudanças de hábitos, sentem sobretudo falta dos familiares (mãe, pais, irmãos, avós, tios, amigos). Nem todos conseguem manter contacto com estas pessoas regularmente. O meio de comunicação mais referido é o telefone/ telemóvel, sendo que três dos jovens (as jovens do Iraque e Afeganistão, o jovem do Iraque) referem fazer chamadas via internet através da aplicação *WhatsApp*.

Só três dos jovens (os dois jovens da Síria e o jovem do Iraque) falam realmente da situação de despedida, que descrevem como tendo sido um momento “*muito difícil*”. Os dois jovens do Afeganistão não falam sobre a despedida, sobre o que sentiram nem mostram emoções durante a narrativa.

A jovem do Iraque não pôde de facto despedir-se, pois o atentado de que a família foi vítima obrigou-a a fugir de forma abrupta e inesperada. O facto de ter contado as partes mais dolorosas sua história, sempre a chorar, revela-nos um longo luto por fazer.

Em todos os casos, a despedida deverá ter sido um momento muito doloroso e traumático, que correspondeu ao “ponto de viragem”, a separação entre a vida que tinham antes e a vida que se deixou de ter depois, sendo que a grande incerteza deverá ter representado uma grande fonte de angústia e ansiedade.

4.2.2.3. Dificuldades no país de origem

A vida de cinco dos seis jovens (os jovens da Síria, o jovem do Afeganistão e os jovens do Iraque) ficou marcada, de alguma forma, pelos conflitos armados ou pelo terrorismo, nos seus países: a jovem da Síria refere os controlos do IS e das tropas do presidente Bashar al-Assad, afirmando que a guerra pôs toda a família doente; o jovem da Síria salienta sobretudo a situação generalizada de insegurança no seu país; o jovem do Afeganistão fala das ameaças e perseguições dos talibãs à família e ainda a falta segurança, dinheiro, comida; o jovem do Iraque refere os conflitos armados, as perseguições e mortes por parte do IS à sua

comunidade; a jovem do Iraque refere o clima de insegurança e o perigo (sobretudo para as meninas) de andar na rua, em Bagdade. A jovem do Afeganistão fala da grande pressão familiar e da comunidade para abandonar a escola e casar cedo. No caso da jovem iraquiana, muito embora tenha crescido em situação de guerra, são sobretudo os problemas familiares relacionados com o emprego do pai que tornaram a situação da família insustentável.

As dificuldades referidas pelos seis jovens, nos seus países de origem, revelam que todos estiveram expostos, desde tenra idade, em maior ou menor grau, a fontes de violência, stresse e ansiedade, o que pode indicar traumatismos mais ou menos profundos e duradouros (físicos e psicológicos) em todos eles. A morte (do irmão, da avó) e desaparecimento (do irmão, do pai) de pessoas importantes para estes jovens indicam perdas e lutos por fazer. O facto de serem oriundos de países em guerra ou em conflito, pode justificar todos eles descreverem situações traumáticas.

4.2.2.4. Plano de fuga/ exílio

A maioria dos jovens ou das suas famílias não tinha propriamente um plano para executar a fuga, ou seja, as viagens foram sendo planeadas à medida que iam decorrendo, em função das facilidades ou dificuldades encontradas, de impedimentos, de dúvidas, etc..

O jovem da Síria não planeou a fuga com antecedência, mas a forma estruturada como conta que decorreu a viagem indica que a rota foi pensada, pois necessitou apenas de um mês para chegar com os seus irmãos à Alemanha. O jovem do Afeganistão precisou de mais de quinze meses, tendo vivido mais de um ano na Turquia, para juntar dinheiro e poder seguir viagem. No caso do jovem do Iraque, deve ter havido alguma preparação, pois tinha familiares na Alemanha que deu conselhos à família, no entanto não chegámos a perceber quando tempo esteve realmente em viagem, tendo feito diversas tentativas para sair da Turquia. A jovem do Iraque foi organizando a fuga com a mãe, mas com a grande ajuda de um tio que vivia no Irão. Só no caso da jovem Síria, cujo irmão já vivia na Alemanha e se encarregou de tratar das formalidades, a viagem foi organizada através do Líbano, onde a família requereu asilo numa em instalações das Nações Unidas e pôde, mais tarde, levantar as passagens de avião para a Alemanha.

Os planos de fuga/ exílio indicam-nos que cinco dos seis jovens organizaram a viagem de forma clandestina, correndo enormes riscos e passando por diversas situações traumáticas, de perigo e de privação que os devem ter marcado profundamente.

4.2.3. Situação durante a fuga

Cinco dos seis jovens vieram acompanhados por mais do que um familiar direto, sendo que dois dos rapazes vieram acompanhados apenas por irmãos, um dos rapazes (o jovem do Afeganistão) veio sozinho e uma das raparigas veio acompanhada pela mãe e pelos irmãos mais novos.

Os jovens descreveram a viagem/ a fuga como “*difícil*”, “*muito má*”, “*muito difícil*” ou afirmaram que “*foi muito perigoso*”. Dois dos jovens (a rapariga síria e o rapaz afegão) temeram sair dos seus países de origem devido à presença de organizações islâmicas radicais (IS e talibãs), quatro jovens (os três rapazes e a rapariga do Afeganistão) tiveram medo, em diversas situações, de forças policiais ou militares dos países que atravessaram, a jovem do Iraque teve muito medo durante a travessia clandestina de barco para a Grécia.

Com exceção às jovens da Síria e do Iraque, os outros jovens tiveram de fazer, em diversas situações, longos percursos a pé para atravessarem montanhas, florestas ou chegarem à cidade mais próxima, por vezes temendo forças policiais ou militares. Nesses momentos, os jovens passaram por diversas situações de privação (fome, sede, frio, calor, cansaço extremo), nos quais sentiram medo intenso, insegurança e grande incerteza.

Quatro dos seis jovens (os jovens da Síria e do Afeganistão, as jovens do Afeganistão e do Iraque) fizeram uma travessia de barco clandestina rumo à Grécia, em condições muito precárias e correndo enormes riscos, com o objetivo de entrarem na *UE*.

As experiências mais difíceis relatadas pelos três jovens rapazes foram vividas já na Europa, quando os jovens tentaram atravessar diversos países europeus (na fronteira da Bulgária, na Macedónia, na Hungria) e foram perseguidos ou mal tratados por forças policiais ou militares. Na sequência destas situações, pelo menos um dos jovens apresentou, no país de acolhimento, sintomas de uma síndrome pós-traumática.

No caso das raparigas, existia, já no país de origem e durante a fuga, um medo inerente à condição de serem mulheres. No caso da jovem da Síria, a viagem de autocarro, com constantes controlos militares ou policiais, parece ser a única experiência traumática. As jovens do Afeganistão e do Iraque recordam a Turquia como país onde passaram momentos muito difíceis, caóticos, de grande incerteza e onde testemunharam violência e até morte. A travessia de barco para a Grécia é igualmente referida por estas duas jovens como uma experiência que as marcou, no caso da jovem do Iraque, possivelmente de forma profunda e duradoura (sendo a jovem que se encontra em psicoterapia).

O facto de as três jovens terem vindo acompanhadas pelos pais (no caso da jovem do

Iraque, apenas pela mãe) ter-lhes-á dado coesão interna e identitária para aguentarem a desvinculação do seu país, o que terá eventualmente minorado o forte sentimento de insegurança e, no caso das jovens do Afeganistão e do Iraque, toda a violência da longa viagem e situação de fuga clandestina.

Em todos os casos constatamos que os jovens fizeram um enorme esforço (físico e psíquico) para empreender esta longa viagem para a Europa/ Alemanha, tendo sido necessários grandes recursos internos por parte destes jovens, sendo por isso natural que alguns tenham adoecido, durante a fuga ou posteriormente, no país de acolhimento.

4.2.3.1. Duração da viagem

As viagens dos jovens, desde o momento em que abandonaram os seus países de origem e chegaram à Alemanha, duraram entre poucos dias (no caso da jovem da Síria, que veio em 2014), um mês (no caso do jovem da Síria e da jovem do Afeganistão, que chegaram no outono de 2015) e mais de um ano (no caso dos jovens do Iraque e do Afeganistão). No caso da jovem do Iraque, não chegamos a entender quando tempo necessitou para chegar à Alemanha, mas calculamos que tenha necessitado de algumas semanas.

Convém salientar que a fuga mais curta foi a única viagem não-clandestina, ou seja, a da jovem da Síria, depois de a sua família ter pedido asilo, através das NU, no Líbano.

4.2.3.2. Experiências marcantes

Uma das experiências mais marcantes de S1, a jovem da Síria, passou-se durante um controlo do IS, na primeira viagem de autocarro que a sua família fez para o Líbano, quando um soldado mandou o seu pai sair do autocarro. Esta situação provocou um medo intenso e parece ter sido vivida como uma situação traumática.

S2 recorda-se de uma situação caótica, quando este jovem, os seus irmãos e muitas centenas de pessoas tentavam entrar na Hungria, e dos maus-tratos da polícia, neste país.

As recordações mais marcantes de A1 são dos seis dias passados na Turquia: o mau tempo; quando a família teve de andar muito a pé, por vezes com fome e sede; as dormidas ao relento, “o medo dos homens” armados.

Para A2, o jovem do Afeganistão, a situação na Macedónia, sobretudo a presença da polícia com cães a ladrarem, numa floresta deste país, marcou-o profundamente.

I1 não consegue esquecer a situação da travessia de barco, na qual a mãe não parava de chorar devido à aparente apatia do filho mais novo. Os momentos em que destruíram a sua casa e que levaram a família a fugir e o desaparecimento inesperado do pai, durante a fuga,

também foram profundamente marcantes para esta jovem.

I2 recorda a morte do irmão por forças do IS, na sequência da qual este e a sua família tiveram de se esconder, durante uma semana. Outra experiência marcante relatada foi uma situação numa floresta, na qual encontrou a irmã “esquecida”, que por cansaço se tinha deitado e dormia no chão. Outra memória que recorda, e que também parece tê-lo marcado profundamente, foi uma situação na fronteira entre a Turquia e a Bulgária, quando a polícia búlgara mandou o grupo inteiro voltar atrás, de regresso para a Turquia.

Constatámos que os jovens que estiveram mais tempo em viagem passaram por maior número de situações difíceis, durante a fuga.

4.2.3.3. Sentimentos dominantes

Independentemente da duração da viagem, os seis jovens partilham sentimentos como o medo (por vezes intenso), a ansiedade e a angústia, frequentemente relacionados com situações de privação (fome, sede, frio, cansaço extremo), grande insegurança ou de grande incerteza.

A jovem da Síria refere o medo como sentimento dominante, durante a primeira viagem de autocarro, para o Líbano. O facto de ter fugido com os pais e irmãos poderá ter minorado este sentimento.

O jovem sírio refere igualmente ter sentido medo, embora sem aprofundar, em diversas situações, já na Europa.

A jovem do Afeganistão refere diversas vezes ter sentido medo, sobretudo relacionado com diversas situações de insegurança. O facto de ter fugido com a sua família poderá ter minorado este sentimento.

O jovem do Afeganistão, o mais jovem de todos os participantes, o único que fugiu sozinho e aquele que esteve mais tempo em viagem, deverá ter sofrido, devido a estas três “agravantes”, situações muito difíceis e angustiantes (no Afeganistão, na Turquia, na Macedónia) e, por isso, muito traumáticas. Este jovem apresenta sintomas de stress pós-traumático (medo intenso, crises de pânico, pesadelos).

A jovem do Iraque não fala dos seus sentimentos, mas relata a chorar – forte afecto depressivo presente no narrar a sua história – as razões que obrigaram a sua família a fugir. Como passou por diversos momentos de grande violência (destruição da sua casa, desaparecimento inesperado do pai, medo e incerteza relativamente ao estado de saúde do irmão, durante a travessia de barco), esteve exposta a grandes fontes de stress e ansiedade que poderão ter conduzido a traumatismos profundos e duradouros.

O jovem do Iraque, que assumiu o papel de cuidador e protetor das crianças do grupo onde seguia, sentiu medo, insegurança, grande preocupação e stresse. O facto de vir inserido num grupo de familiares poderá ter ajudado a minorar estes sentimentos.

4.2.4. Situação na Alemanha

4.2.4.1. Redes de apoio à chegada

Cinco dos seis jovens tinham redes de apoio na Alemanha, o que deverá ter contribuído para a escolha deste país e facilitado, de alguma forma, os primeiros tempos, no exílio.

S1 tinha como único apoio ajuda do irmão mais velho, que já vivia em Hanôver desde 2012 e que organizou a entrada legal da família, na Alemanha.

S2 não tinha nenhum contacto na Alemanha, embora refira o apoio recebido dos vizinhos alemães, em Sehnde.

A1 tinha familiares, mas não mencionou ter recebido apoio de ninguém, na sua chegada a Hanôver.

A2 tinha os dois irmãos na Alemanha, uma tia e primos em Hanôver. O irmão foi buscá-lo à Áustria, mais tarde viveu sete meses com a tia, até completar os dezoito anos.

I1 tinha uma tia (irmã da mãe) perto de Hanôver e com quem viveu algumas semanas, à chegada, e depois de a sua mãe abandonar a Alemanha. A relação com esta tia não era pacífica e fê-la querer entrar numa instituição para menores antes de fazer dezoito anos.

I2 tinha familiares na Alemanha, mas não em Hanôver. Não refere ter contacto nem ter recebido apoio.

No caso do rapaz do Afeganistão e da rapariga do Iraque, as redes familiares facilitaram os primeiros tempos, na sociedade de acolhimento. No entanto, ambos os jovens se distanciaram das suas tias, o que pode ter ficado a dever-se a conflitos ou talvez pelo contacto com estas “dificultar” a sua integração.

4.2.4.2. Vida familiar

Convém salientar que, com exceção à jovem da Síria, cuja vida familiar não mudou substancialmente no exílio, no caso dos outros cinco jovens verificaram-se mudanças muito significativas. O jovem do Iraque continua a viver com a mãe e irmãos, mas grande parte da família com quem vivia ficou no Iraque. O mesmo aconteceu à jovem do Afeganistão, que embora continue a viver com pais e irmãos, faz diversas referências aos tios e sobretudo ao avô paterno. No caso do jovem da Síria, a vida familiar sofreu grandes mudanças devido ao

facto de os seus pais terem ficado no país de origem e de este jovem ter de cuidar dos seus irmãos. A jovem do Iraque veio com a mãe e irmãos, muito embora esta tenha decidido regressar ao país de origem e levado consigo três dos cinco filhos, o que deixou I1 numa situação de abandono e desamparo. A jovem não chega a falar da situação de despedida da mãe e restantes irmãos, que deverá ter sido bastante difícil e eventualmente traumática. O jovem do Afeganistão é o único jovem que entrou na Alemanha sem família, embora neste país tenha sido possível viver com o seu irmão mais velho e depois tenha vivido alguns meses com uma tia.

4.2.4.3. Situação escolar

A jovem da Síria, a primeira a chegar à Alemanha, em 2014, teve de esperar vários meses para poder se inscrever num curso de Alemão por não ter estatuto de proteção que possibilitasse fazer a inscrição gratuitamente. Mais tarde, embora tivesse frequentado na Síria o 12.º ano, teve de frequentar o 9.º do liceu na Alemanha, devido às grandes dificuldades com a língua alemã, para conseguir obter um diploma escolar.

Os outros cinco jovens entraram, no espaço de três a seis meses, depois da chegada à Alemanha, no projeto *SPRINT* de numa escola profissional, cujo primeiro objetivo era a aprendizagem do Alemão para posterior orientação profissional dos jovens.

A situação escolar é referida pela maioria dos jovens como positiva. No caso dos rapazes da Síria e Afeganistão e da jovem do Iraque, a escola é descrita como um espaço social, de orientação e de apoio, onde podem procurar ajuda e colocar perguntas às suas professoras. A jovem do Iraque elogia a estrutura do projeto, que permite primeiro aprender o Alemão e, depois, conhecer e compreender como funciona o sistema de ensino profissional-dual alemão.

Tanto esta jovem como o rapaz do Iraque criticam alguns aspetos deste projeto: a falta de flexibilidade, a falta de turmas que diferenciasses os conhecimentos e o comportamento dos jovens e ainda algumas atividades (aulas de desporto ou na cozinha da escola).

4.2.4.4. Ocupações e rotinas

A aprendizagem da língua alemã através da frequência do projeto *SPRINT* marca as rotinas atuais dos seis jovens. No caso das jovens do Afeganistão e do Iraque, a situação de estágio de três dias por semana/ oito horas por dia faz parte, durante seis meses, das suas ocupações.

Os três jovens rapazes fazem referência a atividades desportivas, no seu tempo livre. No caso das raparigas, existe apenas referências a tarefas domésticas (cozinhar, limpar).

4.2.4.5. Dificuldades de adaptação na Alemanha

A dificuldade mais referida por todos os jovens (e que acaba por corresponder a uma preocupação constante) prende-se com a aprendizagem da língua alemã. O facto de estarem a frequentar um projeto de integração com objetivos tão concretos (aprender a língua alemã até ao nível intermédio para poder ter condições de fazer formação profissional) deverá representar uma grande ajuda devido a todos os apoios recebidos na escola mas, ao mesmo tempo, como maior investimento significa eventualmente também maior pressão, ou seja, a sua participação neste projeto poderá ter funcionado, sobretudo inicialmente, como (mais) uma fonte de stresse, sendo que, depois de adaptados, terá sido igualmente facilitador da integração.

Três dos jovens (os jovens do Afeganistão e a jovem do Iraque) têm ainda que lidar com a incerteza de não saberem se vão poder continuar a viver na Alemanha, pois devido ao facto de terem apenas dezoito anos, ainda não finalizaram o pedido de asilo, não sabendo se receberão proteção internacional ou se serão repatriados, apesar de estarem integrados num projeto de integração. No caso da jovem do Iraque, existe um maior conhecimento das leis e regras (contrato de formação profissional) para evitar um eventual repatriamento.

As três raparigas revelaram-nos que o facto de usarem o lenço islâmico, hábito comum a muitas mulheres muçulmanas, as coloca (ou colocou) em situações muito desagradáveis, que vão dos olhares incómodos até à discriminação e a ofensas, no espaço público. No caso de duas delas, existe uma tentativa de adaptar ou mesmo abdicar do uso desta peça, que traziam dos seus países com o país de acolhimento, seja por motivos de ordem prática (como é o caso da jovem do Afeganistão, que tira o lenço durante as horas no estágio), ou para evitar situações de desvantagem ou discriminações futuras (como no caso da jovem do Iraque), o que levou esta última jovem a abdicar do lenço pouco tempo depois de ter chegado à Alemanha.

No caso das raparigas que vivem com as suas famílias, parece existir um maior conflito porque têm de obedecer a duas tradições – as suas e a do novo país. Abdicar dessas tradições poderá gerar culpabilidade. Neste sentido, quem tem a família longe ou se afasta da família (como no caso da jovem do Iraque) ficará possivelmente mais “livre” dessa culpabilidade, facilitando o abandono de costumes do seu país e, portanto, facilitando a adaptação ao novo país.

4.2.4.6. Apoios recebidos na Alemanha

Todos os jovens afirmam ter recebido diversas formas de apoio, neste país. A maioria

dos jovens refere o apoio social e financeiro, o acesso a formação escolar, nomeadamente ao projeto de integração, e o acesso ao sistema de saúde público.

Três dos jovens (os jovens da Síria, do Afeganistão e a jovem do Iraque) referem a escola, nomeadamente as professoras, como pessoas de quem recebem ou receberam apoio e a quem podem ou puderam pedir ajuda.

A jovem do Iraque salienta a possibilidade de viver numa instituição de menores. Refere também o apoio do Instituto de emprego e dos serviços de apoio a menores.

A jovem da Síria salienta o apoio de duas organizações não governamentais caritativas, como a *Caritas* e a *AWO*.

A jovem do Afeganistão e o jovem do Iraque falam do importante apoio recebido de pessoas alemãs, ambas bastante mais velhas e com as quais mantém contacto e com quem parecem ter uma relação de proximidade.

4.2.4.7. Relação com os alemães

Todos os jovens têm pelo menos contacto com alemães (professoras) na escola que frequentam. No entanto, metade dos jovens (nomeadamente os dois jovens da Síria e o jovem do Afeganistão), para além deste lugar, e apesar de acharem os alemães “*muito simpáticos*”, não referem outros contactos regulares e importantes com pessoas autóctones. Assim, no caso destes três jovens, poderão viver num certo isolamento, faltando-lhes redes de apoio alternativas à escola, na sociedade de acolhimento.

Convém mencionar que as jovens do Afeganistão e do Iraque têm mais contactos com a população alemã, não só mas também devido à situação escolar, visto que ambas estão já na segunda fase do projeto, *SPRINT-Dual*, onde existe a obrigatoriedade de fazer um estágio profissional no qual estão em contacto, três dias por semana durante pelo menos seis meses, com colegas alemães. No caso da jovem do Iraque, o facto de ter entrado para uma instituição de apoio a menores deverá ter facilitado o contacto com alemães, nomeadamente com outros jovens a viver na mesma instituição e com educadores e assistentes sociais.

O jovem que nos indica ter feito diversos contactos sociais com alemães sem ajuda de instituições é I2, que através da sua participação em treinos e jogos de dois clubes de futebol mantém diversos contactos e amizades, no seu tempo livre.

4.2.4.8. Contacto/ relação com outros refugiados

Todos os jovens referem ter contacto com outros jovens requerentes de asilo ou refugiados, na escola. No caso das raparigas, este contacto limita-se ao tempo passado na

escola. Os rapazes mantêm mais contacto fora da escola. I2 é o jovem participante que afirma manter mais contactos com jovens exilados.

4.2.4.9. Estratégias de integração na sociedade alemã

Convém referir que a principal estratégia de integração destes seis jovens é atualmente a aprendizagem da língua alemã, o que se fica também a dever ao projeto de integração onde estão inscritos. Relacionada com esta estratégia estão outras, nomeadamente o interesse em fazerem formação profissional ou em estudarem noutra sistema de ensino (por exemplo, no liceu) para, mais tarde, acederem ao ensino superior. O grande objetivo é integrarem-se no mercado de trabalho alemão, na sua maioria em áreas com carência de profissionais.

Estas suas estratégias e planos, a serem alcançados, evitarão o risco de dependência de familiares ou futuros cônjugues (para as raparigas), de precariedade e desemprego e, portanto, de exclusão social para todos os jovens.

Uma jovem não renuncia do uso do lenço (jovem síria), alguns dos jovens tentam negociar (jovens do Afeganistão), outros (jovem do Iraque e a jovem do Afeganistão) escolheram abdicar de alguns hábitos e tradições (os horários das rezas, o jejum do Ramadão, o uso do lenço islâmico) do país de origem para assim “facilitarem” a sua situação de integração, no país de acolhimento.

No caso de I1, a jovem iraquiana, as situações traumáticas vividas ainda no país de origem e o medo que lhe geraram poderão ter conduzido ao desejo e esforço de adaptação (abdica do lenço, abdica do jejum porque sente que a prejudicam) no novo país, querendo começar uma “nova vida” como forma de se manter afastada daquela realidade que tanto a fez ou eventualmente ainda faz sofrer (é a única dos seis jovens a fazer uma psicoterapia).

No caso dos três rapazes, o desporto poderá ser visto também como uma “estratégia” anti-depressiva, no sentido em que através da manutenção de hábitos saudáveis e/ou de contactos sociais estão a criar condições físicas e psicológicas para uma integração com menor sofrimento e stresse de aculturação.

4.2.5. Projetos de vida

Todos os jovens mostraram facilidade em responder às questões “Onde se vê daqui a cinco anos? O que faz? Onde e com quem vive?” Antes de mais, constatou-se que os seus planos e desejos, relativamente ao futuro, estão profundamente ancorados no país de acolhimento, pois no momento das entrevistas, nenhum dos jovens referiu querer regressar, a médio ou

longo prazo, ao país de origem.

As respostas dos três rapazes e das três raparigas revelam-nos, antes de mais, um grande otimismo em relação ao futuro, sendo os seus projetos de vida bastante unânimes: os seis jovens querem fazer formação profissional, as três raparigas querem posteriormente estudar, todos querem trabalhar e viver na Alemanha.

Igualmente transversal a cinco dos seis jovens parecem ser as questões de identidade-género: o desejo de virem a casar e a constituir família, no país de acolhimento, aspeto que é visto como um *objetivo futuro*. A jovem do Iraque é a única que não refere querer casar e constituir família, mas sim viver com a sua família, na Alemanha.

Para além disso, as suas respostas indicam-nos que a experiência de migração e exílio, nomeadamente, o projeto de integração em que estão a aprender a língua alemã e a preparar-se para o sistema de formação profissional, os colocou (raparigas e rapazes) numa situação de igualdade de oportunidades de acesso a formação. Este facto prende-se seguramente com a natureza do projeto em que estão inseridos, revelando-nos que existe uma necessidade ou até mesmo vontade/ desejo de ajustamento à vida do país de acolhimento.

4.3. Análise de questões de género

Marques & Góis (2012, p. 43) salientam a importância da variável de género nas estratégias e trajetórias de integração de migrantes:

De facto, não é possível realizar uma análise das migrações desprezando a especificidade e a importância das questões e das relações de género (quer nas sociedades de origem, quer na sociedade de destino). O modo como se constroem percursos pessoais, tantas vezes divergentes das tradicionais relações de género que os e as migrantes traziam das sociedades de origem, demonstra que a migração pode funcionar como mecanismo capaz de alterar as biografias individuais dos atores e atorais e de influenciar a vivência em sociedade.

Neste sentido, propomo-nos fazer, em seguida, uma breve análise de questões de género, de forma a podermos indicar, sem generalizações nem essencialização do género face a outras variáveis, que mudanças, problemas e dificuldades e conflitos durante a fuga e no exílio indicam uma relação com a variável de género, ou seja, são específicos ao ser-se *mulher* ou *homem*.

4.3.1. Raparigas

O papel dos homens no plano de emigração/fuga

As narrativas das três jovens muçulmanas revelam-nos que o plano de emigração/fuga destas raparigas esteve diretamente dependente da decisão de terceiros, nomeadamente de

familiares homens (irmão, pai, tios). Este facto fica seguramente a dever-se às suas idades (as três jovens eram menores de idade quando abandonaram os seus países), mas também às estruturas patriarcais das sociedades de origem, nas quais a autoridade masculina deve ser respeitada.

No entanto, é importante salientar que, apesar de dependentes de terceiros, as histórias destas três jovens mostram-nos três situações distintas, todas elas relacionadas com diferentes problemáticas (de ordem política, social, comunitária ou familiar) nos seus países de origem, exigindo uma visão diferenciada de forma a evitar estereótipos. Enquanto a jovem da Síria “acompanha” de forma organizada e legal a família para o exílio, a jovem do Afeganistão deseja libertar-se de tradições que obrigam as raparigas a subjugarem-se à vontade da família/da comunidade. Neste contexto, esta jovem quis abandonar o seu país para “fugir” à própria pressão e “regras” familiares/comunitárias, conseguindo convencer os três homens, ou seja, as pessoas com poder decisivo na sua família (o pai, o tio e o avô) a aceitarem a ideia de emigrar/fugir ou organizar a viagem para a Europa/ Alemanha. No caso da jovem do Iraque, esta vê-se obrigada a fugir de forma violenta e inesperada, acompanhando inicialmente os pais e irmãos, mas passando a ter um papel muito mais ativo quando se dá o desaparecimento do seu pai, tendo a partir desse momento de ajudar e organizar a viagem e a cuidar os quatro irmãos, sobretudo do mais novo.

Mudanças, dificuldades, conflitos e (re)configuração das identidades

Como já foi referido anteriormente, a experiência migratória não corresponde apenas a um «encontro cultural», mas sim a «um processo complexo e por vezes contraditório, uma experiência que implica perda, rutura e mudança» (Ramos, 2004, p. 255). Em relação a esta experiência «algumas das mudanças poderão manifestar-se em consequências positivas, nomeadamente relativamente à melhoria das condições de vida, outras mudanças poderão ter consequências negativas, sob a forma de dificuldades de adaptação, de problemas psicológicos e de stresse de aculturação» (Ramos, 1993 *apud* Ramos, 2008, p. 149).

Particularmente no caso de S1 e de A1, as jovens provenientes da Síria e do Afeganistão, constatamos que a necessidade de inserção na cultura e língua do país de acolhimento, através do sistema de ensino, e o contacto diário com a cultura e língua de origem, no seio da sua família, estão na origem de algumas das dificuldades e conflitos identitários. O confronto com a nova cultura – profundamente estranha, com formas de estar e valores muito diferentes dos que conheciam, por vezes difíceis de compreender, de elaborar e de integrar, sobretudo os que dizem respeito ao papel e comportamento da mulher na

sociedade de acolhimento –, a impossibilidade em estabelecerem mediações entre estes dois mundos diferentes, são fontes de stresse de aculturação, de dificuldades de adaptação e de sentimentos difíceis, nomeadamente de medo, angústia e desenraizamento, sobretudo no caso da jovem síria.

O uso do lenço islâmico: entre a necessidade de autoafirmação (identidade), o mal-estar e a discriminação

As três jovens referem, em diversos tópicos da entrevista, o desconforto de usar o lenço islâmico no espaço público, na sociedade de acolhimento. Duas das jovens falam abertamente do desejo de continuar a usar o lenço islâmico como forma de autoafirmação da sua identidade/cultura/religião. Por outro lado, mencionam as dificuldades ou “desvantagens” relacionadas com o uso do mesmo, nomeadamente, a falta de tolerância e de aceitação do mesmo, manifestadas em diversas situações desagradáveis referidas pelas jovens, especialmente por S1, vítima de discriminação e diversas ofensas.

Convém salientar que esta “intolerância” relativamente a esta peça feminina revela um alto grau de etnocentrismo por parte de certos grupos da sociedade alemã e poderá reforçar o sentimento de desenraizamento destas jovens e conduzir, em situações extremas, a sentimentos de marginalização ou exclusão. Em todos os casos, este facto expõe as jovens muçulmanas que não abdicam do lenço islâmico, como é o caso da jovem síria, a níveis de stresse consideráveis e a um reforço do sentimento de desenraizamento.

Diretamente relacionado com a discriminação, está a questão de conflito identitário referido por S1 e A1 (*usar ou deixar de usar o lenço?/ser ou não ser como as outras raparigas?*), o que nos revela que estas jovens apresentam, a nível identitário, um maior risco e vulnerabilidade relativamente a problemas de saúde mental (conflito interno entre deveres e expectativas, confusão, depressão, ansiedade, angústia, solidão, etc.), a sentimentos de marginalidade e de alienação e a dificuldades identificatórias, o que poderá dificultar a adaptação à sociedade de acolhimento.

Atendendo a que o processo migratório implica sempre uma adaptação social e psicológica à cultura de acolhimento, o futuro processo de adaptação destas jovens vai depender de diversos fatores, nomeadamente de recursos psicológicos e sociais, assim como da evolução da situação social e política na sociedade de acolhimento, neste caso a Alemanha.

Empoderamento e mudanças de papéis relativamente à sociedade de origem

As narrativas das três jovens mulheres revelam-nos que as suas experiências de exílio

nomeadamente a frequência do projeto de integração e, relacionado com este, os planos de fazerem formação profissional e a vontade de fazerem, posteriormente, formação superior, a serem concretizados, poderão proporcionar-lhes novos espaços de emancipação cívica. Neste contexto, a experiência de exílio destas três jovens poderá funcionar como um mecanismo de empoderamento, ou seja, através desta experiência as três raparigas poderão alcançar um maior grau de autonomia e de poder de decisão. Paralelamente, o desejo de construir biografias distintas das da sociedade de origem, marcadas por novos papéis e novas responsabilidades, poderá facilitar ainda mudanças de papéis e contribuir para a sua estabilização (Hanewinkel, 2018).

No caso concreto de I1 e A1, as jovens do Iraque e do Afeganistão, cujas mães têm pouca ou mesmo nenhuma escolaridade e se viram confinadas, desde muito cedo, aos trabalhos domésticos e ao cuidado e educação dos seus filhos, constata-se a vontade de construirem percursos pessoais de integração, na sociedade alemã, completamente distintos do das suas mães e, provavelmente, dos percursos que elas mesmas teriam feito se tivessem permanecido nos países de origem. Assim, os seus planos de vida, ancorados na sociedade de acolhimento, fogem ao modelo tradicional do feminino, desafiando os preconceitos de identidade-género dos seus países. Estas jovens, não se conformando e lutando pelo que querem, demonstram que a migração/exílio pode fomentar novas relações de género, que tanto alteram as biografias individuais, como a vivência em sociedade.

Mudanças de papéis, novos problemas e dificuldades

A crescente autonomia e integração destas jovens mulheres traduzir-se-á em menor vulnerabilidade e menor dependência, na sociedade de acolhimento (Ramos, 2013a, p. 76). Ao mesmo tempo, a experiência de migração tende a ter um carácter ambivalente (Marques & Góis, 2012, p. 70), representando tanto novas oportunidades, como também novos desafios (ao nível identitário, social, familiar e económico) problemas, riscos e vulnerabilidades para estas jovens (de saúde, familiares),(Ramos, 2010, p. 2).

Assim, e concretamente no caso de I1 e A1, os novos papéis poderão levá-las, eventualmente, a ter de enfrentar a hostilidade por parte das suas famílias ou culturas de origem. Relacionado com este aspeto está a questão da conciliação entre a vida profissional e pessoal e ainda a conciliação entre estilos de vida distintos (do país de origem e do de acolhimento),(Ramos, 2004, 2008, 2010; Marques & Góis, 2012), como é o caso do uso (ou não) do lenço islâmico no espaço público ou no trabalho. Neste sentido, o empoderamento destas jovens, para poder funcionar como um mecanismo positivo e frutivo, fonte de bem

estar para estas e para as suas famílias, terá de permitir a criação de diversas competências (pessoais, culturais, sociais, de autoestima e de autovalorização) sem as quais poderá gerar novos problemas e dificuldades.

4.3.2. Rapazes

Afeto isolado do discurso narrativo

Uma característica transversal aos três jovens parece ser o afeto isolado do discurso. Durante as entrevistas, constatámos que os três jovens se focaram nos acontecimentos objectivos por que passaram, mas isolando sempre a emoção, possivelmente como forma de defesa contra a depressão e maior desorganização psíquica.

Pensamos ainda que este aspeto poderá representar um traço do género masculino, ou seja, os três jovens, por questões culturais, “defendem-se” de mostrar afetos, a fraqueza, a fragilidade (estereótipos masculino/ feminino). No caso dos três jovens, a separação da sua família poderá ter levado a isolar os afetos suscitados por essa separação, permitindo-os encarar mais facilmente o futuro e os seus novos projetos e, ao mesmo tempo, ficando menos presos ao passado e a quem deixaram para trás (pais, mãe, familiares, amigos).

Praticar desporto como “estratégia” anti-depressiva

No caso dos três jovens, mas particularmente no caso de I2 e de A2, os rapazes do Iraque e do Afeganistão, constatamos que o desporto, nas suas diversas modalidades (treino em equipa de futebol e correr a maratona no caso de Fares, treino no ginásio e passeios de bicicleta, no caso de A2), desempenha um papel importante nas suas vidas, no país de acolhimento. Assim, o desporto poderá ser uma “estratégia” anti-depressiva e/ou de controlo da angústia e ansiedade (através do controlo do corpo) que lhes permite ajudar a lidar com os traumatismos, nomeadamente sentimentos difíceis (medo, angústia), problemas e ainda com o (inevitável) stresse de aculturação. No caso de A2 parece existir uma certa consciência deste facto, eventualmente devido ao aconselhamento médico ao ter apresentado sintomas com alguma gravidade de uma síndrome pós-traumática. Para I2, o futebol parece representar também um lugar social, isto é, um espaço onde cultiva relações com diversos grupos da sociedade de acolhimento (alemães, curdos, outros exilados).

5. CONCLUSÕES

Os testemunhos autobiográficos dos seis jovens requerentes de asilo revelam-nos, em primeiro lugar, que a família é «o lugar privilegiado e suporte da memória» (Fortier, 2000) e a escola, parte integrante das suas rotinas, permitindo-lhes lidar melhor com o clima de insegurança vivido nos seus países de origem.

As rotinas e os hábitos da cultura de origem são referidos pela maioria dos jovens sem idealizações ou saudosismos, eventualmente devido ao forte desejo de se adaptarem ao seu novo país. São sobretudo as tradições relacionadas com a religião muçulmana, quando profundamente ancoradas à vida familiar e comunitária (celebração do Ramadão), que são recordadas (pelas raparigas) como uma perda dolorosa.

As razões que motivaram a migração forçada dos seis jovens são distintas, contudo todas apontam para a exposição, desde tenra idade, em maior ou menor grau, a fontes de violência, stresse, medo e ansiedade, o que pode indicar traumatismos diversos (físicos e psicológicos), mais ou menos profundos e duradouros.

Com exceção à jovem da Síria, a fuga dos jovens foi organizada ilegalmente e sem um “plano”, decorrendo em função das facilidades ou obstáculos encontrados na viagem. Ainda assim, todos os jovens partilharam o objetivo de “*vir para Europa*”. Para a maioria deles, a Alemanha era o destino desejado desde a partida, pois neste país quase todos tinham redes familiares. Possivelmente, operou nesta escolha também «a fantasia inconsciente da busca de uma terra-mãe nutriente e protetora frequentemente idealizada»(Grinberg & Grinberg, 2004).

Algumas das experiências mais difíceis relatadas, nomeadamente por duas das raparigas, foram vividas no país de origem, estando relacionadas com a condição de ser mulher. Durante a fuga, a maioria dos seis jovens referiu ter passado por numerosas situações de privação (fome, sede, frio, calor, cansaço extremo) e descreveu diversas situações caóticas, de grande insegurança e incerteza em que sentiu medo intenso, angústia, stresse e ansiedade, e que poderão ter conduzido a traumatismos duradouros. Na sequência destas experiências, pelo menos um dos jovens apresentou sintomas de uma síndrome pós-traumática.

Há que salientar que a única jovem que fez a viagem de forma legalizada será a que menos esteve exposta a fontes de stresse e ansiedade, durante a fuga. Contrariamente, os jovens que estiveram mais tempo em viagem passaram por maior número de situações traumáticas e de privação. Este facto evidencia políticas internacionais e europeias incapazes de possibilitar fazer o pedido de asilo de forma legal, perto das regiões do país de origem, de forma a assegurar condições de segurança e de dignidade para os exilados obrigados à

migração forçada.

O facto de cinco dos jovens terem vindo acompanhados por mais do que um familiar direto, as raparigas chegaram acompanhadas pelos pais ou pela mãe, ter-lhes-á dado suporte e coesão interna e identitária para aguentarem a desvinculação do seu país. No caso do jovem afegão, o mais novo e o único a fugir sozinho, as amizades que foi fazendo nos locais por onde passou poderão tê-lo ajudado a ultrapassar o desamparo e as grandes dificuldades sentidas. Em todos os casos, empreender uma tão longa e perigosa viagem exigiu um grande esforço físico e psíquico, tendo sido necessário, por parte de todos os jovens, grandes recursos internos.

Na Alemanha, só três dos jovens tiveram apoio ou foram acolhidos por familiares. Dois dos jovens viveram com as tias, mas distanciaram-se destas mais tarde, eventualmente para evitarem conflitos de lealdade e assim facilitarem a sua adaptação, no novo país.

No que concerne à vida familiar, verificámos mudanças significativas para a maioria dos jovens, no exílio. Curiosamente são precisamente as duas jovens que vivem com as suas famílias aquelas que mostram maiores dificuldades de adaptação à cultura/sociedade do país de acolhimento, relacionadas com a ambivalência no que se refere aos hábitos das mulheres muçulmanas nos seus países de origem, nomeadamente ao uso do lenço islâmico.

As informações fornecidas pelas três jovens muçulmanas indicam-nos que, em certos grupos da sociedade alemã, continua a dominar um clima de grande intolerância relativamente à mulher muçulmana. Se uma das jovens abdicou logo no início do uso do lenço islâmico, consciente dos “obstáculos” que este lhe poderia vir a trazer, a segunda jovem tenta negociar com os pais e adaptar o seu uso no estágio, embora nos pareça viver em conflito (identidade-género). A jovem que não abdica do uso do lenço é também aquela que descreve numerosas situações desagradáveis, discriminatórias e até traumáticas, que poderão agravar os seus sentimentos de desarraizamento e dificultar a sua integração. Esta realidade confirma este grave problema social para o qual o *MIPEX IV* (2015b) já tinha alertado a Alemanha, no passado recente.

Relativamente à situação escolar, a grande maioria dos jovens refere-se de forma positiva à sua participação no projeto de integração *SPRINT* e *SPRINT-Dual*, cujo primeiro objetivo era a aprendizagem do Alemão para posterior orientação profissional dos jovens. No entanto, só para três dos jovens a escola é encarada como um espaço de orientação e de apoio.

A aprendizagem da língua alemã através da frequência de turmas *SPRINT* ou *SPRINT-Dual* marca as rotinas dos seis jovens. Nos tempos livres, os três jovens rapazes fazem referência a atividades desportivas, aspeto que nos indica estarmos perante uma “estratégia

masculina”, eventualmente anti-depressiva, de controlo da angústia e como forma de lidar melhor com as adversidades e com o stresse de aculturação; no caso das raparigas, verificamos uma manutenção das rotinas dos países de origem – cozinhar, limpar.

A dificuldade e preocupação mais referida por todos os jovens prende-se com a aprendizagem da língua alemã. O facto de estarem a frequentar um projeto de integração com objetivos tão concretos deverá representar uma grande ajuda para todos os jovens; ao mesmo tempo, este projeto poderá fomentar um “clima” de pressão para atingirem rapidamente objetivos, com a qual estes jovens terão de aprender a lidar e que poderá representar (mais uma) fonte de stresse e ansiedade.

Três dos jovens salientam ter que lidar também com a grande incerteza de não saberem se receberão ou não proteção internacional, o que deverá ser outra grande fonte de stresse e ansiedade. Só no caso de uma jovem parece existir algum conhecimento das leis para contornar um possível repatriamento. Esta realidade denuncia um sistema de asilo moroso e põe a descoberto a falta de informação e de sessões de esclarecimento relativamente à legislação alemã.

Todos os jovens afirmam ter recebido diversas formas de apoio, no país de acolhimento: apoio social e financeiro, acesso a formação escolar e acesso ao sistema de saúde público, ajuda do instituto de emprego alemão (*JobCenter*), de organizações não governamentais (*Caritas e a AWO*) e de instituição de apoio a menores (*Fundação Pestalozzi*). Apenas dois jovens falam do apoio recebido de pessoas privadas e com as quais mantêm contacto e relação de proximidade. A salientar o facto de nenhum dos jovens ter feito referência a iniciativas de cariz intercultural, que visem aproximar este grupo da população da sociedade do país de acolhimento através e partilha das culturas, línguas, tradições, etc.

A participação no projeto de integração *SPRINT* possibilita a todos os jovens terem contacto com a população alemã (professoras, outros alunos). No entanto, metade dos jovens não refere outros contactos regulares com pessoas autóctones, o que poderá indicar viverem num certo isolamento, faltando-lhes redes de apoio alternativas à escola, na sociedade de acolhimento. Constatámos que as duas jovens que têm mais contactos com a população alemã o devem também à sua situação escolar (estágio). Convém ainda salientar que o jovem com diversos contactos sociais o consegue através do desporto (treinos e jogos de futebol).

A principal “estratégia” de integração, comum aos seis jovens, parece ser a escola através da aprendizagem da língua alemã, e que corresponde ao primeiro objetivo do projeto de integração onde estão inseridos. Verificámos ainda que todos os jovens pretendem, futuramente, fazer formação profissional com a meta, no caso das raparigas, de acederem

mais tarde ao sistema superior, no caso dos rapazes, de se integrarem no mercado de trabalho qualificado. Este facto reflete, por um lado, o investimento que o Estado alemão, neste caso concreto, a Baixa-Saxónia, está a fazer no sentido do apoio à aquisição e desenvolvimento de competências, por parte deste grupo, que respondam às necessidades do mercado de trabalho alemão. Por outro, deixa transparecer uma abordagem socioeconómica da integração de requerentes de asilo e refugiados, na qual se tentam criar condições para reforçar a resiliência intrínseca deste grupo através do «valor social do emprego» (PNUD, 2014) e, simultaneamente, ajudando o próprio país de acolhimento, cuja economia tem carência de trabalhadores qualificados.

Alguns dos jovens tentam conciliar, outros escolheram abdicar de alguns hábitos e tradições (os horários das rezas, o jejum do Ramadão, o uso do lenço islâmico) do país de origem para assim “facilitarem” a sua situação de integração, no país de acolhimento. O desporto poderá ser visto igualmente como uma “estratégia” dos rapazes, no sentido em que, através da manutenção de hábitos saudáveis e/ou de contactos sociais, criam condições físicas e psicológicas para uma integração com menor stresse de aculturação.

Constatámos, por parte dos seis jovens, a existência de uma grande determinação e otimismo relativamente aos planos futuros, todos eles profundamente ancorados no país de acolhimento: para além de quererem fazer formação profissional, a maioria quer casar e ter filhos; todos desejam trabalhar e viver na Alemanha. Este facto indica-nos que a experiência de migração e exílio, nomeadamente, a sua participação no projeto de integração *SPRINT*, colocou os jovens (raparigas e rapazes) numa situação de igualdade de oportunidades no acesso à formação, revelando-nos que existe uma grande vontade de ajustamento e integração ao país de acolhimento. Atendendo às suas biografias, acreditamos que o desejo de integração (ou até de assimilação) poderá ser uma possibilidade de reparação das feridas traumáticas.

Ao serem alcançadas as suas metas, as estratégias destes jovens permitirão alcançar um maior grau de autonomia e de poder de decisão (para as raparigas), evitarão situações de precariedade e desemprego e, portanto, o perigo de exclusão social para todos os jovens. No entanto, este ajustamento dos jovens à nova cultura, nomeadamente os novos espaços de emancipação cívica, acarreta para as raparigas diversos conflitos (identitários, de lealdade e de pertença), dificuldades e problemas acrescidos.

Por último, há que salientar que as narrativas dos seis jovens são testemunhos vivos do grande esforço que a Alemanha tem feito no acolhimento e apoio de jovens requerentes de asilo e refugiados, na sequência da crise humanitária e migratória de 2015-2016. Contudo, e sem querermos desvalorizar o plano alemão, no qual impera a integração deste grupo através

de formação profissional e acesso ao mercado de trabalho, parece-nos importante ressaltar que a maioria dos jovens não fez referência ao (tão necessário) apoio psicossocial e psicoterapêutico, o que nos leva a concluir que o plano de integração deste grupo não contempla, neste país, um enquadramento psicossocial, terapêutico e de saúde integrado, adequado à grande vulnerabilidade e risco da situação de refúgio e exílio.

6. RECOMENDAÇÕES PARA A POLÍTICA PÚBLICA ALEMÃ

Tal como foi anteriormente referido, um dos objetivos deste estudo é delinear algumas estratégias e orientações para práticas e políticas públicas que contribuam para promover a integração e a participação dos requerentes de asilo e refugiados, na sociedade alemã. As recomendações serão apresentadas de acordo com os aspetos salientados na conclusão, sem no entanto existir uma preocupação de hierarquização das suas relevâncias ou aplicabilidade imediata.

1. Uma primeira macrorecomendação que emerge deste estudo é a urgente necessidade de a Alemanha dar prioridade ao apoio psicossocial e psicoterapêutico (Ramos, 2004, 2008, 2009, 2013b) de jovens em busca de asilo e a refugiados. Como nos revelam as narrativas dos seis jovens, muitos deles deverão apresentar traumatismos múltiplos por elaborar e diversos lutos por fazer, no entanto, só uma das jovens refere ter apoio psicoterapêutico. As questões traumáticas por resolver parecem ser bloqueadores de uma adaptação mais plena a nível da capacidade/disponibilidade para a aprendizagem da língua e para a capacidade de ajuste às normas, regras, rotinas do novo país. Simultaneamente, estes jovens estão especialmente vulneráveis devido a problemas derivados das dificuldades de comunicação, do desenraizamento, da falta de redes de apoio, do isolamento, de situações de discriminação, etc.
2. Importaria que, em numerosas instituições (escolas, hospitais, consultórios médicos, associações, empresas, etc.), se promovesse a aquisição de competências interculturais (Ramos, 2008, 2010, 2013b, 2014b) por parte dos diversos grupos de profissionais que mais lidam com estes jovens, sobretudo educadores, professores, assistentes sociais, médicos, psicólogos, de forma a minorar as dificuldades despoletadas pelo contacto intercultural (Neto, 2002), e a promover a integração deste grupo, no país de acolhimento.
3. Atendendo ao facto de que o acolhimento destes jovens exige abertura, organização, práticas e políticas adequadas e também flexibilidade de intervenção, uma vez que cada caso carrega a sua “história”, traumatismos e necessidades distintas, e porque os traumatismos se poderão manifestar através de queixas e disfuncionamentos psíquicos e também por queixas e sintomas psicossomáticos, é fundamental que as escolas organizem uma rede de apoios (tradutores, assistentes sociais, psicólogos) que os ajudem a integrar-se e de professores preparados para as questões das

migrações, dos refugiados, da escuta e da comunicação intercultural (Ramos, 2013b, 2014b).

4. Recomenda-se igualmente o desenvolvimento de estratégias interculturais e políticas educativas de integração para a capacitação dos jovens exilados, nomeadamente reforçar o ensino da língua alemã (aulas de apoio nas escolas e apoio através de “madrinhas” e “padrinhos”, nas empresas, durante a formação profissional), fomentar o desenvolvimento de competências para utilizar e dominar as novas tecnologias de informação e comunicação, para além da já referida formação intercultural contínua a educadores e professores (Ramos, 2010, 2013b). Só assim será possível fazer da escola um «espaço importante de educação, de integração na sociedade, de encontro de culturas e de alteridade, de convivência e de aprendizagem» (Ramos, 2013b).
5. Seria recomendável que os projetos de integração de jovens requerentes de asilo e refugiados a decorrer nas escolas profissionais da Baixa Saxónia permitissem uma flexibilização dos currículos em função das necessidades linguísticas e psicossociais, do ritmo de aprendizagens e dos interesses dos alunos. Os conteúdos deveriam ter em conta a sua socialização de origem e capacitar os jovens para a vida na sociedade alemã valorizando, ao mesmo tempo, a diversidade cultural e o direito à diferença.
6. Outra macrorrecomendação dirige-se à *Agência Federal para a Migração e Refugiados (BAMF)*, encarregada na Alemanha de todo o processo de pedido de asilo. Como informa o relatório do *IAB*, «processos de asilo demorados atrasam o processo de integração e de aquisição de conhecimentos linguísticos» (Brenzel & Kosyakova, 2019). Neste contexto, importa acelerar os processos de asilo dos jovens que atingiram a maioridade, de modo a não bloquear o processo de integração, educacional e de aprendizagem da língua alemã por parte deste grupo, no país de acolhimento.
7. Relacionada com os pedidos de asilo por parte de jovens, deixamos a recomendação de disponibilização de informação para jovens, em diferentes línguas, de forma a esclarecer este grupo-alvo sobre o processo de asilo e sobre as alternativas, no caso de uma recusa e existir risco de repatriamento. A recomendação aqui apresentada vai também no sentido de informar as entidades e instituições que trabalham com

este grupo-alvo, nomeadamente assistentes sociais, pedagogos e diretores de turmas, nas escolas, de forma a que estes profissionais sejam consciencializados para as dificuldades encaradas por estes jovens e, ao mesmo tempo, possam prestar apoio e aconselhamento a este grupo-alvo.

8. Considerando os testemunhos das três jovens muçulmanas relativamente aos problemas originados pelo uso do lenço islâmico e ao clima de hostilidade contra o Islão, na Alemanha, importa a criação urgente, por parte deste país de acolhimento de políticas e medidas anti-discriminatórias, nomeadamente, de anti-discriminação e aceitação da mulher muçulmana. Neste sentido, torna-se necessário a criação de normas sociais e de legislação antidiscriminação que tornem a discriminação ilegal, a divulgação e formação no combate à discriminação, realizar regularmente campanhas anti-discriminação (nas escolas, nos meios de comunicação, no espaço público, nos locais de trabalho, desportivos e de culto religioso, etc.) e a promoção do contacto intergrupar e intercultural de forma a reduzir o preconceito e a discriminação (Neto, 2002; Ramos, 2004, 2008, 2011, 2013b), contra a exclusão ou marginalização deste ou de outros grupos culturais e religiosos, na sociedade alemã.
9. Para combater o isolamento ou a falta de contacto destes jovens com a população da sociedade de acolhimento seria aconselhável a realização de ações de informação e sensibilização, tanto junto da população alemã, em geral, como dos jovens (nas escolas, em clubes desportivos, etc.), em particular. São igualmente necessárias iniciativas municipais (por ex. exposições e festas culturais, “festas de rua”, criação de associações interculturais, em bairros residenciais,) que fomentem o contacto intercultural entre vizinhos, entre nacionais e originários de outras culturas e aproximem culturas, grupos e indivíduos. A recruta de “madrinhas” e “padrinhos” de integração com diversas finalidades (apoio à aprendizagem da língua alemã, acompanhamento dos jovens no caso de situações burocráticas, para conhecer a cidade ou região, etc.) poderia igualmente contribuir para minorar este grave problema social.
10. Para um conhecimento mais aprofundado, abrangente e diversificado das dificuldades e dos contextos de inserção dos jovens requerentes de asilo e refugiados, na Alemanha, é recomendável a realização de mais estudos (por ex. de longa duração) e mais investigação sobre a temática das migrações, dos refugiados e das relações interculturais, para uma melhor compreensão da situação

psicossocial e inclusão deste grupo, na sociedade de acolhimento. De salientar a necessidade de outros estudos de género, que se centrem nas dificuldades e problemas das mulheres muçulmanas, de forma a conhecer melhor as problemáticas deste grupo e poder reforçar o apoio à sua integração, na Alemanha. Estes estudos permitirão delinear novas estratégias, que visem especialmente a integração, o desenvolvimento e o bem-estar deste grupo-alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACNUR (s/ data). Convenção Relativa ao Estatuto dos refugiados (1951). Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Acedido em março 03, 2019, em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_a_o_Estatuto_dos_Refugiados.pdf
- ACNUR (2015). Refugiado ou Migrante? Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Acedido em março 15, 2017, em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incorrecta-a-usar-o-termo-correto/>
- ACNUR (2018). Pacto Global sobre Refugiados. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Acedido em janeiro 14, 2019, em: <https://www.acnur.org/portugues/rumo-a-um-pacto-global-sobre-refugiados/>
- BEKYOL, Yasemin; BENDEL, Petra (2016). *Reception of female refugees and asylum seekers in the EU. Case Study Belgium and Germany*. Brussels, European Union. Acedido em março 15, 2017, em: <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/a396ed57-153b-4dd0-ac43-ed2628c3f270/language-de>
- BERLINGHOFF, Marcel (2018). *Geschichte der Migration in Deutschland [História da migração na Alemanha]*. Acedido em fevereiro 15, 2019, em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration/252241/deutsche-migrationsgeschichte>
- BRENZEL, Hanna / KOSYAKOWA, Yuliya (2019). *Längere Asylverfahren verzögern Integration und Spracherwerb [Processos de asilo mais demorados atrasam a integração e aquisição da língua alemã]*. Acedido em abril 02, 2019, em: <http://doku.iab.de/kurzber/2019/kb0619.pdf>
- BRÜCKER, Herbert *et al.* (2019). *Geflüchtete machen Fortschritte bei Sprache und Beschäftigung*. In: IAB-KURZBERICHT 3/2019 [Breve Relatório do IAB 3/2019]. Acedido em março 08, 2019, em: <http://doku.iab.de/kurzber/2019/kb0319.pdf>
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(2016a): *Migrationsbericht 2015 [Relatório de migração 2015]*. Nürnberg: BAMF. Acedido em janeiro 07, 2017, em: <http://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Publikationen/Migrationsberichte/migrationsbericht-2015.pdf?blob=publicationFile>
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(2016b). *Aktuelle Zahlen zu Asyl. Ausgabe: Dezember 2016 [Valores atuais referentes a pedidos de asilo. Edição de dezembro de 2016]*. Acedido em abril 15, 2017, em <http://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Downloads/Infothek/Statistik/Asyl/aktuelle-zahlen-zu-asyl-dezember>
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(2016c): *Sichere Herkunftsstaaten [Países considerados seguros]*. Acedido em janeiro 07, 2019, em: <http://www.bamf.de/DE/Fluechtlingschutz/Sonderverfahren/SichereHerkunftsstaaten/sichere-herkunftsstaaten-node.html>

- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(2017a). Inhalt und Ablauf [Conteúdos e estrutura dos cursos de integração]. Acedido em janeiro 07, 2018, em: <http://www.bamf.de/DE/Willkommen/DeutschLernen/Integrationskurse/InhaltAblauf/inhaltlauf-node.html>
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(2017b). Förderung für geflüchtete Frauen [Incentivos para mulheres refugiadas]. Acedido em fevereiro 17, 2019, em: <http://www.bamf.de/SharedDocs/Pressemitteilungen/DE/2017/20170307-010-pm-weltfrauentag.html?nn=1366068>
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF)(s/ data): Zugang zum Arbeitsmarkt für geflüchtete Menschen [Acesso ao mercado de trabalho de pessoas refugiadas]. Acedido em março 01, 2019, em: <http://www.bamf.de/DE/Infothek/FragenAntworten/ZugangArbeitFluechtlinge/zugang-arbeit-fluechtlinge-node.html>
- BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (BPB)(s/ data). Afghanistan [Afeganistão]. Acedido em janeiro 22, 2019, em: <http://www.bpb.de/internationales/asien/afghanistan/>
- BUNDESMINISTERIUM FÜR BILDUNG UND FORSCHUNG (2015). Flüchtlinge durch Bildung integrieren [Integrar os refugiados através de formação]. Acedido em março 15, 2017, em: <https://www.bmbf.de/de/fluechtlinge-durch-bildung-integrieren-1615.html>
- BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (BPB)(2015). Registrierte Asylsuchende 2015 nach Herkunftsländern [Requerentes de asilo em 2015 em função dos países de origem]. Acedido em março 15, 2017, em: <http://www.bpb.de/politik/innenpolitik/flucht/218788/zahlen-zu-asyl-in-deutschland>
- BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (BPB)(2018a). Ausländische Bevölkerung. In absoluten Zahlen, Anteile der Altersgruppen in Prozent, 1970 bis 2016 [População estrangeira em valores absolutos, em valores relativos em percentagem, de 1970 até 2016]. Acedido em janeiro 22, 2019, em: <http://www.bpb.de/nachschlagen/zahlen-und-fakten/soziale-situation-in-deutschland/61622/auslaendische-bevoelkerung>
- BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (BPB)(2018b). Wanderungen über die Grenzen Deutschlands. In absoluten Zahlen, 1984 bis 2016 [Migração para a Alemanha. Em valores absolutos, de 1984 a 2016]. Acedido em janeiro 23, 2019, em: <http://www.bpb.de/nachschlagen/zahlen-und-fakten/soziale-situation-in-deutschland/61640/wanderungen>
- BUTTERWEGGE, Carolin (2007). Neue Zuwanderungs- und Integrationspolitik seit 2005 [Novas políticas de imigração e integração desde 2005]. In: BPB - Bundeszentrale für Politische Bildung [Agência Federal Alemã de Educação Cívica]. Acedido em março 15, 2017, em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration/56340/neue-migrationspolitik>

- CASTIEN MAESTRO, Juan Ignacio (2014). Repensar a honra e a vergonha. Mulher muçulmana e imigração. In: J. Miranda a A. P. Beja Horta (orgs.). *Migrações e Género. Espaços, poderes e identidades*. Lisboa, Ed. Mundos Sociais: 127-136.
- CASTLES, Stephen (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*. Lisboa, Fim de Século.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA (DPLP)(2008-2013). Acedido em março 15, 2017, em: <https://www.priberam.pt/dlpomigrar>
- EUROSTAT (2019). Asylum decisions in the EU. EU Member States granted protection to more than 300 000 asylum seekers in 2018. Almost 30% of the beneficiaries were Syrians. Newsrelease 71/2019-25 April 2019. Acedido em abril 28, 2019, em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/9747530/3-25042019-BP-EN.pdf/22635b8a-4b9c-4ba9-a5c8-934ca02de496>
- FLÜCHTLINGSRAT Niedersachsen eV. (2017). Mal ehrlich! Flucht und Asyl in Niedersachsen [Francamente! Fuga e asilo na Baixa-Saxónia]. Acedido em novembro 20, 2018, em: <https://www.nds-fluerat.org/24158/zeitschrift/mal-ehrllich-flucht-und-asyl-in-niedersachsen/attachment/broschuere-asyl-nds-web/>
- FORTIER, A.-M. (2000). *Migrant Blongings: Memory, Space, Identity*. Oxford and New York, Berg.
- FRATZSCHER, Marcel / JUNKER, Simon (2015). Integration von Flüchtlingen – eine langfristig lohnende Investition [Integração de refugiados – um investimento que compensa a longo prazo]. In: *DIW Wochenbericht Nr. 45.2015*: 1083-1088. Acedido em março 15, 2017, em: http://www.diw.de/documents/publikationen/73/diw_01.c.518252.de/15-45-4.pdf
- GAMBARO, Ludovica *et al.* (2018). Refugees in Germany with Children Still Living Abroad Have Lowest Life Satisfaction. *DIW Wochenbericht 42/2018*: 415-425. Acedido em janeiro, 2019, em: https://www.diw.de/documents/publikationen/73/diw_01.c.602032.de/18-42-2.pdf
- GÖKKAYA, Hasa; SADIGH, Parvin (2018). Das Kopftuch für Kinder ist kein Trend [O lenço islâmico para crianças não é uma tendência]. In: *Zeit-Online*. Acedido em agosto 01, 2018, em: <https://www.zeit.de/gesellschaft/familie/2018-04/nordrhein-westfalen-kopftuchverbot-maedchen-debatte-meinungen>
- GRINBERG, Léon / GRINBERG, Rebeca (2004). *Migração e Exílio. Estudo psicanalítico*. Lisboa, Climepsi: 31-37, 127-131.
- HANEWINKEL, Vera (2015). Das Jahr 2015: Flucht und Flüchtlinge im Fokus – ein Rückblick [O ano de 2015: fuga e refugiados no centro das atenções – uma retrospectiva]. In: BPB - Bundeszentrale für Politische Bildung [Agência Federal Alemã de Educação Cívica]. Acedido em março 15, 2017, em: <https://www.bpb.de/gesellschaft/migration/kurzdossiers/217367/das-jahr-2015-ein-rueckblick>

- HANEWINKEL, Vera (2016). Das Asylverfahren in Deutschland: Schema des Ablaufs [O processo de asilo na Alemanha. Esquema e procedimento]. In: BPB - Bundeszentrale für Politische Bildung [Agência Federal Alemã de Educação Cívica]. Acedido em fevereiro, 2019, em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/kurz dossiers/227451/das-asylverfahren-in-deutschland>
- HANEWINKEL, Vera (2018). Frauen in der Migration: Ein Überblick in Zahlen. [Mulheres na Migração: um resumo em números]. In: BPB - Bundeszentrale für Politische Bildung [Agência Federal Alemã de Educação Cívica]. Acedido em janeiro, 2019, em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/kurz dossiers/280217/ein-ueberblick-in-zahlen>
- HANEWINKEL, Vera / HARTMANN, Laura (2019). Migrationspolitik – Dezember 2018 [Política migratória – Dezembro 2018]. Acedido em janeiro 04, 2019, em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/flucht/284104/migrationspolitik-dezember-2018>
- JOHANSSON, Susanne (2013). Bilder des »fundamental Anderen«: Islam- und Muslimfeindlichkeit in Deutschland [Imagens do »Outro fundamental«: Hostilidade contra o Islão e os muçulmanos na Alemanha]. In: *DJI Impulse* Nr. 104, 4/2013: 23-25.
- JOHANSSON, Susanne / SCHIEFER, David / ANDRES, Nora (2016). *Was wir über Flüchtlinge (nicht) wissen. Der wissenschaftliche Erkenntnisstand zur Lebenssituation von Flüchtlingen in Deutschland. [O que (não) se sabe sobre refugiados. O conhecimento atual sobre a situação de vida dos refugiados na Alemanha]*. Editora Robert Bosch Stiftung. Acedido em março 01, 2017, em: http://www.bosch-stiftung.de/content/language1/downloads/RBS_SVR_Expertise_Lebenssituation_Fluechtlinge.pdf
- KI-MOON, Ban (2015). „The recent refugee/migrant tragedies - a crisis of solidarity, not a crisis of numbers“. In: LinkedIn. Acedido em abril 14, 2017, em: <https://www.linkedin.com/pulse/recent-refugeemigrant-tragedies-crisis-solidarity-numbers-ban-ki-moon?articleId=8115740212446230039>
- KRAFT, Julia (2016). Welche verschiedenen Schutzformen können im Asylverfahren erteilt werden? [Que distintas formas de proteção podem ser atribuídas no processo de asilo?]. In: Bundeszentrale für Politische Bildung. Acedido em fevereiro 28, 2019 em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/kurz dossiers/224699/schutzanspruch-im-deutschen-asylverfahren>
- LÜBBE, Sascha (2019). „Die Bürger sind gemäßiger als die politische Debatte“ [„Os cidadãos são mais moderados que o debate político“]. Entrevista com o investigador de conflitos Andreas Zick]. In: *Zeit Online* (24.01.2019). Acedido em janeiro 25, 2019 em: <https://www.zeit.de/politik/deutschland/2019-01/integration-migration-umfrage-rechtsruck-diskurs-polarisierung>
- MARQUES, José Pedro / GÓIS, Pedro (2012). *A Emergência das Migrações no Feminino*. Cascais, Príncipeia: 36-72.

- MEDIENDIENST INTEGRATION (2016). Acedido em janeiro 15, 2017, em: <http://mediendienst-integration.de/integration/sprache.html>
- MIPEX IV (2015a). Migrant Integration Policy Index. Acedido em março 15, 2017, em: <http://mipex.eu/germany>
- MIPEX IV (2015b) - Migrant Integration Policy Index. Ergebnisse des MIPEX 2015 für Deutschland: Platz 10 von 38 [Resultados da Alemanha no MIPEX 2015: 10º. lugar de 38]. Acedido em março 15, 2017, em: http://www.rat-fuer-migration.de/pdfs/MIPEX2015_Pressrelease.pdf
- MIRANDA, Joana (2014). Vivências dos espaços pelas mulheres na cidade de Lisboa. In: J. Miranda a A. P. Beja Horta (orgs.). *Migrações e Género. Espaços, poderes e identidades*. Lisboa, Ed. Mundos Sociais: 15-26.
- NAÇÕES UNIDAS (s/data). *Declaração Universal dos Direitos Humanos. Artigo 14: Direito a asilo*. Acedido em janeiro 15, 2019, em: <https://unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu/direitos-humanos/14>
- NETO, Félix (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa, Universidade Aberta: 231-265.
- NIEDERSÄCHSISCHES LANDESSCHULBEHÖRDE (2017). SPRINT. Acedido em março 15, 2018, em: <https://www.landesschulbehoerde-niedersachsen.de/themen/projekte/sprint>
- POIRIER, Jean / CLAPIER-VALLADON, Simone / RAYBAUT, Paul (1999²). *Histórias de Vida. Teoria e Prática*. Oeiras, CELTA.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD)(2014). *Relatório do Desenvolvimento Humano de 2014 - Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência*. Acedido em março 15, 2017, em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf
- RAMOS, Maria da Conceição Pereira (2013a). Globalização e multiculturalismo. In: *Revista Eletrônica Inter-Legere* (ISSN 1982-1662), Número 13, julho a dezembro de 2013: 75-101.
- RAMOS, Natália (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa, Universidade Aberta.
- RAMOS, N. (2007). Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. In: *Revista portuguesa de pedagogia*, Ano 41 (3): 223-244.
- RAMOS, Natália (2008). A Diversidade Cultural na Cidade: Problemas e Desafios. In: Linda Rubim e Nadja Miranda (orgs.). *Transversalidades da Cultura*. Salvador, EDUFBA: 133-179.
- RAMOS, Natália (2009). Saúde, Migração e Direitos Humanos. In: *Mudanças – Psicologia da Saúde*. 17 (1) S. Paulo: 1-11.

- RAMOS, Natália (2010). Gênero e Migração – Questionando dinâmicas, vulnerabilidades e políticas de integração e saúde da mulher migrante. In: *Fazendo Género 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 23 a 26 de agosto de 2010.
- RAMOS, Natália (2011). Educar para a interculturalidade e cidadania: princípios e desafios. In: L. Alcoforado *et al.*, *Educação e Formação de Adultos. Políticas, Práticas e Investigação*. Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra: 189-200.
- RAMOS, Natália (2013b). Acolher e trabalhar com jovens entre culturas: contextos e competências interculturais. In: T. Medeiros (coord.), *Adolescência. Desafios e Riscos*. Ponta Delgada, Letras Lavadas: 107-135.
- RAMOS, Natália (2014a). Migração, Tráfico de pessoas e trabalho doméstico. *Revista Políticas Públicas*, 18 (2): 425-438.
- RAMOS, Natália (2014b). Conflitos interculturais no espaço europeu. Perspetivas de prevenção e intervenção. In H. Pina, P. Remoaldo, M. C. Ramos, H. Marques (orgs). *Grandes problemáticas do espaço europeu. Diversidade territorial e oportunidades de desenvolvimento num cenário de crise. The overarching issues of the european space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis*. Porto, FLUP: 225-245. Cdrom
Acedido em abril 25, 2019, em:
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13207.pdf>. Bucareste, Ed. Milena Press
- RODRIGO ALSINA, Miquel (2012²). *La comunicación intercultural*. Barcelona, Anthropos Editorial.
- ROHDE, Achim (2018). Irak [Iraque]. Acedido em dezembro 09, 2018, em:
<http://www.bpb.de/internationales/weltweit/innerstaatliche-konflikte/54603/irak>
- SADIGH, Parvin (2017). Es gibt keine Patentrezepte für alle. [Não existe uma solução patentada para todos]. In: *Zeit-Online*. Acedido em março 07, 2018, em:
<https://www.zeit.de/gesellschaft/zeitgeschehen/2017-09/integration-fluechtlinge-bilanz-migrationsforschung>
- SCHNEIDER, Jan (2007). Rückblick: Zuwanderungsgesetz 2005 [Retrospectiva: Lei da Imigração de 2005]. Acedido em março 01, 2019, em:
<http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration/56351/zuwanderungsgesetz-2005?p=all>
- TÄUBNER, Mischa (s/ data). Das neue Wir. Globalisierung und Migration führen die Menschen enger zusammen. Doch wie viel Vielfalt verträgt eine Gesellschaft? Und wie kommen Fremde miteinander klar? Eine Annäherung. [O novo Nós. Globalização e migração aproximam as pessoas. Mas quanta diversidade tolera uma sociedade? E como nos entendemos? Uma aproximação.] Acedido em março 07, 2019, em:
<https://www.brandeins.de/magazine/brand-eins-wirtschaftsmagazin/2018/naehe-und-distanz/gesellschaft-das-neue-wir>

- UNITED NATIONS, DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, POPULATION AND DIVISION (2017). *International Migration Report 2017: Highlights* (ST/ESA/SER.A/404). Acedido em dezembro 29, 2017, em: http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION (UNESCO)(1998) «DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS». Unesco Digital Library. Acedido em novembro 15, 2017 em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>
- UNITED NATIONS, HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR)(2016). *Global Trends. Forced Displacement in 2015*. Acedido em julho 04, 2016 em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>
- UNITED NATIONS, HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR)(2018). *UNHCR Global Trends 2017. Forced Displacement in 2017*. Acedido em dezembro 09, 2018, em: <https://www.unhcr.org/5b27be547.pdf>
- WIELAND, Carsten (2017). Syrien [Síria]. Acedido em abril 05, 2018, em: <http://www.bpb.de/internationales/weltweit/innerstaatliche-konflikte/54705/syrien>
<https://www.uno-fluechtlingshilfe.de/fluechtlinge/zahlen-fakten/>
- WORBS, Susanne / BARAULINA, Tatjana (2017). *Geflüchtete Frauen in Deutschland: Sprache, Bildung und Arbeitsmarkt*. Ausgabe 1 | 2017 der Kurzanalysen des Forschungszentrums Migration, Integration und Asyl des Bundesamtes für Migration und Flüchtlinge, Nürnberg. Acedido em abril 29, 2017, em: http://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Publikationen/Kurzanalysen/kurzanalyse7_gefluechtetete-frauen.pdf?blob=publicationFile
- WOELLERT, Franziska / KLINGHOLZ, Reiner (2014). *Neue Potenziale – Zur Lage der Integration in Deutschland* [Novos Potenciais – Sobre a situação da integração na Alemanha]. Acedido em março 01, 2019, em: http://www.berlin-institut.org/fileadmin/user_upload/Neue_Potenziale/Neue_Potenziale_online.pdf
- ZEIT-ONLINE (2018). *Weniger Angriffe auf Muslime in Deutschland*. [Menos ataques a muçulmanos na Alemanha]. Acedido em fevereiro 18, 2019, em: <https://www.zeit.de/politik/deutschland/2018-12/fremdenhass-angriffe-muslime-moschee-anzahl>
- ZEIT-ONLINE (2019). *Östliche Bundesländer sind für Asylsuchende deutlich gefährlicher*. [Estados Federais Orientais são bastante mais perigosos para requerentes de asilo]. Acedido em janeiro 01, 2019, em: <https://www.zeit.de/gesellschaft/zeitgeschehen/2019-02/rassismus-studie-oestliche-bundeslaender-asylsuchende-gefahr>
- ZIOBINA, Anna / PÁEZ, Dario (2008). *Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España*. In: Cabecinha, Rosa/ Cunha, Luís (eds.). *Comunicação intercultural. Perspetivas, dilemas e desafios*. Porto, Campo das Letras: 37-59.

ANEXO I – Guião de entrevista aos jovens requerentes de asilo²⁹

Caro(a) Estudante

Esta entrevista tem 4 partes, cerca de 30 perguntas e vai durar aproximadamente 90 minutos. [Como a entrevista não será efetuada na sua língua materna, irá receber uma folha com os quatro tópicos temáticos da entrevista, de forma a poder ler e a melhor compreende o que ouviu].

Na primeira parte, vou pedir que me fale da sua vida antes do exílio.

Na segunda parte, quero conhecer as suas memórias e experiências da sua fuga/do exílio.

Na terceira parte, vou pedir-lhe que me conte e descreva alguns problemas e dificuldades sentidos na Alemanha.

Na quarta parte, quero que me fale dos seus planos e projetos para o futuro.

Poderemos interromper a entrevista e/ ou fazer uma pausa sempre que necessitar/ desejar.

Por último, peço-lhe o favor de assinar a declaração de consentimento de gravação desta entrevista e do uso da informação na minha investigação de mestrado em Relações Interculturais.

Assinale com uma cruz se aceita que o seu nome próprio seja referido no texto, ou se prefere que sejam usadas as iniciais do seu nome, ou sequer que eu use um nome fictício.

Se tiver alguma dúvida/ alguma questão poderá coloca-la antes de começarmos.

Dados Sócio-demográficos

Nome

Idade

Sexo

País de origem/nascimento

Há quanto tempo chegou/reside na Alemanha

Veio sozinho ou com família

Com quem vive a maior parte do seu tempo

Tem irmãos?

Que lugar ocupa entre os irmãos (mais novo, mais velho, do meio)

Profissão do pai

Escolaridade do pai

Profissão da mãe

Escolaridade da mãe

Em relação aos seus pais: Vivem juntos / estão divorciados/ separados

Mãe falecida

Pai falecido

²⁹ Todas as questões do guião foram traduzidas pela investigadora para o Alemão, durante as entrevistas.

Mãe e pai falecidos

Religião

Prática a religião

Nível de escolarização

Estado civil

Estatuto na Alemanha

I PARTE – A vida antes do exílio

- Gostava que me falasse da sua vida antes de abandonar o seu país.
 - 1- Onde e com quem vivia?
 - 2- Como era o seu dia-a-dia no seu país?
 - 3- Fale-me de alguns hábitos e costumes concretos que tinha no seu país e que perdeu no exílio.
 - 4- Vê isso como positivo ou negativo? Porquê?
 - 5- Do que mais gostava e sente falta da sua vida antes do exílio?

II PARTE – Principais memórias da experiência de fuga/exílio

- Gostaria que me falasse da sua experiência da fuga/exílio.
 - 6 - Quando e por que razões decidiu abandonar o seu país?
 - 7 - Como executou a fuga - sozinho/ com amigos/ familiares?
 - 8 - O que sentiu ao ter de abandonar a sua casa, terra, os seus familiares, amigos?
 - 9 - Que dificuldades e sentimentos teve durante a fuga?
 - 10 - Pode contar-me algumas das suas memórias ou acontecimentos mais marcantes (negativos ou positivos) durante a fuga?
 - 11 - Costuma pensar nessas experiências?

III PARTE – Dificuldades e problemas de adaptação

- Agora gostaria que me contasse algumas dificuldades e problemas de adaptação que experimentou aqui na Alemanha.
 - 12 - Pode dizer-me há quanto tempo vive na Alemanha?
 - 13 – Teve problemas/dificuldades no alojamento?
 - 14 – A nível de saúde, quais têm sido os problemas/dificuldades?

- 15 - Como é a situação escolar/ acesso a formação? Há dificuldades/problemas?
- 16 - Problemas/ dificuldades familiares?
- 17 - Outros problemas/ outras preocupações?
- 18 - Como poderiam ser solucionados?
- 19 - Fale-me dos seus contactos/ relações com a população alemã?
- 20 - Como é o seu contacto/ relação com outros refugiados?
- 21 - O que lhe faz muita falta na sua vida aqui e, na sua opinião, não é tido em conta ou lhe é recusado pelo Estado alemão/ pela escola/ etc.?
- 22 - Quais as principais dificuldades encontradas?
- 23 - Quais as principais facilidades encontradas?
- 24 - Conte-nos algum acontecimento ou experiência mais difícil vivida na Alemanha
- 25 - Quais os principais apoios tido na Alemanha?

IV PARTE – Planos para o futuro

- Gostaria que me falasse de alguns dos seus planos para o futuro.

- 26 - Onde se vê daqui a cinco anos?
- 27 - Por exemplo, onde e com quem gostaria de viver, o que gostaria de fazer?
- 28 - Que estratégias tem para alcançar os seus objetivos?
- 29 - Acha que vai ser fácil ou difícil atingir os objetivos - porquê?
- 30 - Tem pessoas concretas ou instituições que o/a querem ajudar?
- 31 - Como é que o Estado alemão o/a poderia ajudar a atingir os seus objetivos?

A entrevista terminou!

Como se sente?

Tem alguma questão?

Muito obrigada pela sua participação!

ANEXO II – Tradução dos tópicos e subtemas do guião de entrevista

(Alemão/Árabe)

Das Interview: 4 Teile

A entrevista: 4 partes

1. Teil – Das Leben vor dem Exil

Primeira parte – A vida antes do exílio

كيف كانت حياتك قبل اللجوء؟

2. Teil – Wichtigste Erinnerungen im Exil und Fluchterfahrungen

II Parte – Experiências e memórias mais importantes

ماهي اهم الذكريات والخبرات في وقت اللجوء الان؟

3. Teil – Schwierigkeiten und Probleme bei der Anpassung

III PARTE – Dificuldades e problemas de adaptação

ما هي الصعوبات والمشاكل التي تواجهها الان في المانيا؟

4. Teil – Zukunftspläne

IV PARTE – Planos para o futuro

ماهي خططك في المستقبل؟

Tradução dos tópicos e subtemas do guião de entrevista

(Alemão/ Persa)

Das Interview: 4 Teile

A entrevista: 4 partes

مصاحبه

1. Teil – Das Leben vor dem Exil

Primeira parte – A vida antes do exílio

زندگی خود را قبل از جلاى وطن (تبعید) تشریح کنید؟

2. Teil – Wichtigste Erinnerungen im Exil und Fluchterfahrungen

II Parte – Experiências e memórias mais importantes

مهمترین خاطرات خود در تبعید و تجارب در حین فرار را تشریح کنید؟

3. Teil – Schwierigkeiten und Probleme bei der Anpassung

III PARTE – Dificuldades e problemas de adaptação

چه مشکلات و مسائلى برای تطبیق خود در جامعه آلمان داشتید یا خواهید داشت؟

4Teil – Zukunftspläne

IV PARTE – Planos para o futuro

برنامه ی زندگی خود را برای آینده توضیح دهید؟

ANEXO III – Declaração de consentimento dos participantes

Einverständniserklärung

Hiermit erkläre ich mich einverstanden, dass Frau Teresa Skubowius die Informationen dieses Gespräches für Ihre Studie im Rahmen der Abschlussarbeit des Masterstudienganges Interkulturelle Beziehungen benutzen darf.

Ort, Datum

(Tradução para o Português)

Declaração de consentimento

Declaro aceitar que a Senhora Teresa Skubowius utilize as informações desta conversa para o seu estudo no âmbito da dissertação de Mestrado em Relações Interculturais.

Local, Data